



PROFHISTÓRIA

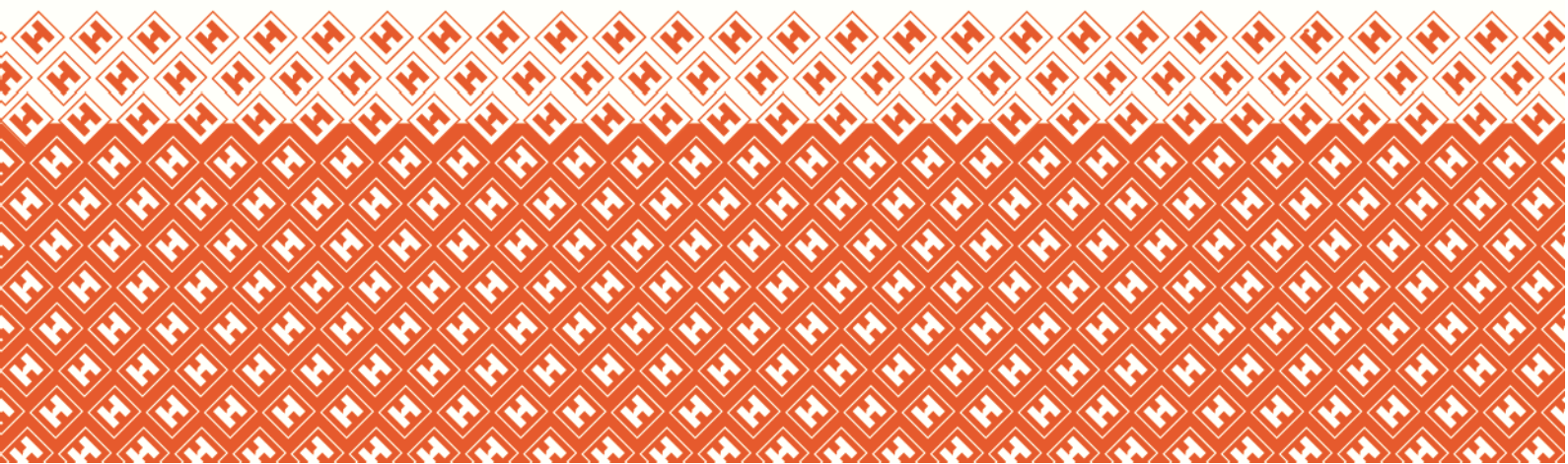
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

HUDSON REZENDE DE ARAÚJO

#SACASÓNESSAHISTÓRIA
As possibilidades do Instagram para o
Ensino de História

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

Abril / 2024



HUDSON REZENDE DE ARAUJO

#SACASÓNESSAHISTÓRIA
As Possibilidades do Instagram para o Ensino de História

Dissertação apresentada à banca examinadora
como requisito para obtenção do título de
mestre em Ensino de História do
(PROFHISTÓRIA) – UFRR.

Linha de pesquisa: Linguagens e Narrativas
Históricas: Produção e Difusão

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcella Albaine.

Boa Vista
2024

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Biblioteca Central da

A663s Araújo, Hudson Rezende de.
#Sacosónessahistória - as possibilidades do Instagram para o Ensino de
História / Hudson Rezende de Araújo. – Boa Vista, 2024.
145 f. : il. Inclui Apêndice(s).

Orientadora: Profa. Dra. Marcella Albaine.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Roraima.
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História.

1. Ensino de história. 2. Instagram. 3. História pública. 4. Professor
influencer digital. I. Título. II. Albaine, Marcella (orientadora).

CDU (2. ed.) 372:93

Universidade Federal de Roraima

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista (UFRR): Maria de Fátima Andrade
Costa - CRB-11/453-AM

HUDSON REZENDE DE ARAUJO

#SACASÓNESSAHISTÓRIA
As Possibilidades do Instagram para o Ensino de História

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Roraima, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marcella Albaine (Orientadora)
Universidade Federal Roraima - UFRR

Profa. Dra. Carla Monteiro (Examinadora Interna)
Universidade Federal Roraima - UFRR

Profa. Dra. Anita Lucchesi (Examinadora Externa)
Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a deusa Seshat, Senhora da Escrita e dos Livros, pois no primeiro dia que sentei para escrever meu projeto de pesquisa, coloquei seu ícone ao meu lado para me dar forças e inspiração, pois sabia que seria muito difícil a caminhada e como promessa, aqui está meu agradecimento escrito por toda a eternidade.

Também agradeço aos deuses, Heru-wer meu pai, bem como Aset-Serqet e Set, meus amados, ao qual orei diversas vezes pedindo ajuda e discernimento, eles não me deixaram cair.

Agradeço ainda aos meus orixás, Ogum, Oya e Odé que nos búzios me disseram para não desistir.

Agradeço meu marido, Cássio Gabriel, que me deu forças, disse para não desistir, foi paciente em meio a tantos surtos e choros e foi um amor quando colocou aquela xícara de café ao meu lado sem dizer uma só palavra, apenas para me trazer um maior conforto em meio a todo o peso que ele sabia que eu estava carregando. Te amo!

Agradeço aos meus pais, João Primo e Suzana que me apoiaram e choraram quando eu disse que tinha passado. Toda vez que pensei em desistir, eu pensava neles, pensava em quanto esse meu sonho também era deles e o quanto eles colocam fé em mim mesmo nem eu acreditando. Muito obrigado por me acolher, me amar e me dar forças. Amo vocês!

Deixo minha gratidão profunda a todos as grandes pessoas que encontrei por causa do ProfHistória, professoras que foram extremamente pacientes e empáticas em meio às nossas necessidades, bem como a todos os meus colegas da turma 2022 que é a minha e a de 2023 que tive aula e me fui extremamente acolhido pelo carinho de vezes, desejo tudo de bom em suas jornadas.

Quero agradecer enfaticamente quatro pessoas, Profa. Dra. Marcella Albaine que pra mim é meu grande modelo e inspiração de tudo que quero ser: amorosa, empática, cuidadosa, atenciosa e profissional. Você não soltou minha mão nem por um segundo e me acolheu logo de cara naquele domingo chuvoso de seu aniversário, jamais vou esquecer aquele abraço de afeto que tivemos na praia de Copacabana no Rio de Janeiro. Você faz parte de mim. Agradeço a Profa. Dra. Maria Luiza que foi tão amorosa comigo quando disse que não iria conseguir, me deu força e coragem pra seguir em frente. Eu tenho muito orgulho em te conhecer. Agradeço a Profa. Dra. Carla Monteiro que aceitou um trabalho sobre História Cultural em forma de Memes, sorrimos e aprendemos juntos,

você é um exemplo pra mim! E por fim, quero agradecer minha amiga de vitória, pois passamos juntos no concurso e no mestrado, a Profa. Cleicimar de Souza, pois nesses dois anos rimos, choramos, brincamos e aprendemos tanto. Vou te levar pra vida, você é meu maior patrimônio nessa jornada.

Agradeço também a todos meus seguidores do Instagram, que acompanharam todo esse processo e sempre quando viam que eu estava meio triste me mandavam mensagens de apoio e dizia pra não desistir, pois eu era uma inspiração. Muito obrigado!

Agradeço também aos meus amigos de trabalho, principalmente a Profa. Suelen de Matos que foi uma companheira, amiga e fã fiel. Que mandava eu tomar vergonha na cara que se eu tinha três empregos e ainda fazia mestrado era porque eu dava conta, bem como a Profa. Luanda Campina, que com a força e luz de seus orixás sempre me iluminou com seus conselhos de amizade e carinho. Adoro vocês!

Quero agradecer aos meus alunos, que escutaram eu falar da minha dissertação várias vezes e são minha maior inspiração para continuar meu trabalho no Instagram e a ir todos os dias para a escola. Vocês que sempre fazem minhas atividades e trabalhos doidos, reclamam, mas ao mesmo tempo dizem que me amam. Eu não existiria se não fosse vocês, para vocês! Passar por tudo isso, também é por vocês!

Quero agradecer também à minha psicóloga Myrla Lima, que com profissionalismo e empatia me ajudou a superar traumas, medos e inseguranças, me fez enxergar que precisava continuar não pelos outros, mas por mim mesmo.

Por último, quero agradecer a mim mesmo! Fiz um mestrado mesmo trabalhando em 3 turnos diários, em quatro lugares diferentes, mas penso em conquistar o mundo através da História e da Educação. Eu amo minha profissão de todo meu coração e buscar me profissionalizar, melhorar e desenvolver é um sonho que não acaba nesse mestrado, continuarei. UFRR, ProfHistória, eu voltarei.

RESUMO

O presente trabalho, intitulado "#SACASÓNESSAHISTÓRIA - As Possibilidades do Instagram para o Ensino de História", tem como principal objetivo analisar as possibilidades do uso do Instagram para o Ensino de História, defendendo o professor como influenciador não só no meio presencial, mas também no digital. Dessa forma, busca-se no campo do Ensino de História toda a fundamentação para refletir sobre professores de História ocupando espaços na plataforma do Instagram, resignificando essa rede social como um ambiente propício para produção e construção do conteúdo histórico a partir do olhar sensível da Amazônia roraimense. Foi proposto como produto dessa dissertação uma oficina pedagógica intitulada "Professor *Influencer* – As Possibilidades do Instagram para o Ensino de História" a qual, juntos com docentes da educação básica do Estado de Roraima, alunos do ProfHistória UFRR, foi buscado enxergar o Instagram como uma possibilidade criativa, explorando cada recurso dessa plataforma. Longe de ser uma imposição, o resultado foi ver professores de História engajados na importância de ocupar espaços nas redes sociais, produzindo conteúdo histórico, bem como atentar criticamente para as estratégias e os critérios para elaborar postagens de qualidade.

Palavras-chaves: Ensino de História, Instagram, História Pública, Professor *Influencer* Digital

ABSTRACT

The present work, titled "#SACASÓNESSAHISTÓRIA - The Possibilities of Instagram for History Teaching," aims to analyze the possibilities of using Instagram for History Education, advocating for the teacher as an influencer not only in person but also digitally. Thus, it seeks in the field of History Education all the foundation to reflect on History teachers occupying spaces on the Instagram platform, redefining this social network as a conducive environment for the production and construction of historical content from the sensitive perspective of Roraima's Amazon. As a product of this dissertation, a pedagogical workshop titled "Teacher Influencer – The Possibilities of Instagram for Teaching History" was proposed, which, together with basic education teachers from the State of Roraima and students from ProfHistória in UFRR, sought to see Instagram as a creative possibility, exploring each feature of this platform. Far from being an imposition, the result was to see History teachers engaged in the importance of occupying spaces on social networks, producing historical content, as well as critically paying attention to strategies and criteria for creating quality posts.

Keywords: History Teaching, Instagram, Public History, Digital Influencer Teacher

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Fotografia de Kevin Systrom e Mike Krieger.	47
Imagem 2 - Instablog de História do Prof. Hudson Araujo.	84
Imagem 3 - Pesquisador/Professor Hudson Araújo na Oficina Pedagógica.	94
Imagem 4 - Palavras sobre o Instagram apresentadas pelos professores.	95
Imagem 5 - Pesquisador/professor Hudson Araujo explicando.	96
Imagem 6 - Pesquisador/professor Hudson Araujo na oficina pedagógica.	98

LISTA DE ABREVIACÕES

BaObAH	Banco de Objetos de Aprendizagem de História
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGTV	Instagram TV
LABEHD	Laboratório de Ensino de História e Humanidades Digitais
OP	Oficina Pedagógica
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRR	Universidade Federal de Roraima

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS DEMANDAS DA ATUALIDADE.....	20
2.1 História como conteúdo.....	27
2.2 Como se aprende História.....	35
2.3 O professor de História na atualidade.....	40
3. #SACASÓNESSAHISTÓRIA.....	47
3.1 O Instagram e outras redes sociais.....	52
3.2 Professor, influencer ou tudo junto?.....	61
3.3 Possibilidades e desafios do docente no Instagram na Amazônia roraimense.....	71
4. OFICINA PEDAGÓGICA: OS USOS DO INSTAGRAM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	77
4.1 O que é uma oficina pedagógica.....	79
4.2 - Construindo um Instablog.....	84
4.3 O produto: a oficina pedagógica “Professor Influencer: as possibilidades do Instagram para o Ensino de História”.....	91
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
APÊNDICE 1 - ROTEIRO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS.....	119
APÊNDICE 2 - SLIDES UTILIZADOS NAS OFICINAS PEDAGÓGICAS.....	123

1. INTRODUÇÃO

O presente texto refere-se ao resultado da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e é fruto da primeira dissertação defendida no âmbito do Laboratório de Ensino de História e Humanidades Digitais (LABEHD/UFRR). O objetivo foi analisar as possibilidades do uso do Instagram para o Ensino de História, buscando apresentar meios para que professores pudessem enxergar o Instagram como um espaço de construção de conteúdo histórico, transformando essa rede social em um local de divulgação e valorização dos saberes históricos. Assim, por meio de uma oficina pedagógica, chamadas aqui também de OP, docentes de História da educação básica puderam discutir, refletir e aprender as potencialidades de se tornar um influenciador nessa plataforma.

Nos dias atuais, no mundo digital, as redes sociais se destacam como instrumentos poderosos que vão além da comunicação diária, influenciando também o cenário educacional. O título "#SACASÓNESSAHISTÓRIA - As Possibilidades do Instagram para o Ensino de História" propõe uma abordagem diferente do Instagram como um meio útil e acessível para melhorar o Ensino de História. Este título captura a essência da adaptação às mudanças tecnológicas e do aproveitamento de plataformas digitais para transformar a forma como o conteúdo histórico é construído pelos alunos e outras pessoas nessa rede.

Através de reflexões em conjunto com os discentes e do desejo de métodos de ensino que se conectam mais com a realidade dos mesmos, buscamos enxergar no Instagram uma chance de ampliar os horizontes educacionais. Esta dissertação não é apenas uma resposta às solicitações dos alunos, mas também o resultado de uma profunda introspecção pedagógica, procurando formas de ultrapassar as barreiras tradicionais na educação. Por meio do Instagram, o professor pode criar um ambiente que não só informa, mas também inspira, tornando o ensino de história amplamente acessível e refletindo os desafios da educação no século XXI.

Optar pelo Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória demonstra a valorização do educador como um pesquisador que gera novos conhecimentos pedagógicos. O Programa se destaca pela valorização do docente no desenvolvimento de metodologias inovadoras, enxergando a sala de aula como um laboratório importante para mobilizar e construir saberes históricos escolares. Conforme a profa. Dra. Marcella Albaine costuma falar nas aulas, “valorizamos o chão da sala de

aula”, destacando a importância desse ambiente como um local propício para o desenvolvimento da reflexão e da prática pedagógica.

Além disso, o ProfHistória fornece uma oportunidade relevante para a análise crítica das metodologias utilizadas no campo do (Ensino de) História. Isso incentiva os estudantes de pós-graduação a investigarem e desafiar as suas metodologias, promovendo a procura por práticas potencialmente mais cativantes para os estudantes, bem como pensar a própria experiência em si. O reconhecimento dessas abordagens é fundamental para o avanço do Ensino de História como campo de pesquisa, já que incentiva uma aprendizagem mais significativa e dialogada com a vida dos alunos.

Outra característica essencial do ProfHistória é a importância de colaborar com o aprimoramento constante dos docentes de História. Quando o estudante de pós-graduação se envolve no ambiente acadêmico, é encorajado a reavaliar e melhorar suas formas de ensino, tornando-se uma manifestação de transformações que podem impactar de forma positiva seus colegas. A partilha de práticas e saberes é fundamental para a união dos professores e para a melhoria do ato de ensinar com mais dinamismo e reflexão.

O conhecimento histórico é essencial para a compreensão crítica das mudanças e permanências da sociedade e do ser humano. Ele vai além de apenas transmitir fatos e dados; é um ambiente para pensar, examinar e compreender os processos históricos e suas relações com o presente. De acordo com Circe Bittencourt (2011) é essencial que o Ensino de História estimule o pensamento crítico e histórico nos alunos, preparando-os para compreender e intervir na sociedade atual. É necessário defender que uma narrativa ensinada deve estar relacionada com as experiências dos estudantes, trazendo mais significado e importância para o aprendizado.

Todas as razões elencadas foram fundamentais para esse texto, que foi pensado durante o exercício da sala de aula, mas refletido e construído entre docentes de História na formação continuada, conforme será explicitado, voltando, assim, como contribuição para docência superior.

A presença de professores de História como criadores de conteúdo no Instagram representa uma possibilidade importante na educação e na divulgação do conhecimento histórico. Ao usarem esse espaço, esses não estão apenas ampliando os limites da sala de aula convencional, como também estão alterando a forma como o Instagram é utilizado, muitas vezes é considerada apenas como uma plataforma de entretenimento. Eles convertem a linha do tempo dos usuários em um *feed* educativo, na qual cada postagem pode representar uma interação valiosa.

Uma mudança para o meio digital permite que os docentes atinjam um público mais variado e extenso. Quando se tornam *influencers* digitais (influenciadores digitais, como são chamados os formadores de opinião das redes), eles têm a chance de motivar uma nova geração de estudantes com conteúdos que podem ser tanto educativos quanto envolventes. Isso é especialmente relevante em um período em que a desinformação pode se proliferar rapidamente; os educadores de história no Instagram podem desempenhar um papel crucial na promoção da análise crítica.

Além disso, ao estabelecer *Instablogs* dedicados à História, esses educadores estão colaborando para o desenvolvimento de uma comunidade de aprendizado histórico *online*. Eles promovem uma troca de ideias e divulgação, essencial para compreender a nossa ciência, e disponibilizam um espaço para ampliar a diversidade de vozes. Isso é fundamental para uma compreensão mais abrangente e específica da História, que vai além dos livros escolares e das Histórias tradicionalmente trabalhadas nas escolas e cursos de formação superior.

Por fim, os professores que atuam no Instagram como criadores de conteúdo estão dando um novo significado à utilidade dessa plataforma. Eles mostram que o Instagram tem o potencial de ser um ambiente de aprendizado valioso e de intercâmbio cultural. Ao realizarem essa ação, eles não apenas podem melhorar a experiência *online* de quem os segue, mas também definir um novo modelo do que é ser um educador no século XXI, explorando e influenciando o ambiente digital para a educação.

O Ensino de História tem enfrentado novas dificuldades com o surgimento das redes sociais. Em seu estudo sobre a utilização das redes sociais na área educacional, José Maurício dos Santos Pinheiro (2019) defende que as redes digitais introduzem na educação novos meios de alcançar e envolver os estudantes. Dentro dessa situação, Pedro Botelho Rocha (2020) observa que certos educadores têm se sobressaído como influenciadores nas plataformas *online*, utilizando suas redes sociais para divulgar conteúdo histórico de maneira fácil e interessante. Esses profissionais utilizam recursos como vídeos, postagens e transmissões ao vivo para difundir o conhecimento histórico, atingindo um público muito maior do que o tradicionalmente alcançado em sala de aula.

Pinheiro (2019) destaca que os professores que são influenciadores digitais possuem a capacidade de tornar o acesso ao conhecimento histórico mais democrático, superando limitações geográficas e sociais. Eles aproximam uma narrativa da vida diária dos estudantes, estabelecendo conexões entre o passado e o presente e estimulando análises críticas. Rocha (2020) acrescenta que essa forma de ensino pode atrair a atenção dos jovens para a matéria, favorecendo uma aprendizagem mais profunda e que

permanece por mais tempo.

Contudo, faz-se necessário refletir criticamente sobre esse acontecimento. A ampla divulgação de informações por meio das redes sociais nem sempre garante precisão e confiabilidade. Conforme ressalta Pinheiro (2019), os professores influenciadores digitais precisam ter consciência da responsabilidade ao compartilhar conteúdo histórico, garantindo a precisão das informações e incentivando uma abordagem crítica e contextualizada. Além disso, a influência desses profissionais pode gerar uma dependência extrema das tecnologias digitais, negligenciando outras maneiras de aprender e refletir mais profundamente.

Assim, mesmo que tenhamos ciência das vantagens dos professores influenciadores digitais no ensino de história, é necessário manter um equilíbrio entre a tecnologia digitais e os princípios pedagógicos básicos. A incorporação das mídias sociais na educação deve ser realizada de forma cuidadosa e analítica, com foco na excelência do ensino e aprendizagem. É importante que eles invistam na formação para que possam utilizar os mais variados recursos digitais de maneira ética.

Assim, conforme sinalizado, o objetivo deste trabalho é buscar analisar a inclusão do Instagram no ensino de história, entendendo-o como uma nova possibilidade nas metodologias contemporâneas, em que o professor atua como influenciador. O uso desta plataforma como estratégia pedagógica possibilita uma abordagem do conteúdo histórico mais dinâmica e interativa, estimulando a participação ativa dos alunos na aprendizagem.

A utilização do Instagram como material pedagógico para docentes de História implica em modificar as abordagens de ensino para estimular a participação dos alunos de forma mais construtiva. Transformando o *feed* e as Histórias em ambientes de aprendizagem, os docentes podem estimular a reflexão crítica e o interesse pela nossa área disciplinar. Isso inclui selecionar conteúdo relevante, criar narrativas visuais e promover publicações que façam a ligação entre passado e presente.

Interrogar a “eficácia” do Instagram como instrumento educacional é fundamental para compreender suas restrições e possíveis questões. Isso inclui a avaliação crítica da plataforma, a temporalidade do conteúdo e as questões de privacidade e atenção. Uma análise minuciosa desses aspectos pode resultar em ações mais conscientes e responsáveis ao utilizar a rede social para fins educativos.

Reconhecer o educador como um produtor de conteúdo responsável e informado implica valorizar a docência nas redes sociais. Isso necessita de uma base robusta em teoria e metodologia, garantindo que o conteúdo compartilhado não chame apenas a

atenção dos estudantes, mas também estimule a compreensão e a análise. A qualidade e profundidade do conteúdo são essenciais para construir reforço e autoridade educacional na plataforma.

Resumidamente, a integração do Instagram no ensino de História pode ser uma melhoria na prática educativa, combinando abordagens casuais com as inovações digitais. Enquanto exploram essas ideias, os professores precisam encontrar uma harmonia entre a novidade e a manutenção dos padrões acadêmicos, garantindo que a tecnologia seja usada como um meio de aprendizado. Ao ser devidamente considerado e adaptado, o Instagram pode enriquecer a experiência educacional, tornando a aprendizagem da história mais acessível e envolvente para a geração digital.

Tal pesquisa se justifica primeiramente pela minha experiência empírica nas redes sociais, sendo mais atuante no Instagram, espaço que trabalho explicando história através de vídeos, memes e textos desde 28 de fevereiro de 2018, acompanhando as mudanças da plataforma, bem como as adaptando às necessidades para produção de conteúdo histórico. No meu perfil do instagram - @prodhudsonaraujo - possuo mais de 2.300 postagens com os mais variados temas da história, e também a minha prática docente, acumulando até 2024, mais de 21 mil seguidores que interagem com essa produção histórica todos os dias através de comentários, curtidas e compartilhamentos.

Ao pesquisar sobre o tema, Instagram e o Ensino de História, no banco de dissertações do Profhistória, não encontrei nenhum trabalho especificamente com essa plataforma. Em seguida, fui buscar por temas mais amplos como “redes sociais” e, nesse caso, constatei algumas pesquisas, todavia, sem tratar especificamente sobre o Instagram. O mais próximo disso, foi o trabalho da pesquisadora Daniela Martins de Menezes Moraes com o título “Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar”.

Ainda, esse trabalho se legitima pelo aumento do uso de redes sociais, dentre eles o Instagram, como um dos principais utilizados, seus mais de 122 mil usuários que buscam diariamente diferentes tipos de conteúdos como entretenimento, pesquisas escolares, busca por conhecimentos gerais e novas amizades, principalmente por parte dos adolescentes e jovens de quatorze a dezoito anos de idade que estão em período escolar (CRUZ, 2023). Esses Homo Zappiens¹ (VEEN, 2009), seres do século XXI, estão imersos em um mundo conectado, de informação rápida e se influenciam de

¹ De acordo com Veen: “A nova geração, que aprendeu a lidar com novas tecnologias, está ingressando em nosso sistema educacional. Essa geração, que chamamos geração Homo zappiens, cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância: o controle remoto da televisão, o mouse do computador, o minidisc e, mais recentemente, o telefone celular, o iPod e o aparelho de mp3.(2009, p. 12)”

diversas fontes, algumas às quais não possuem credibilidade ou orientação.

Face a isso, é máxime que na contemporaneidade, o mundo digital, principalmente as redes sociais, ganham destaque e importância excepcional que não pode ser negligenciado pela docência, principalmente nos profissionais de Humanas que possuem amplos referenciais teóricos, visto que redes sociais não são novas na História da humanidade, conforme será discutido.

Para a sociedade, esse trabalho se justifica principalmente pela valorização do saber da docência, demandando um espaço de destaque para esse profissional. Nas redes sociais, como no Instagram, existem produtores de conteúdos de História que não possuem o conhecimento metodológico e teórico comuns dessa área, muitas vezes falando e reproduzindo discursos sem embasamento de fontes. Diante do exposto, urge a necessidade de uma ocupação desse espaço onde possamos produzir conteúdos a partir do profissionalismo do professor.

Através do produto deste trabalho, que é uma oficina pedagógica para educadores, ficará evidenciado a viabilidade quanto à implementação deste trabalho não somente no momento da pesquisa, mas em vários outros, podendo ser replicado por outros profissionais que desejam conhecer e aprofundar-se nas possibilidades do uso do Instagram para o Ensino de História.

O Instagram oferece diversos recursos para criação de conteúdo, como fotos e vídeos no *feed*² com textos explicativos, *stories*³ com vídeos de 15 segundos e funcionalidades como enquetes e *links*⁴, *reels*⁵ com vídeos curtos e *lives*⁶ para interações em tempo real com seguidores ou espectadores, proporcionando uma variedade de possibilidades para explorar diversos temas. Entretanto, o foco principal é nas respostas, que dão vida a essa produção e são construídas com os comentários, sugestões, participações e questionamentos das pessoas.

O papel do docente de História na atualidade é fundamental para a formação crítica e cidadã dos estudantes. Em um mundo marcado por conflitos, desigualdades e desafios sociais, ambientais e políticos, o ensino de História pode contribuir para

² É a página principal do Instagram onde você pode ver as postagens das pessoas que segue. As postagens são exibidas em ordem cronológica inversa, com as mais recentes no topo.

³ São postagens que desaparecem após 24 horas. Eles são exibidos no topo do feed e podem incluir fotos, vídeos, texto, adesivos e muito mais.

⁴ Os “links de stories” são links que os usuários podem adicionar aos seus stories, geralmente disponíveis para contas verificadas ou contas com mais de 10.000 seguidores.

⁵ É uma funcionalidade que permite aos usuários criar e compartilhar vídeos curtos (até 30 segundos) com música e outros efeitos de áudio.

⁶ São transmissões de vídeo ao vivo que os usuários podem fazer no Instagram. Durante uma transmissão ao vivo, os espectadores podem comentar e enviar corações em tempo real. As lives podem ser salvas como vídeos IGTV após a transmissão.

compreender o passado, o presente e o futuro de forma contextualizada e problematizada. Nesse sentido, esse profissional tem a responsabilidade de selecionar e organizar os conteúdos históricos, de acordo com os objetivos pedagógicos e as diretrizes curriculares, de forma a promover o diálogo, a diversidade e a pluralidade de perspectivas e fontes históricas. Além disso, pode utilizar metodologias ativas e participativas que estimulem o protagonismo, a curiosidade e a criatividade dos alunos, bem como o desenvolvimento de habilidades como leitura, escrita, pesquisa, análise e interpretação crítica de documentos e fenômenos históricos.

Como professores, estamos totalmente conscientes das muitas responsabilidades e desafios que envolvem a carreira docente. Enfrentamos diariamente algumas demandas como a carga de trabalho exaustiva, muitos alunos, a necessidade de atualização pedagógica constante e agora a adaptação às tecnologias digitais. Contudo, é fundamental destacar que o propósito deste estudo não é aumentar uma carga na vida desses profissionais ainda mais. Ao invés disso, procura-se proporcionar um alento, uma perspectiva que possa enriquecer o conjunto de seus recursos educacionais. O uso do Instagram como estratégia pedagógica possibilita uma forma lúdica de abordar conteúdos históricos, tornando o ensino potencialmente mais dinâmico e interativo para os alunos.

É também uma parte essencial deste estudo a valorização do conteúdo histórico feito por outros educadores no Instagram. Ao aceitar e incluir esses recursos em suas maneiras de ensinar, os educadores não apenas variam suas abordagens, mas também estimulam a troca de conhecimento entre eles. Isso não apenas torna mais simples obter vários materiais didáticos importantes, mas também promove a interação e a comunicação entre os educadores. Assim, este estudo não representa um peso extra, mas sim uma oportunidade para descobrir e adotar novas abordagens que podem renovar o Ensino de História e aprimorar a experiência educacional.

Reconheço plenamente os desafios e as dificuldades que nos professores enfrentam ao utilizar e produzir conteúdo histórico no Instagram. Esta plataforma, embora seja um recurso poderoso e contemporâneo, não é vista por nós como salvadora, nem tampouco perfeita. Ao contrário, acreditamos que ela oferece uma possibilidade adicional que, se utilizada de maneira crítica, reflexiva e responsável, pode enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Não é nossa intenção falar em substituição de métodos, mas sim em complementaridade.

Este texto dissertativo é composto por três capítulos principais que abrangem diversas subdivisões temáticas. O capítulo sobre **"O Ensino de História e suas**

demandas atuais" discorre sobre como o Ensino de História tem se transformado e se adaptado às necessidades da atualidade. Neste capítulo inicial são apresentados conceitos importantes que serão abordados ao longo do trabalho, enfatizando a importância da História e sua habilidade de incorporar novas abordagens e tecnologias. O debate gira em torno da relevância de um ensino que não se ocupe meramente de fatos, mas sobretudo que incentive a reflexão crítica e a participação social, proporcionando aos alunos compreender e se envolver no mundo contemporâneo.

Nos subcapítulos do texto exploram-se os elementos essenciais do Ensino de História. A "História como conteúdo" analisa o currículo e os assuntos selecionados para aprendizagem, ressaltando a importância de um conteúdo abrangente e que reflita as várias perspectivas históricas. Já "Como se aprende História" aborda as diferentes formas de ensinar, enquanto "O papel do professor de História na atualidade" destaca a importância da formação contínua e da conscientização das influências sociais e culturais na prática docente e no aprendizado dos alunos. Juntos, esses subitens oferecem uma perspectiva ampla sobre os desafios e oportunidades existentes na educação em História atualmente.

O segundo capítulo desta dissertação, intitulado **"#SACASÓnessaHistória"**, explora as capacidades do Instagram como instrumento educacional crítico. A análise examina a ideia deste espaço virtual não apenas como um lugar para armazenar informações, mas como um ambiente interativo e dinâmico para o ensino da nossa disciplina. A função do professor é ressaltada como fundamental, participando não como um mero transmissor de informações, mas como um participante ativo na criação de narrativas históricas significativas e envolventes, construindo essas reflexões juntos com alunos e seguidores. Por meio do Instagram esse profissional pode adotar uma abordagem ativa, se aproximando dos estudantes com linguagem e formatos que se conectam com o público, estimulando a reflexão crítica e a busca pelo conhecimento.

Em relação aos subtítulos, "O Instagram e outras redes sociais" investiga o desenvolvimento não apenas desta plataforma, mas também da internet, assim como o seu impacto na educação de forma significativa. Este trecho explora como as redes sociais, especialmente o Instagram, transformaram as práticas de ensino, possibilitando uma abordagem histórica mais visual e interativa. O "Professor, influencer ou tudo junto?" discute a presença do profissional de ensino como influenciador digital, explorando e refletindo isso como uma possibilidade, uma tendência que demonstra a integração do conteúdo educativo com as interações de envolvimento comuns nas plataformas de mídia social. Finalmente, o "Possibilidades e desafios do docente no

Instagram na Amazônia roraimense" discute os obstáculos que os professores enfrentam nesta região, levando em conta as características culturais e socioeconômicas.

O terceiro capítulo da dissertação traz uma abordagem contemporânea para o ensino de História, explorando o uso do Instagram como material pedagógico. Intitulado **"Oficina Pedagógica: os usos do Instagram para o Ensino de História"** a pesquisa concentra-se em como essa plataforma de mídia social pode ser utilizada para enriquecer a experiência educacional, permitindo que professores e alunos compartilhem conteúdo, interajam e promovam discussões enriquecedoras. Através de uma análise detalhada e reflexões conjuntas com educadores do ensino básico, o capítulo desvenda as potencialidades do Instagram para tornar o aprendizado de História mais dinâmico e acessível, destacando exemplos de como a plataforma foi efetivamente incorporada em ambientes educacionais.

Uma oficina pedagógica é um espaço de aprendizagem ativa no qual os participantes são encorajados a construir conhecimento de forma colaborativa. Nesse contexto, o subtítulo "O que é uma oficina pedagógica" representa uma oportunidade para educadores explorarem novas estratégias didáticas. "Construindo um Instablog" refere-se ao processo de criar um blog no Instagram, onde conteúdos históricos podem ser apresentados de maneira criativa e visual. O produto final, a OP, está apresentada no terceiro subtítulo, chamado "O produto: a oficina pedagógica Professor Influencer: as possibilidades do Instagram para o Ensino de História", sendo o resultado dessa pesquisa, demonstrando como o Instagram pode ser uma possibilidade valiosa para engajar estudantes e revitalizar o Ensino de História, sem se limitar à ideia de "inovação", mas sim focando em uma construção metodológica constante e adaptativa.

2. O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS DEMANDAS DA ATUALIDADE

O Ensino de História é uma área que enfrenta constantes desafios e transformações na sociedade contemporânea. As demandas atuais desta área envolvem questões como a diversidade cultural, a memória coletiva, a cidadania, a interdisciplinaridade, as tecnologias digitais, as fontes históricas, etc. Nesse contexto, é fundamental que os professores de História, se enxerguem como autores e produtores de conteúdo, e também, se atualizem e se apropriem das contribuições teóricas e metodológicas dos principais autores que refletem sobre essas temáticas.

Neste capítulo, apresento alguns dos principais teóricos contemporâneos que escrevem sobre as demandas atuais do Ensino de História no que se refere às tecnologias digitais, destacando suas principais ideias e propostas. Não se trata de uma lista exaustiva, mas de uma seleção de referências que podem auxiliar os educadores a ampliar seus conhecimentos e repensar suas práticas pedagógicas.

Seguindo essa perspectiva, o autor espanhol Joan Pagès (2002) escreve sobre a Didática da História Social, que busca integrar o Ensino de História com o Ensino das Ciências Sociais. Pagès defende que deve contribuir para a formação da cidadania democrática dos estudantes, levando em conta seus interesses, necessidades e experiências. Para isso, o autor propõe o uso de metodologias ativas e participativas, como o trabalho por projetos, os debates, as simulações e as saídas de campo. Além disso, o autor enfatiza a importância de abordar temas sociais relevantes e controversos na sala de aula, como a imigração, o racismo, o gênero e os direitos humanos.

Sendo assim, o Ensino de História é uma área que enfrenta muitos desafios na educação contemporânea, como a atenção dos alunos, a desvalorização da disciplina, a escassez de recursos didáticos e a dificuldade de abordar temas sensíveis e complexos. Nesse contexto, o uso de redes sociais pode ser uma estratégia pedagógica que visa aproximar os estudantes da História, estimular o pensamento crítico, ampliar as fontes de informação e promover a participação cidadã.

No entanto, o uso de redes sociais no Ensino de História não é simples e nem neutro. Ele envolve uma série de questões teóricas e metodológicas que precisam ser consideradas pelos professores e pelos alunos. Por exemplo: como selecionar e avaliar as informações disponíveis nas redes sociais? Como evitar a propagação de *fake news*, discursos de ódio e negacionismos históricos? Como respeitar os direitos autorais e as normas éticas na produção e no compartilhamento de conteúdo? Como promover o diálogo e o respeito à diversidade nas redes sociais? Como integrar as redes sociais ao currículo e ao projeto pedagógico da escola?

O conceito de fake news, ou notícias falsas, refere-se à disseminação deliberada ou involuntária de informações falaciosas, distorcidas ou manipuladas, com o objetivo de influenciar a opinião pública, gerar confusão ou desacreditizar instituições, grupos ou indivíduos. As fake news podem ter consequências graves para a democracia, pois podem afetar a formação da vontade política dos cidadãos, a confiança nas instituições e a qualidade do debate público.

João Paulo Bachur (2021), que em seu artigo "Desinformação política, mídias digitais e democracia: Como e por que as fake news funcionam?", propõe uma sociologia interdisciplinar da desinformação, integrando quatro eixos de análise: (I) a fragmentação da esfera pública, que permite compreender o ambiente em que se desenvolve a ubiquidade das novas mídias digitais; (II) o modelo de negócios baseado no engajamento on-line, que reverte uma característica básica da esfera pública: a integração de pontos de vista conflitantes; (III) essa reversão produz efeitos para o indivíduo que simulam o comportamento de massa (contágio emocional e suspensão da racionalidade); e (IV) a reiteração de um enunciado linguístico produz um “efeito-verdade” para a desinformação, ao permitir que o destinatário use o enunciado para atribuir sentido ao mundo.

Bachur (2021) argumenta que a desinformação deve ser entendida como uma operação social, e não como uma conduta individual, pois ela orienta o comportamento humano, a despeito da falsidade. Segundo ele, a desinformação é possível porque as pessoas não buscam apenas a verdade, mas também o sentido. Assim, as fake news funcionam como narrativas que oferecem uma interpretação simplificada e emocionalmente satisfatória da realidade, que se torna mais convincente quanto mais é repetida e compartilhada.

O Ensino de História e o uso de redes sociais é uma temática que abre muitas possibilidades para o trabalho pedagógico, mas também exige uma reflexão crítica e uma formação continuada dos professores e dos alunos. Elas podem ser aliadas no ensino durante a orientação e mentoria dos estudantes sobre como aproveitá-las para uma aprendizagem intencional. Além disso, as redes sociais podem contribuir para a construção de uma História mais plural, dinâmica e conectada com os desafios do presente.

Diante dessa realidade, o docente de História pode aproveitar as potencialidades das redes sociais para criar atividades que envolvam os alunos e que dialoguem com os conteúdos curriculares. Por exemplo, o educador pode: criar grupos ou comunidades virtuais para discutir temas históricos, compartilhar materiais, tirar dúvidas e dar

feedbacks; propor pesquisas sobre acontecimentos históricos usando as redes sociais como fontes primárias ou secundárias, analisando a veracidade, a relevância e a diversidade das informações; incentivar os alunos a produzirem conteúdos históricos nas redes sociais, como textos, vídeos, *podcasts*, memes, infográficos etc., respeitando os direitos autorais e as normas éticas; explorar as conexões entre o passado e o presente, relacionando os fatos históricos com os acontecimentos atuais que circulam nas redes sociais, como protestos, movimentos sociais, eleições etc ou promover o debate sobre temas polêmicos ou controversos da História nas redes sociais, estimulando o respeito à diversidade de opiniões e o combate às fake news e aos discursos de ódio.

O Ensino de História é uma área que pode se beneficiar do uso de redes sociais como uma possibilidade pedagógica. Essas plataformas permitem a interação, a comunicação, a colaboração e a criação de conteúdos entre os alunos e os professores, além de possibilitar o acesso às fontes bibliográficas diversas e atualizadas.

Todavia, o que tudo isso tem a ver com História? É exatamente essa a questão a qual esse trabalho se debruça. Busca-se entender as potencialidades, bem como, as possibilidades para a didática do docente de História ao utilizar o Instagram. No entanto, precisa-se ressaltar que o uso de redes sociais digitais é algo relativamente novo no âmbito educacional, pois essas redes não foram criadas para tais espaços, como afirma Gomez (2010):

O mundo das redes sociais é relativamente novo. Os programas de redes sociais, sejam pessoais, temáticas ou profissionais, na realidade não foram criados para atividades educativas, embora nas escolas se estejam usando alguns deles (...). A rede é mais um espaço da escola contemporânea que necessita orientação e cuidado para se transformar em um dispositivo pedagógico. (GOMEZ, 2010, p.88-99).

Uma das vantagens do uso de redes sociais no Ensino de História é que elas podem aproximar os alunos da realidade histórica, despertando o seu interesse e a sua curiosidade pelo passado. Essas plataformas podem ser usadas para compartilhar imagens, vídeos, documentos, mapas, *podcasts*, entre outros recursos que ilustram e contextualizam os fatos históricos estudados em sala de aula. Além disso, podem estimular os alunos a pesquisar, analisar, comparar e criticar as fontes históricas disponíveis na internet, desenvolvendo o seu senso crítico e a sua autonomia intelectual.

Outra vantagem do uso de redes sociais no Ensino de História é que elas podem favorecer a construção coletiva do conhecimento histórico, promovendo o diálogo, o debate, a troca de ideias e a cooperação entre os alunos e os educadores. Tendo uma gama de recursos disponíveis em diferentes plataformas, as redes sociais podem ser

usadas para criar grupos de estudo, fóruns de discussão, *blogs*, *wikis*, *podcasts*, entre outras formas de produção colaborativa de conteúdos históricos. Essas atividades podem estimular os alunos a expressar as suas opiniões, argumentar, defender pontos de vista, respeitar as diferenças e aprender com os seus pares.

A sociabilidade humana é latente em nossa existência e pode ser observada desde o período anterior à criação da escrita, pois somos seres essencialmente sociais, todavia, essa sociabilidade se transforma com o passar dos anos através das necessidades impostas pelas ocasiões. A internet revolucionou não só a comunicação, mas também a nossa forma de se comunicar. Como afirma Calazans:

A História da rede permite identificar que essa é uma tendência que ainda não se estabilizou, apontando para um crescimento sistemático e sem limites. A plataforma na qual a Internet tem sua origem facilita ainda essa ampliação, pois permite a convergência de um sem número de mídias nela mesma. As redes sociais digitais, por sua vez, vêm incorporando as diversas possibilidades de junção midiática, levando à audiência toda uma gama de informações reunida a partir das mais diferentes fontes. (CALAZANS, 2013, p. 13).

No entanto, o uso de redes sociais no Ensino de História também apresenta alguns desafios que devem ser considerados pelos docentes, não somente os de História. Um dos desafios é o de selecionar e analisar as plataformas mais adequadas para os objetivos pedagógicos pretendidos, levando em conta as características, as potencialidades e as limitações de cada uma delas. Outro desafio é o de orientar os alunos sobre os cuidados éticos e legais que devem ter ao usar as redes sociais, como respeitar os direitos autorais, citar as fontes corretamente, evitar o plágio, preservar a privacidade e combater as fake news.

Um diálogo que podemos explorar para entendermos o Ensino de História na interface com as redes sociais é a concepção de História Pública, um campo de estudos que se dedica a analisar as formas como o passado é representado, interpretado e apropriado por diferentes agentes sociais, em diferentes contextos e mídias. Nesse sentido, a História Pública dialoga com a Teoria da História, a Didática da História, a Comunicação e a Educação, entre outras, buscando compreender os desafios e as possibilidades de produzir e ensinar História na sociedade contemporânea.

Uma das autoras desse campo e que optamos por recorrer é Sonia Wanderley, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que tem desenvolvido pesquisas sobre o Ensino de História, a cultura histórica e as mídias digitais. Em seus trabalhos, Wanderley (2020) defende que o Ensino de História deve ser pensado como um exercício de História Pública, pois envolve disputas de sentido entre o conhecimento

científico e outros saberes não científicos sobre o passado. Além disso, ela propõe que os docentes de História sejam formados para atuar como mediadores entre os alunos e as fontes históricas, utilizando as tecnologias digitais como recurso de aprendizagem.

Ainda nessa perspectiva, Vanessa Spinosa (2022) é a organizadora do BaObAH (Banco de Objetos de Aprendizagem de História), um repositório digital que reúne objetos de aprendizagem de História que podem ser usados no ensino básico. O BaObAH tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do letramento histórico e do letramento digital dos alunos, ou seja, a capacidade de ler, interpretar, produzir e comunicar textos históricos em diferentes formatos e plataformas digitais. O BaObAH também visa estimular a reflexão docente sobre as formas de organizar, pesquisar e utilizar os objetos de aprendizagem no cotidiano escolar.

A importância do Letramento Histórico-digital para a História Pública está na possibilidade de desenvolver habilidades (históricas e digitais) no ensino e na aprendizagem de História, utilizando o método histórico e as tecnologias digitais.

Um autor que escreve sobre esses conceitos é Danilo Alves da Silva, que em seu livro “Letramento Histórico-digital: Ensino de História e Tecnologias Digitais” define a metodologia letramento histórico-digital como:

(...) um processo de desenvolvimento de habilidades (históricas e digitais) no ensino de História. A utilização do método histórico, ou parte dele, no processo de ensinar e aprender história, conjugado à usabilidade de tecnologias digitais, é a principal característica desta metodologia (SILVA, 2020, p. 11).

Essa metodologia citada tem como objetivo desenvolver as habilidades históricas e digitais dos alunos, combinando o uso de métodos históricos com tecnologias digitais no ensino e aprendizagem da História. O principal objetivo dessa metodologia é ajudar os alunos a desenvolver uma compreensão crítica do passado e sua relevância para o presente. O uso de tecnologias digitais nessa metodologia não se limita apenas ao uso de arquivos digitais, mas também inclui o uso de recursos digitais para visualização de dados, mapeamento e contação de Histórias.

A metodologia de alfabetização histórico-digital é uma abordagem inovadora para o ensino da História que ganhou popularidade nos últimos anos. Ele fornece aos alunos a oportunidade de se envolver com o conhecimento histórico de uma maneira mais interativa e envolvente, enquanto também desenvolve suas habilidades digitais. Ao usar essa metodologia, os alunos podem aprender a analisar criticamente fontes históricas, interpretar dados e comunicar suas descobertas de maneira assertiva.

Em suma, a metodologia de alfabetização histórico-digital é uma possibilidade criativa de ensinar História no século XXI. Ela combina métodos históricos tradicionais com tecnologias digitais para criar uma experiência de aprendizado mais envolvente e interativa para os alunos. Ao usar essa metodologia, os alunos podem desenvolver suas habilidades históricas e digitais enquanto também ganham uma compreensão mais profunda do passado

Outro autor que aborda o tema é Marcos Napolitano, que em seu artigo “História pública digital: desafios e perspectivas” afirma que

(...) a história pública digital é uma forma de produção e circulação do conhecimento histórico que se vale das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) para ampliar o diálogo entre historiadores profissionais e não profissionais, bem como para democratizar o acesso aos acervos documentais e às narrativas historiográficas (NAPOLITANO, 2018, p. 15).

Napolitano destaca assim a importância da História pública digital como uma forma de produção e circulação do conhecimento histórico. O autor argumenta que a História Pública Digital é uma maneira de ampliar o diálogo entre historiadores profissionais e não profissionais, bem como democratizar o acesso aos acervos documentais e às narrativas historiográficas. A História Pública Digital é uma área emergente que tem o potencial de transformar a maneira como a História é produzida, ensinada e consumida.

A História Pública Digital é uma área interdisciplinar que combina a História, as ciências da informação e as tecnologias digitais. Ela pode oferecer novas oportunidades para os educadores se envolverem com o público em geral e para os cidadãos se envolverem com a História. Através da História Pública Digital os docentes podem compartilhar suas pesquisas com um público mais amplo, criar novas formas de narrativas históricas e envolver o público em projetos de pesquisa colaborativa. Nesse contexto, Anita Lucchesi defende que a

humanidade encontra-se na transição da cultura alfabética para a cultura digital e, com isso, novas formas de escrita da história estão passando a ser consideradas em alguns espaços acadêmicos. Diante disso, este artigo objetiva discutir as implicações dessas mudanças e a emergência de novos objetos para o estudo da história, levando em consideração a necessidade de tornar esta discussão corrente na academia. Dada à atual carência de instrução especificamente relacionada à entrada das mídias digitais e da Internet na oficina da História, propomo-nos a discutir aqui quais problemas este “novo” nos apresentam como justificativa para pensarmos a necessidade de incluir a discussão sobre História e Historiografia Digital nas universidades do Brasil. (LUCCHESI, 2014, p. 45)

No entanto, a História pública digital também apresenta desafios significativos. A democratização do acesso aos acervos documentais e às narrativas historiográficas pode levar a uma sobrecarga de informações e à disseminação de informações imprecisas ou enganosas. Além disso, ela pode ser vista como uma “ameaça” à autoridade dos historiadores profissionais, que tradicionalmente têm sido os guardiões da disciplina histórica.

Diante dessas questões, Luis Fernando Cerri (2010) defende que o Ensino de História pode ser definido como a interferência de caráter de desenvolvimento cognitivo, capaz de ajudar o aluno a abrir novas portas para a sua capacidade de pensar, definir e atribuir sentido ao tempo, sendo

A perspectiva de uma literacia histórica - ou, no uso mais comum no português brasileiro - de um letramento histórico é um marco decisivo, pois supera a ideia de Ensino de História como transmissão, rumo à ideia de um saber que só concretiza a sua necessidade se é aplicável e faz diferença na capacidade do sujeito de agir no mundo em sintonia com sua progressiva leitura desse mundo. (CERRI, 2010, p. 270).

Ao enfrentar esses desafios e buscar a integração das redes sociais no Ensino de História de maneira efetiva e significativa, pode ser útil para os docentes planejar suas atividades com clareza e coerência, estabelecendo objetivos, conteúdos, metodologias, avaliações e critérios de participação dos alunos nas redes sociais. Da mesma forma, pode ser benéfico para os profissionais de História acompanhar e monitorar o uso das redes sociais pelos alunos, fornecendo feedbacks constantes, esclarecendo dúvidas, mediando conflitos e incentivando a interação e a colaboração entre eles.

Em resumo, a utilização de redes sociais no Ensino de História tem o potencial de ser uma estratégia pedagógica inovadora e motivadora para alunos e professores, podendo auxiliar no desenvolvimento de competências históricas e digitais dos alunos, além de expandir suas perspectivas sobre o passado e o presente. Contudo, para que isso se concretize, pode ser importante que os educadores planejem e conduzam suas atividades com base em princípios pedagógicos sólidos e com uma visão crítica e reflexiva sobre o uso das redes sociais na educação.

2.1 História como conteúdo

A História é uma disciplina que pode ser ensinada e aprendida em diferentes ambientes, tais como escola, universidade e internet. Cada um desses ambientes têm

suas especificidades, desafios e potencialidades para a construção do conhecimento histórico. Neste texto, vamos discutir como a mesma pode ser trabalhada como conteúdo nesses três espaços, citando dois autores como referência.

Na escola, a História faz parte do currículo das humanidades, e de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), tem como objetivo formar cidadãos críticos e conscientes de sua identidade e diversidade cultural. A História escolar precisa abordar temas relevantes para a compreensão do passado e do presente, respeitando as diferentes perspectivas e vozes dos sujeitos históricos. Um dos desafios desta disciplina na escola é superar a visão eurocêntrica e linear da dita História universal, que privilegia a narrativa da civilização ocidental como modelo de progresso e desenvolvimento. Nesse sentido, é importante incluir no Ensino de História as narrativas dos povos indígenas, africanos, asiáticos e outros grupos sociais que foram marginalizados ou silenciados pela historiografia oficial.

Na universidade, ela é uma área de pesquisa que produz conhecimento científico sobre as diferentes temporalidades humanas. A História universitária se baseia em métodos e teorias que orientam a análise das fontes históricas e a construção de hipóteses e argumentos sobre os fenômenos históricos. A História universitária também se divide em campos de especialização, seguindo um modelo quadripartite francês, como História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, do Brasil, da América Latina, da África, da Ásia etc. Um dos desafios da História universitária é dialogar com outras áreas do conhecimento e com a sociedade em geral, buscando contribuir para o debate público e para a formação de uma cultura histórica democrática. Um autor que contribui para essa discussão é Peter Burke, que em seu livro “O que é História Cultural?” (2005), explora as origens, os conceitos e as práticas da História Cultural, uma das abordagens da historiografia contemporânea.

Na internet, a História é um conteúdo que pode ser acessado e compartilhado por meio de diferentes plataformas digitais, como *sites*, *blogs*, *podcasts*, vídeos, redes sociais etc. A internet oferece uma grande quantidade e diversidade de informações sobre o passado, mas também exige um cuidado maior na seleção e na avaliação das fontes históricas. A internet também possibilita uma maior interação e participação dos usuários na produção e na difusão do conhecimento histórico. Uma das possibilidades em ensinar História na internet é garantir a qualidade e a confiabilidade das informações, evitando a propagação de *fake news*, mitos ou distorções sobre o passado. Uma autora que contribui para essa discussão é Antonia Terra de Calazans Fernandes, que em seu artigo "Ensino de História e seus conteúdos" (2018), analisa como a legislação e os

livros didáticos tratam os conteúdos de História no Brasil e como a internet pode ser usada como um recurso pedagógico para o Ensino de História.

No entanto, o estudo desses conteúdos não pode ser feito sem uma análise reflexiva sobre a construção dos mesmos. A necessidade de reflexão do conteúdo histórico é um tema que interessa a muitos estudiosos da História e da sociedade. É preciso analisar criticamente as fontes históricas, os métodos de pesquisa e as interpretações dos historiadores.

Reis (2004. p. 8) defende uma concepção de História que busca superar o impasse entre o historicismo e a pós-modernidade, valorizando a dimensão racional e crítica da escrita histórica, mas sem ignorar a pluralidade de perspectivas e narrativas que compõem o campo historiográfico. Ele também se interessa pela História da historiografia brasileira, analisando as diferentes formas de representação do passado nacional e os projetos de identidade que elas expressam.

Para Reis, a História é uma forma de conhecimento que se constrói a partir do diálogo entre o presente e o passado, entre o sujeito e o objeto, entre a razão e a imaginação. É uma atividade humana que visa compreender o sentido da experiência histórica, tanto individual quanto coletiva, e contribuir para a transformação da realidade social.

O Ensino de História, conforme já elucidado neste capítulo, é uma prática educativa que visa desenvolver nos estudantes habilidades e competências para analisar criticamente as fontes históricas, os processos históricos e as narrativas históricas. O Ensino de História também busca promover a formação cidadã dos estudantes, estimulando o respeito à diversidade, aos direitos humanos e à democracia. Segundo Bittencourt

O Ensino de História se destaca por mudanças marcantes em sua trajetória escolar que a caracterizavam, até recentemente, como um estudo mnemônico sobre um passado criado para sedimentar uma origem branca e cristã, apresentada por uma sucessão cronológica de realizações de ‘grandes homens’ para uma ‘nova’ disciplina constituída sob paradigmas metodológicos que buscam incorporar a multiplicidade de sujeitos construtores da nação brasileira e da história mundial.” (BITTENCOURT, 2018, p 127).

Já o saber histórico se constitui em diferentes ambientes, que possuem características próprias e demandas específicas. O saber histórico escolar também é produzido por meio de currículos e livros didáticos que orientam os professores e os alunos na abordagem dos conteúdos. Na academia, o saber histórico é produzido por meio da pesquisa científica, que busca ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o

passado. Para o historiador Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, "a História é a ciência dos homens no tempo" (BLOCH, 2002, p. 55). Para ele, a História deve se interessar por todos os aspectos da vida humana, desde a economia e a política até a cultura e a mentalidade, buscando uma compreensão global e crítica da realidade histórica.

Marc Bloch revolucionou a historiografia no século XX ao propor uma história-problema que questiona as evidências e busca as causas dos fenômenos históricos. Em seu livro "Apologia da História ou O Ofício do Historiador", Bloch escreve:

A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas não é fácil compreender o passado. É muito difícil desligar-se do presente para evocar o que já não existe mais. (...) O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça. (BLOCH, 2001, p. 55-56)

Cada um desses ambientes apresenta desafios e oportunidades para o Ensino de História. Na escola e na academia, recomenda-se adequar os conteúdos históricos aos objetivos pedagógicos e às necessidades dos alunos, buscando tornar as aulas mais atrativas e significativas⁷, assim como, dialogar com as diferentes áreas do conhecimento e com a sociedade em geral, buscando contribuir para a produção e a difusão do saber histórico. Nos meios digitais, utilizar as tecnologias digitais de forma crítica e criativa, buscando estimular o interesse e a participação do público pelo conhecimento histórico.

Nessa perspectiva, Fernandes aponta que os conteúdos históricos

é influenciada por diálogos estabelecidos com as tradições e memórias da escola, com reflexões historiográficas (novos temas, conceitos, pesquisas, documentação...), com exigências da sociedade de cada época (que delineiam suas finalidades políticas, sociais e educativas), como também com proposições dos estudos e reflexões educacionais. Assim, constantemente, há demandas para mudanças e/ou permanências. (FERNANDES, 2018, p. 152)

Assim, podemos entender que a História, por meio dos conteúdos, é uma forma de construir e mobilizar o saber histórico em diferentes ambientes, levando em conta as

⁷ Entende-se que ensino atrativo e significativo para os alunos da atualidade, implica a integração de tecnologias digitais de maneira que enriqueça a experiência de aprendizagem. Isso significa ir além do uso superficial de dispositivos e aplicativos; é criar um ambiente onde a tecnologia apoia e amplia os objetivos educacionais. A problematização surge quando consideramos o desafio de manter o conteúdo relevante e engajante em um mundo onde as distrações digitais são abundantes. Apoia-se, portanto, equilibrar o uso de recursos tecnológicos com métodos pedagógicos que promovam o pensamento crítico e a resolução de problemas. Isso envolve não apenas a familiaridade com as recursos digitais, mas também a capacidade de discernir quando e como usá-las para aprofundar o conhecimento e fomentar a curiosidade intelectual.

especificidades e as demandas de cada um deles mas também o tempo ao qual esse saber está sendo produzido, pois ele carrega essa temporalidade arraigada em seus objetivos. O Ensino de História deve ser capaz de adaptar-se a esses ambientes, aproveitando suas potencialidades e superando suas limitações.

O que é conteúdo histórico e quais são suas abordagens? Essa é uma questão que pode interessar a estudantes, professores e pesquisadores, bem como a qualquer pessoa que queira compreender melhor o passado e o presente. Neste texto, vamos tentar responder a essa pergunta, apresentando teóricos e autores sobre o tema. As abordagens do conteúdo histórico são as formas como o historiador organiza, seleciona e explica os fatos históricos, de acordo com seus objetivos, perspectivas e conceitos. As abordagens podem variar conforme o recorte temporal, espacial, temático e social que o historiador escolhe para estudar, bem como conforme as teorias e correntes historiográficas que ele segue ou dialoga.

Para entender a construção desse conteúdo, é necessário entender como identificamos a disciplina histórica, que é como um campo de conhecimento autônomo, pois a disciplina escolar não realiza apenas uma transposição didática entre saberes maiores e menores. Dentro dessa concepção, Ricon aponta que

Para esse modelo interpretativo, a própria percepção hierárquica entre os saberes se vincularia mais a fenômenos de poder de determinados setores da sociedade do que a questões de ordem epistemológica. Com isso, as disciplinas escolares apresentariam autonomias ante os conhecimentos acadêmicos referenciais e, a partir de seus questionamentos internos, estabeleceriam a cultura escolar. No que diz respeito ao Ensino de História, nesse modelo se localiza o professor que dá protagonismo ao aluno enquanto sujeito histórico em seu cotidiano, que problematiza os aspectos narrativos e encaminha seu ofício de professor-pesquisador a uma educação histórica, na qual a formação crítica da consciência é fundamental. Neste modelo, portanto, é fundamental a percepção de que os saberes da experiência são essenciais para a construção do conhecimento escolar histórico. (RICON, 2021, p. 12)

A historiografia, que é o estudo das diferentes abordagens do conteúdo histórico ao longo do tempo e dos lugares, mostra como a escrita da História está sempre em constante transformação e debate, refletindo as mudanças sociais, culturais e políticas de cada época e de cada sociedade.

O conteúdo histórico na escola e na sala de aula é um tema que tem gerado muitas discussões entre os historiadores e professores desse componente curricular. Assim, Cerri faz uma crítica à educação tradicional, ou seja, de uma perspectiva mais factual e descritiva, privilegiando o conhecimento de datas, nomes e fatos relevantes para a formação da identidade nacional e cultural, uma vez que “trata-se do modelo educacional – clássico, em que o ato de ensinar se resume a um sujeito ‘cheio’ que

preenche com seu conhecimento um sujeito ‘vazio’, o aprendiz que reproduz o saber do mestre” (CERRI, 2001, p.26). Sendo assim, o Ensino de História deve se basear em uma visão crítica e problematizadora da realidade, buscando desenvolver nos alunos a capacidade de analisar e compreender os processos históricos e suas implicações no presente.

Colaborando com Cerri, Machado afirma que:

Para que o Ensino de História seja eficaz, dentro de uma perspectiva baseada na empatia histórica, os estudantes precisam construir uma relação com as fontes que vão além de um primeiro olhar, tendo sempre em mente os fundamentos básicos para compreensão de determinados conceitos a partir do seu tempo. É fundamental que consigam compreender e explicar objetivos, valores, práticas, daquele determinado momento histórico. Assim, seria possível confrontar diferentes realidades no tempo, contrapor valores e analisar soluções para os problemas sociais de certo momento histórico, partindo do seu conhecimento tácito. (MACHADO, 2017, p. 59)

Diante disso, segundo ele, o conteúdo histórico na escola precisa estimular o pensamento crítico e reflexivo dos alunos, levando-os a questionar as versões oficiais e hegemônicas e a valorizar as diferentes vozes e experiências dos sujeitos históricos.

Uma outra abordagem é defendida pelo historiador Marco Antônio Villa, que sustenta que "o Ensino de História deve ser um ensino para a memória, para o resgate do passado comum, para a preservação do patrimônio histórico e cultural" (VILLA, 2010, p. 23). De acordo com ele, o conteúdo histórico na escola deve transmitir aos alunos um conjunto de informações básicas e essenciais sobre a História do Brasil e do mundo, enfatizando os acontecimentos mais marcantes e os personagens mais ilustres da nossa trajetória histórica.

Outro conceito essencial para entendermos a História como conteúdo é o de conhecimento histórico escolar, que é uma forma de construir e mobilizar o saber a partir da especificidade do “chão da escola”, levando em conta as diferentes perspectivas e interesses dos sujeitos envolvidos nesse processo. O livro didático é um dos principais instrumentos para a difusão do conhecimento histórico escolar, mas também é um objeto cultural que reflete as disputas e os projetos educacionais de cada época e lugar.

Neste contexto, vamos abordar alguns aspectos do conhecimento histórico escolar no Brasil, citando dois autores que se dedicaram a estudar esse tema: Ana Maria Mauad e Marcos Silva. Ambos são historiadores e docentes universitários que realizaram pesquisas sobre a História do livro didático e da disciplina em questão no país.

Para Ana Maria Mauad (2015), o conhecimento histórico escolar deve ser

entendido como uma construção social e cultural, pois envolve diferentes sujeitos, fontes, linguagens e narrativas. Ela propõe que o Ensino de História seja baseado em uma perspectiva crítica e problematizadora, que estimule os alunos a questionarem as versões oficiais e a reconhecerem a diversidade e a complexidade das experiências humanas no tempo e no espaço. Ela também defende que o uso de imagens como fontes históricas seja valorizado, pois elas podem contribuir para a formação de uma consciência histórica sensível e reflexiva. Para ela, o conhecimento histórico escolar é um instrumento de cidadania e de emancipação, que pode ajudar os alunos a compreenderem melhor o presente e a participarem ativamente da sociedade.

Marcos Silva, autor do artigo "Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania", publicado em 2001, propõe uma reflexão sobre as possibilidades e os desafios da educação na era digital, defendendo uma abordagem interativa e dialógica entre professores e alunos. Ele também discute o papel da disciplina na formação da consciência histórica dos estudantes, enfatizando a importância das fontes históricas como meio de constituição e elaboração desse conhecimento. Criticando as visões tradicionais e autoritárias da História, que privilegiam os fatos cronológicos e as narrativas lineares, defende uma perspectiva problematizadora e pluralista, que reconheça a diversidade e a complexidade das experiências humanas no tempo.

Esses dois autores nos ajudam a compreender melhor o conhecimento histórico escolar em relação ao digital, como um campo de pesquisa e de prática educativa, que envolve questões políticas, culturais, sociais e pedagógicas. Eles também nos mostram que o conhecimento histórico escolar não é algo estático e imutável, mas, sim, dinâmico e em constante transformação, de acordo com as demandas e os desafios da sociedade contemporânea.

Para isso, é fundamental que o professor não se limite a transmitir os conteúdos do livro didático ou da internet, mas que estimule os alunos a conhecerem as obras e as ideias de diferentes historiadores. Tanto historiadores quanto docentes de História, são os profissionais que produzem o conhecimento histórico, a partir de pesquisas em fontes primárias e secundárias, e que dialogam com outros desta área em busca de novas interpretações e abordagens.

Ao citar os historiadores nas aulas de História, o educador mostra aos alunos que o conhecimento histórico não é algo pronto e acabado, mas que está em constante construção e debate. Além disso, orientando os alunos para reconhecer as diferentes perspectivas e posicionamentos dos historiadores sobre os temas estudados, e a

desenvolverem um olhar crítico e reflexivo sobre as narrativas históricas.

Diante disso, podemos perceber que a História não é uma ciência exata nem imutável, mas sim uma construção humana que depende de vários fatores. Por isso, é importante que os estudantes e os leitores desta disciplina desenvolvam uma postura crítica e reflexiva diante do conteúdo histórico fazendo citações de autores que abordam a importância da análise crítica.

Uma das formas de divulgar e valorizar o conteúdo histórico é utilizando-se de mídias sociais. Essa estratégia pode atrair a atenção do público, estimular o debate e a reflexão crítica, e ampliar o alcance da informação histórica.

As mídias sociais são plataformas digitais que permitem a interação, a comunicação e a criação de conteúdo pelos usuários. Elas podem ser usadas como meios educativos, culturais e políticas, desde que sejam respeitados os direitos autorais, as fontes e a veracidade das informações, no entanto, de acordo com Recuero:

Há poucos estudos com essa perspectiva, e, menos ainda, enfocando a realidade brasileira. Compreender como esses grupos são expressos na Internet é um ponto importante para se entender também como a comunicação mediada pelo computador está modificando a sociabilidade contemporânea. Não se trata de um lugar comum, afinal de contas, o uso da Internet tem crescido de forma constante no mundo inteiro, e, de uma forma especial, esse uso para a comunicação. (RECUERO, 2009, p. 164)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza o potencial das tecnologias digitais para realizar atividades em todas as áreas do conhecimento como "buscar dados e informações de forma crítica nas diferentes mídias, inclusive as sociais, analisando as vantagens do uso e da evolução da tecnologia na sociedade atual, como também seus riscos potenciais" (BRASIL, 2018, p. 474), ainda, no que se refere à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, indica que:

Os jovens elaboram hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (BRASIL, 2018, p. 562)

Diante disso, destaca-se a importância de os jovens desenvolverem habilidades críticas e analíticas para formular hipóteses e argumentos com base em dados confiáveis e sólidos. A elaboração de hipóteses é fundamental para o diálogo e a investigação científica, pois permite o questionamento e o autoquestionamento, em vez de aceitar verdades absolutas sem questionar. Isso é importante, conforme apontado anteriormente,

para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a tomada de decisões informadas.

Comentar citações de autores é uma forma de apresentar o conteúdo histórico de maneira criativa, contextualizada e relevante. As citações podem ser extraídas de livros, artigos, discursos, entrevistas ou outras obras que tenham valor histórico ou que dialoguem com a atualidade. Elas podem ser usadas para ilustrar, exemplificar, comparar ou questionar algum aspecto da História.

Ao comentar uma citação, é importante explicar quem é o autor, em que contexto ele produziu a obra, qual é o significado e a importância da citação para o presente, e quais são as possíveis interpretações ou críticas que podem ser feitas. Também é importante relacionar a citação com outros autores, fontes ou acontecimentos históricos que sejam pertinentes.

Isso se faz necessário, pois a História como disciplina e conteúdo é permeada de fontes e saberes, assim como afirma Fonseca:

Ensinar História requer um diálogo permanente com diferentes saberes produzidos em diferentes níveis e espaços. Requer do professor interrogações sobre a natureza, a origem e o lugar ocupado por esses diferentes saberes, que norteiam e asseguram sua prática em sala de aula. Os saberes que dialogam no interior do processo educativo, em sala de aula, são provenientes de diversas fontes. (FONSECA, 2009. p. 118)

Todavia, deve-se ressaltar que as mídias sociais são apenas uma das formas de divulgação do conteúdo de História, pois existem uma infinidade de formas de produzir, difundir e aprender, sendo que o objetivo e principal como do ensino é a aprendizagem.

2.2 Como se aprende História

A aprendizagem histórica é um conceito que se refere ao processo pelo qual os sujeitos constroem significados sobre o passado, a partir de diferentes fontes e perspectivas históricas (MATOZZI, 2008). A aprendizagem histórica não é apenas resultado de uma transmissão de conhecimentos, mas uma atividade cognitiva e social que envolve a interpretação, a compreensão e a avaliação crítica das narrativas históricas.

Ela já passou por várias modificações e estamos vendo diante de nossos olhos, dentro e fora da escola, essa transformação acontecendo. Precisamos estar atentos, pois, conforme afirma Flávia Caimi:

Diversas teorias da aprendizagem têm afirmado, ao longo de décadas, que os

jovens aprendem ativamente, não são recipientes vazios à espera de serem preenchidos com os saberes dos professores. Ainda que essa ideia seja praticamente consensual entre os educadores atualmente, a implicação disso se coloca de maneira muito contundente e impactante nessa era digital em que nos encontramos, obrigando que todos os principais interessados na educação das novas gerações – pais, professores, gestores de políticas públicas e outros – olhem com muita atenção para os seus valores, reflitam sistematicamente sobre esse cenário e busquem o melhor caminho para conduzir os processos educativos. (CAIMI; NICOLA, 2015 p. 63)

Existem diferentes abordagens teóricas e metodológicas para estudar e promover a referida aprendizagem, que se baseiam em diferentes pressupostos epistemológicos e ontológicos sobre a natureza da História e do conhecimento histórico. Segundo Aguiar (2020), a aprendizagem histórica baseada na psicologia da aprendizagem enfatiza os processos mentais dos alunos e as estratégias de ensino que favorecem a construção de conceitos históricos, como tempo, causalidade, mudança e continuidade. Essa abordagem se inspira em teorias como o construtivismo, o sócio-construtivismo e o construcionismo social, e busca desenvolver nos alunos uma literacia histórica, ou seja, um conjunto de competências cognitivas que lhes permitam lidar com o passado de forma crítica e reflexiva.

De acordo Rüsen (2016), a aprendizagem histórica baseada na Filosofia da História, enfoca os processos de produção e comunicação do conhecimento histórico, e as formas como os sujeitos se relacionam com o passado a partir de suas experiências e identidades. Essa abordagem se fundamenta na teoria da consciência histórica, trabalhada por Jörn Rüsen, que concebe a História como uma forma de orientação temporal dos seres humanos, que envolve aspectos cognitivos, afetivos e morais. A aprendizagem histórica, nessa perspectiva, visa desenvolver nos alunos uma consciência histórica crítica, ou seja, uma capacidade de compreender o passado em sua complexidade e diversidade, e de se posicionar diante dele de forma ética e responsável.

Para Freitas (2020), a aprendizagem histórica baseada na cultura histórica analisa os contextos socioculturais nos quais os sujeitos aprendem História, tanto na escola quanto fora dela. Essa abordagem se apoia na noção de cultura histórica desenvolvida por Peter Burke, que entende a referida disciplina como um conjunto de práticas e representações sobre o passado que circulam em uma determinada sociedade. A aprendizagem histórica, nesse sentido, implica reconhecer e problematizar as diferentes formas de memória e patrimônio histórico que influenciam as percepções dos sujeitos sobre o passado.

Essas abordagens não são excludentes nem definitivas, mas podem se complementar e se enriquecer mutuamente. O importante é reconhecer que essa

aprendizagem é um fenômeno complexo e dinâmico que requer uma constante reflexão teórica e prática por parte dos educadores.

Ainda na busca de conceitualizar a aprendizagem histórica, entende-se que é um conceito que se refere ao processo de formação da identidade e orientação históricas mediante as operações da consciência histórica (RÜSEN, 2012). Ela, portanto, não se limita a memorizar datas e nomes, mas a desenvolver habilidades de análise, interpretação e argumentação sobre os fenômenos históricos.

Para que a aprendizagem histórica ocorra de forma significativa, é preciso considerar alguns aspectos fundamentais, como: a relação entre o conhecimento histórico escolar e o acadêmico; a diversidade de fontes e narrativas históricas; os conceitos e categorias que estruturam o pensamento histórico; e a relevância da História para a vida prática dos estudantes. Nesse sentido, alguns autores têm contribuído com reflexões teóricas e metodológicas para a renovação da prática de Ensino de História. Conforme afirma Schmidt e Urban:

Na perspectiva de uma educação histórica, o objetivo do Ensino de História é que se construa uma ponte gradual, e não um fosso, entre o que os alunos e as alunas aprendem e o que os historiadores, as historiadoras, os filósofos e as filósofas da história pensam e produzem na academia. (SCHMIDT; URBAN, 2018)

Para Bruno Carvalho (2021), é necessário ir além de conceitos e generalizações da História, questões essas que são naturais no processo de aprendizagem, mas que de modo algum podemos parar nelas; cabe ao professor a reflexão e contextualização. Ele explica que

O fato é que aprender História consiste sim em aprender conceitos e generalizações que se tornam marcadores para o passado e para as disputas do presente. Mas, nenhum desses conceitos ou dessas generalizações permite aprendizagem em História sem uma gama significativa de conteúdos, ou seja, de erudição histórica. (CARVALHO, 2021)

Esses autores ilustram algumas das dimensões envolvidas na aprendizagem histórica e nos desafios que se colocam para os educadores e educadoras que atuam nessa área. Neste sentido, a aprendizagem histórica não se limita à memorização de fatos e datas, mas requer uma abordagem crítica e reflexiva sobre os conteúdos, os conceitos e as narrativas históricas. Ela também implica uma relação com a vida prática, pois permite aos sujeitos se situarem no tempo e no espaço, reconhecerem a diversidade e a alteridade, e participarem da construção da memória e da cidadania, conforme afirma Maria Auxiliadora Schmidt:

Os significados do que é 'aprender História' têm acompanhado e fundamentado os processos de produção da História enquanto disciplina escolar no Brasil. Neste sentido, diferentes abordagens da aprendizagem histórica têm servido de referência para questões, como propostas curriculares e manuais didáticos destinados à formação de alunos e professores. (SCHMIDT, 2009)

E com o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), surgem novas possibilidades e desafios para a aprendizagem histórica. Por um lado, temos acesso a uma grande quantidade e diversidade de fontes históricas disponíveis na internet, que podem enriquecer nossos estudos e ampliar nossas perspectivas. Por outro lado, precisamos ter um olhar crítico e reflexivo sobre essas fontes, verificando sua origem, autoria, contexto e intenção. Conforme afirma Danilo Silva:

A usabilidade das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no século XXI, nos diversos setores das sociedades, e o uso recorrente dessas tecnologias na educação, tem levado à produção expressiva de aplicativos, programas, softwares educacionais desenvolvidos em vários países para atender às demandas dos estudantes (na Educação Básica, em sua maioria, nativos digitais e também no Ensino Superior) e professores – sujeitos diretamente envolvidos no processo educativo institucionalizado –, bem como dos interesses decorrentes da lógica do mercado financeiro. (SILVA, 2018, p. 43)

Nesse sentido, é interessante que os educadores utilizem as TDIC como possibilidades pedagógicas que favoreçam a construção do conhecimento histórico pelos estudantes. Isso implica em planejar atividades que envolvam o uso das TDIC de forma criativa, significativa e colaborativa, estimulando-os a pesquisar, selecionar, analisar e produzir fontes históricas digitais.

Sendo a aprendizagem histórica um processo complexo e dinâmico que envolve a construção de significados sobre o passado a partir de diferentes fontes e perspectivas, os meios digitais podem oferecer novas possibilidades e desafios para o ensino e para a pesquisa, ampliando o acesso às informações, documentos, imagens, vídeos e outros recursos que podem enriquecer a compreensão dos fenômenos dessa área de conhecimento.

No entanto, o uso dos meios digitais na aprendizagem histórica também requer uma postura crítica e reflexiva por parte dos estudantes e professores, que precisam ser capazes de analisar as fontes com rigor metodológico, contextualizar as informações, comparar diferentes pontos de vista e construir argumentos coerentes e fundamentados. Além disso, os meios digitais também podem favorecer a participação ativa dos estudantes na produção de conhecimento histórico, estimulando a criatividade, a

colaboração e a comunicação.

Diante dessa perspectiva, Peter Seixas (SEIXAS & MORTON, 2016) defende que o pensamento histórico é a capacidade de pensar sobre o passado de forma crítica e criativa, utilizando-se de conceitos-chave como evidência, continuidade e mudança, causalidade, perspectiva, significância e agência. A aprendizagem histórica, nesse sentido, é um processo de desenvolvimento do pensamento histórico, que envolve seis competências: estabelecer significância histórica, usar fontes primárias como evidência, identificar continuidade e mudança no tempo, analisar causa e consequência dos eventos históricos, compreender as perspectivas históricas dos diferentes atores sociais e reconhecer a dimensão ética da História. Os meios digitais podem contribuir para a aprendizagem histórica ao oferecer meio e ambientes que facilitam o desenvolvimento dessas competências, permitindo aos estudantes explorar as fontes históricas, comparar as interpretações, simular os cenários e compartilhar as conclusões.

Sendo os meios digitais todas as formas de comunicação e informação que utilizam tecnologias digitais, como computadores, celulares, *tablets*, internet, redes sociais, jogos eletrônicos, entre outros, esses meios permitem o acesso a uma grande variedade de conteúdos históricos, como textos, imagens, vídeos, áudios, mapas, gráficos, etc. Além disso, eles possibilitam a interação e a colaboração entre os usuários, que podem produzir e compartilhar seus próprios conhecimentos históricos.

No entanto, o uso dos meios digitais na aprendizagem histórica não é simples nem automático. É preciso considerar os desafios e as potencialidades que eles apresentam para o ensino e a aprendizagem de História. Segundo Schmidt e Garcia (2014), os meios digitais podem contribuir para: desenvolver o pensamento histórico dos estudantes, ou seja, a capacidade de analisar criticamente as fontes históricas, compreender a diversidade e a complexidade das experiências humanas no tempo e no espaço, reconhecer as diferentes interpretações sobre o passado e construir argumentos históricos consistentes e fundamentados; promover a alfabetização digital dos estudantes, ou seja, a capacidade de utilizar os meios digitais de forma ética, crítica e criativa, buscando, selecionando, avaliando e produzindo informações históricas de qualidade; estimular a participação cidadã dos estudantes, ou seja, a capacidade de se envolver em questões sociais relevantes que têm relação com o passado e o presente, dialogando e colaborando com outros sujeitos históricos por meio dos meios digitais.

Por outro lado, Schmidt e Garcia (2014) também apontam alguns desafios que os meios digitais trazem para a aprendizagem histórica como a necessidade de superar a visão instrumental dos meios digitais, ou seja, de não usá-los apenas como ferramentas

para transmitir ou reproduzir conteúdos históricos prontos e acabados, mas sim como recursos para problematizar e investigar o passado de forma ativa e significativa. Também, a necessidade de enfrentar a fragmentação e a superficialidade das informações históricas nos meios digitais, ou seja, de não se contentar com dados isolados e simplificados sobre o passado, mas sim buscar compreender as relações e os contextos que dão sentido às fontes históricas. Por fim, a carência em lidar com a diversidade e a pluralidade das narrativas históricas nos meios digitais, ou seja, de não aceitar acriticamente as versões dominantes ou hegemônicas sobre o passado, mas sim reconhecer e valorizar as diferentes vozes e memórias que compõem a História.

Diante desses desafios e potencialidades, é fundamental que os professores de História se apropriem dos meios digitais como possibilidade pedagógica que pode enriquecer suas práticas docentes. Para isso, é preciso planejar atividades que articulem os objetivos de aprendizagem histórica com as características dos meios digitais escolhidos. Além disso, é preciso acompanhar e avaliar os processos de aprendizagem dos estudantes por meio dos meios digitais, considerando seus interesses, necessidades e dificuldades.

Como afirma Fonseca (2017), o uso das tecnologias digitais como um campo latente de pesquisa e problematização no sentido de suas implicações para as finalidades pedagógicas. Da mesma forma, percebemos que as tecnologias digitais têm influenciado o nosso modo de pensar, agir e relacionar, criando, assim, uma nova cultura e um novo modelo de sociedade, o que pode implicar diretamente nos planejamentos das aulas e nas práticas pedagógicas.

A partir de Lévy (1999), entende-se que a cibercultura é um fenômeno que envolve não apenas as tecnologias, mas também as práticas, as atitudes, os modos de pensamento e os valores que emergem com o desenvolvimento do ciberespaço. Esse conceito nos permite compreender como a cultura contemporânea é problematizada pela expansão das possibilidades de comunicação e de acesso à informação mediadas por artefatos tecnológicos, que podem transformar nossa forma de viver e de aprender no mundo.

Conforme vimos, existem centenas formas de se aprender História e o uso das mídias sociais como possibilidade de ampliar essa aprendizagem é um meio, apesar de novo, bastante discutido, mas podendo ser potente, ampliando os horizontes tanto do aluno quanto do próprio professor de História, já que esse é um processo construído de forma simultânea.

2.3 O professor de História na atualidade

História é uma ciência que estuda o passado humano em suas diversas dimensões: política, econômica, social, cultural, etc. A História não é apenas um conjunto de fatos e datas, mas uma forma de compreender e interpretar os processos históricos que envolvem os sujeitos e as sociedades ao longo do tempo.

Para Fabiano Coelho e Eudes Leite (2021) a História é uma ciência relevante e necessária para a sociedade contemporânea, especialmente em um contexto de crise política, social e epistemológica, marcado pelo negacionismo histórico, pelas guerras culturais e pelo relativismo pós-moderno. Eles afirmam que essa área disciplinar tem um papel fundamental na formação da cidadania, na construção da memória coletiva e na promoção do diálogo crítico entre o passado e o presente.

Além disso, eles propõem que a História seja pensada de forma pública, ou seja, que os educadores se engajem na divulgação e na popularização dos saberes históricos para um público amplo e diverso, utilizando diferentes linguagens e mídias. Eles também defendem que a mesma seja feita de forma participativa e colaborativa, ou seja, que os professores de história dialoguem com as demandas e as expectativas dos diferentes grupos sociais que se interessam pelo passado e que contribuem para a sua produção.

Conforme apontado, é importante que o docente de História estimule o pensamento crítico, a curiosidade e a pesquisa dos alunos, utilizando fontes variadas e confiáveis, como documentos, livros, filmes, mapas, imagens, etc. Também é necessário promover o diálogo, o respeito e a tolerância entre os alunos, valorizando a diversidade cultural e a pluralidade de opiniões. Monteiro afirma que a

(...) relação dos professores com os saberes que ensinam, constituinte essencial da atividade docente é fundamental para a configuração da identidade profissional, tem merecido pouca atenção de pesquisadores em educação voltados para outros aspectos igualmente importantes da atividade educativa, tais como as questões relacionadas à aprendizagem, aos aspectos culturais, sociais e políticos envolvidos. (MONTEIRO, 2001, p. 121)

Diante disso, é importante que o profissional desse componente curricular esteja atento às mudanças sociais, políticas e culturais que ocorrem no mundo, e relacioná-las com os conteúdos históricos. Há a possibilidade também de atualizar seus conhecimentos e metodologias, buscando novas formas de ensinar e aprender. Ele tem ainda um papel fundamental na atualidade, pois contribui para a formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem.

O papel do docente de História na atualidade é fundamental para a formação crítica e cidadã dos estudantes. Em um mundo marcado por conflitos, desigualdades, negacionismos e desafios sociais, ambientais e políticos, o Ensino de História pode contribuir para compreender o passado, o presente e o futuro de forma contextualizada e problematizada. Nesse sentido, o docente pode optar por selecionar e organizar os conteúdos históricos alinhados aos objetivos pedagógicos e diretrizes curriculares, com o intuito de fomentar o diálogo, a diversidade e a pluralidade de perspectivas e fontes históricas. Além disso, ele pode utilizar metodologias ativas e participativas que estimulem o protagonismo, a curiosidade e a criatividade dos alunos, bem como o desenvolvimento de habilidades como leitura, escrita, pesquisa, análise e interpretação crítica de documentos e fenômenos históricos.

Isabel Barca defende que "o Ensino de História deve ser entendido como um processo dialógico entre o professor, os alunos e as fontes históricas, no qual se busca construir significados para o passado e para o presente" (BARCA, 2004, p. 9). Diante disso, salienta-se o papel de construção dos saberes históricos por todos os entes nesse processo.

Já Mario Carretero propõe que "o Ensino de História deve promover uma educação para a cidadania democrática, baseada no reconhecimento da diversidade cultural e na valorização dos direitos humanos" (CARRETERO, 2007, p. 13). Portanto, o papel do docente de História é essencial para a educação de qualidade e para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e plural.

Ser educador, por si só, não é uma tarefa fácil. Paulo Freire defendia uma pedagogia crítica e libertadora, baseada no diálogo entre educador e educando, na problematização da realidade e na conscientização dos sujeitos históricos. Em seu livro "Pedagogia do Oprimido" (1968), ele afirma: "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1987, p. 31).

Ainda diante dessa perspectiva, outro ponto que merece destaque é a formação do docente, que se torna um tema importante. Para César Bressain:

O mundo está em constante transformação, tudo se renova rapidamente. O profissional do Ensino de História e o professor Pedagogo não podem ficar estagnados no tempo. A formação continuada é tudo aquilo que proporciona capacitação e aprimoramento ao professor para os inúmeros desafios que encontra no seu cotidiano, principalmente na sala de aula, seu lugar de trabalho por excelência. (BRESSAIN, 2020, p. 7)

Fica evidente que a prática do Ensino de História na contemporaneidade é

complexa e desafiadora, mas também gratificante e relevante para a formação integral dos estudantes. O docente precisa ser um mediador entre o conhecimento histórico científico e o conhecimento histórico escolar, não como uma sobreposição do primeiro sobre o segundo, mas buscando sempre articular os saberes históricos com os interesses, as necessidades e as vivências dos alunos.

O professor de História como pesquisador é aquele que busca constantemente atualizar seus conhecimentos sobre os temas que ensina, dialogando com a historiografia e as novas produções acadêmicas. É também aquele que investiga a realidade escolar em que atua, levando em conta as demandas, os interesses e as dificuldades dos alunos, bem como as condições materiais e institucionais do seu trabalho. Segundo Fagundes:

Um quadro teórico, por sua vez, pode ser usado para orientar e comparar questões de pesquisa que ainda estão em processo de construção ou que necessitam de aperfeiçoamento. Para isso, um conjunto de princípios é formulado de maneira que explique fatos ou fenômenos, sobretudo aqueles que têm sido testados e possuem uma aceitação ampla, mas que não se aplicam a uma determinada realidade social, o que parece ser o caso dos conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo na atualidade. Esse conjunto de princípios podem ser usados para prever, criar ou inovar um fenômeno em estudo. (FAGUNDES, 2016, p. 284)

Como produtor de conteúdo e conhecimento, o docente de História é aquele que não se limita a reproduzir os livros didáticos ou os currículos oficiais, mas que elabora, dentro de suas possibilidades, seus próprios materiais pedagógicos, adaptando-os às necessidades e aos objetivos de cada turma. É também aquele que utiliza diferentes recursos didáticos, como filmes, músicas, jogos, mapas, imagens, documentos, entre outros, para enriquecer suas aulas e despertar o interesse dos alunos. Segundo Azevedo

O processo de validação da produção da pesquisa no Ensino de História requer demonstração escrita e oral. Ao final dos trabalhos de investigação é preciso materializar os resultados da pesquisa. Duas situações são necessárias: a produção de um texto escrito e a comunicação oral deste. Nos registros acerca da execução da pesquisa, tudo pode ser afirmado posto que fruto de produção científica. As afirmações, contudo, dependem de argumentação sólida. Os argumentos podem ser construídos com base de natureza teórica ou empírica. Organizados coerentemente, os argumentos denunciarão a produção pessoal do futuro professor-pesquisador. (AZEVEDO, 2012, p. 123)

De acordo com Marlene Grillo (2006), o educador que se vê como um pesquisador de sua própria prática e a transforma em objeto de investigação tem um impacto positivo no desenvolvimento da autonomia do aluno. Isso ocorre porque o aluno é exposto a um ensino de melhor qualidade educativa e tem no professor um modelo de experimentação, ousadia, risco e tomada de decisão. Isso pode ser uma referência

importante para a formação do aluno. Em outras palavras, o profissional que reflete sobre sua prática e busca melhorá-la constantemente pode inspirar seus alunos a fazerem o mesmo em suas próprias vidas. Isso pode levar a um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e enriquecedor para todos os envolvidos.

O Ensino de História é um campo de pesquisa e uma atividade que envolve a compreensão e a interpretação das ações humanas no tempo e no espaço, é uma concepção educativa “que estimula processos de ensino e de aprendizagem numa perspectiva crítica e reflexiva, em que o estudante possui papel ativo e é corresponsável pelo seu próprio aprendizado” (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 276), pois para que esse ensino seja efetivo e significativo, é preciso que o professor de História utilize diferentes mecanismos que possam despertar o interesse e a curiosidade dos discentes, bem como desenvolver o seu raciocínio crítico e a sua autonomia pessoal.

A importância do uso da internet para o Ensino de História é confirmada por vários educadores que defendem a necessidade de atualizar as práticas pedagógicas e de dialogar com as tecnologias digitais. Por exemplo, Fonseca argumenta que:

O uso da internet no Ensino de História pode ser um instrumento valioso para a construção do conhecimento histórico pelos alunos, desde que seja utilizado de forma crítica e criativa. A internet pode ampliar as possibilidades de pesquisa, de acesso a fontes diversas, de intercâmbio de experiências e de produção de novos saberes. No entanto, é preciso que o professor esteja atento aos limites e aos problemas que esse recurso também apresenta, como a falta de confiabilidade das informações, a superficialidade das análises, a fragmentação dos conteúdos, entre outros. (FONSECA, 2003, p. 25)

Portanto, o docente de História tem uma grande importância em utilizar diferentes mecanismos para ensinar, dando ênfase no uso da internet como recurso didático. Diante disso, Schmid afirma que o "professor deve ser um produtor de conteúdos didáticos específicos para o Ensino de História" (2010. p. 9), sendo assim, é de grande valia que esses profissionais assumam sua posição dentro e fora da internet como criadores de conteúdo que são de fato.

Essa importância do uso do digital no Ensino de História nos leva ao conceito de historiografia escolar digital, que é um tema que vem ganhando cada vez mais relevância no campo do Ensino de História, especialmente diante dos desafios impostos pela cultura digital e pelas políticas curriculares. Mas o que significa esse conceito e como ele se relaciona com a prática docente e discente nas escolas da educação básica?

Conforme defende Marcella Albaine Farias da Costa, autora do livro "Ensino de História e Historiografia escolar digital", a Historiografia Escolar Digital é "menos o meio pelo meio e mais a forma como o professor vai se apropriar do referido meio em

prol do seu objetivo pedagógico" (2021, p. 181). Ou seja, como ela aponta, trata-se de uma forma de produzir e construção conhecimento histórico escolar que leva em conta as especificidades do meio digital, como a interatividade, a multimodalidade, a hipertextualidade e a colaboratividade, no entanto, não o colocando como a única forma de ensinar História, mas como uma delas.

A historiografia escolar digital não se limita ao uso de tecnologias digitais na sala de aula, mas sim com uma mudança de paradigma na forma de pensar e fazer História na escola. Isso implica em reconhecer o papel ativo dos alunos como produtores e não apenas consumidores de História, bem como o papel dos professores como orientadores e mediadores desse processo. Além disso, significa valorizar as diversas fontes e linguagens que o digital oferece, como imagens, vídeos, áudios, mapas, jogos, redes sociais, entre outras.

Para Costa, a historiografia escolar digital pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento histórico dos alunos, ou seja, da capacidade de compreender as engrenagens da temporalidade a partir de uma perspectiva crítica, contextualizada e problematizada. Ela o faz mediante as habilidades de datação, cronologia, anterioridade, posteridade, simultaneidade, transformação e permanência, aproximando esses elementos à realidade individual e estabelecendo uma conexão entre a História de vida, a História brasileira e a História Mundial.

Neste sentido, a historiografia escolar digital representa uma oportunidade para renovar o Ensino de História e torná-lo mais engajado com as demandas da sociedade contemporânea. No entanto, para que isso se efetive, é preciso superar alguns obstáculos, como a falta de formação específica dos docentes para lidar com o digital, a resistência às mudanças curriculares e metodológicas por parte de alguns segmentos da comunidade escolar e a precariedade das condições materiais e infraestruturais das escolas públicas.

Outro termo, de grande importância na produção historiográfica nas redes digitais que precisa ser abordado nesse capítulo é a etnotecnologia, que é um termo que se refere ao estudo das relações entre os saberes e as técnicas dos diferentes grupos étnicos e culturais, considerando seus contextos históricos, sociais e ambientais (MOURA, 2013). A etnotecnologia busca valorizar e preservar a diversidade cultural e a sustentabilidade dos modos de vida tradicionais, especialmente dos povos indígenas e quilombolas, que possuem conhecimentos ancestrais sobre o uso dos recursos naturais da Amazônia brasileira.

A etnotecnologia tem uma grande importância na educação e no Ensino de

História da atualidade, pois permite uma abordagem interdisciplinar e crítica sobre os processos de colonização, exploração e resistência que marcaram a História da Amazônia, precisamente nosso lugar de fala para a elaboração dessa pesquisa. A etnotecnologia também contribui para o reconhecimento e o respeito às identidades, às memórias e às culturas dos povos amazônicos que são frequentemente invisibilizados ou estereotipados pela historiografia oficial. Além disso, a etnotecnologia estimula o diálogo entre os saberes científicos e os saberes populares, promovendo a troca de experiências, a aprendizagem colaborativa e a construção de soluções inovadoras para os problemas socioambientais da região.

Para compreender melhor o conceito de etnotecnologia e sua aplicação na educação e no Ensino de História na Amazônia é necessário recorrer a alguns autores que se dedicaram ao estudo desse tema. Um deles é José Ribamar Bessa Freire, que em seu livro "Rio Babel: a História das línguas na Amazônia" (2004) no qual analisa as relações entre as línguas, as culturas e as tecnologias dos povos indígenas da Amazônia, mostrando como eles se adaptaram às mudanças históricas e criaram formas de comunicação próprias. Outra autora é Edna Castro, que em seu artigo "Etnotecnologia: um campo em construção" (2010) propõe uma definição de etnotecnologia como uma área do conhecimento que articula as ciências sociais, as ciências naturais e as engenharias, tendo como foco o estudo das técnicas desenvolvidas pelos grupos humanos em seus contextos específicos. Um terceiro autor é João Batista Ferreira, que em sua tese "Etnotecnologia na educação escolar indígena: um estudo de caso na aldeia Tiracambu dos Wapixana" (2015) investiga como a etnotecnologia pode ser utilizada como um recurso pedagógico para valorizar os saberes tradicionais dos alunos indígenas e fortalecer sua identidade cultural.

A partir desses autores, podemos perceber que a etnotecnologia é um termo amplo e dinâmico, que abrange diversas dimensões da relação entre os seres humanos e o meio ambiente. A etnotecnologia não se limita ao estudo das técnicas materiais, mas também envolve as técnicas simbólicas, como as línguas, as artes, as religiões e as cosmologias. A etnotecnologia também não se restringe ao passado, mas se projeta para o futuro, buscando formas de preservar os patrimônios culturais e naturais da Amazônia e de garantir o bem-estar das populações locais.

Portanto, a etnotecnologia é um conceito que pode enriquecer a educação e o Ensino de História da atualidade e para a Amazônia brasileira, pois oferece uma perspectiva crítica e plural sobre a História da região, reconhecendo sua diversidade cultural e ambiental. A etnotecnologia também pode favorecer a formação de cidadãos

conscientes e comprometidos com a defesa dos direitos humanos, da democracia e da sustentabilidade na Amazônia.

Este capítulo teve como objetivo discutir o Ensino de História e suas demandas da atualidade, considerando os desafios e as possibilidades de uma disciplina que busca contribuir para a formação crítica e cidadã dos estudantes. Para isso, foram analisadas algumas questões que envolvem o Ensino de História hoje, como a diversidade de fontes, a pluralidade de sujeitos, a interdisciplinaridade, a contextualização e a problematização. Também foram apresentadas algumas experiências pedagógicas que ilustram como o Ensino de História pode ser dinâmico, criativo e marcante para os alunos, valorizando suas vivências, seus conhecimentos prévios e suas indagações sobre o passado e o presente. Por fim, foi destacada a importância do papel do professor de História como mediador entre os saberes históricos e os saberes escolares, buscando uma prática docente reflexiva, crítica e comprometida com a educação para a democracia.

3. #SACASÓNESSAHISTÓRIA

O nome desse capítulo faz alusão à *hashtag* criada para o perfil do Prof. Hudson Araujo, @profhudsonaraujo⁸. Quando iniciei nas redes sociais, primeiramente no *Facebook* e depois no Instagram, não utilizava meu nome no perfil, apenas o “Saca só nessa História”; posteriormente, querendo me apresentar como professor de História e ocupar esse espaço como profissional, passei a utilizar meu próprio nome junto com #SACASÓNESSAHISTÓRIA, tornando-o um meio eficaz para encontrar minhas produções nessas plataformas.

Hashtags, selfies, direct, feed, stories, reels ou *influences*, são muitos os termos usados no dia a dia do uso do Instagram, atualmente, uma das redes sociais mais conhecidas e utilizadas no mundo (CRUZ, 2023). Essa plataforma digital é muito utilizada desde marketings para empresas ou pessoas famosas até mesmo por pessoas comuns e se tornou nos últimos anos, uma das maiores vitrines digitais do mundo.

O Instagram foi lançado em 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger e, até então, era uma das primeiras redes sociais exclusivas para acesso por meio do celular. Apesar de atualmente ser possível visualizar publicações no *desktop*, o seu formato ainda continua sendo voltado para dispositivos móveis, talvez por isso seu uso venha se popularizando cada vez mais. De acordo com Cruz, “o Instagram possui atualmente 122 milhões de usuários no Brasil. Sendo uma fonte atrativa para todos que queiram anunciar e conseguir seguidores para crescer os seus perfis” (Cruz, 2023). Sendo assim, essa plataforma é a 3ª rede social mais usada no Brasil em 2022, o número de usuários é o equivalente a metade da população brasileira de acordo com o IBGE. (ROSSI, 2023)

Imagem 1- Fotografia vintage de Kevin Systrom e Mike Krieger, os criadores do Instagram segurando câmeras Polaroides antigas, símbolo da plataforma.

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/profhudsonaraujo/>>. Acesso em: 28 fev. 2024



Fonte: Meio Bit, 2019⁹

O Instagram já mudou bastante desde 2010, e em 2012 foi comprado pelo Facebook, atualmente chamado de Meta, custando 1 bilhão de dólares pela compra na época. Hoje, essa rede social possui diferentes recursos que não existiam quando foi criada, como *stories*, *reels*, diversos filtros, etc.

Todavia, o que tudo isso tem a ver com História? É exatamente essa a questão a qual esse capítulo se debruça. Busca-se entender as potencialidades, bem como, as possibilidades para a didática do docente de História ao utilizar o Instagram, pontuando o papel construtivo do Ensino de História através de tecnologias digitais e utilizando-se das vários recursos presentes nesta rede social, sem no entanto tornar isso mais um fardo para esse profissional, uma vez que não é sobre ter que usar, mas, sim, sobre enxergar nessa plataforma um espaço de divulgação científica.

Produzir conteúdo histórico nesse espaço é, por si só, uma forma de subverter e transgredir sua finalidade, pois é latente essa necessidade, bem como afirma José Pacheco: “não é aceitável um modelo educacional em que os alunos do século XXI são ‘ensinados’ por professores do século XX, com práticas do século XIX.” (PACHECO, 2006, p. 22). Entende-se, a partir disso, que precisa-se avançar, todavia, esse caminho já vem sendo trilhado por muitos educadores, que não só com o uso de tecnologias digitais, vêm trabalhando para o melhoramento da prática do ensino de História.

Seja como for, as redes sociais, cujo uso foi amplificado durante 2020 e 2021 (ARCANGELI, 2023), exercem uma forte influência em nossas vidas, impactando a conexão entre as pessoas, trazendo promessas de companhia e entretenimento, criando

⁹ Disponível em:

<<https://meiobit.com/391026/co-fundadores-instagram-saem-da-empresa-divergencias-com-zuck/>>

Acesso em: 29 jan. 2023.

novas comunidades e novos nichos e até mesmo alterando o comportamento dos consumidores.

A sociabilidade humana é latente em nossa existência e pode ser observada desde o período anterior à escrita, pois somos seres essencialmente sociáveis, todavia, essa sociabilidade se transforma com o passar dos anos através das necessidades impostas pelas ocasiões. A internet revolucionou não só a comunicação, mas também a nossa forma de se comunicar.

As redes sociais as quais conhecemos hoje podem mudar rapidamente amanhã, o que já está sendo vislumbrado com o sistema de Metaverso, que de acordo com Freire: é considerado o "próximo capítulo da Internet" (FREIRE, 2023), o mundo virtual onde as pessoas poderão interagir e realizar qualquer atividade é a mais recente aposta das gigantes da tecnologia e promete dar novos contornos à comunicação humana. Sendo assim, o mundo do século XXI é rápido e extremamente mutável.

As redes sociais digitais são um componente difundido da cibercultura e têm trazido mudanças significativas na forma de entender o mundo e no dia a dia das pessoas. É de fato um fenômeno puramente humano e atual, conforme Ferreira explica:

É, no início do séc. XX, que surge a ideia de rede social, a ideia de que as relações sociais compõem um tecido que condiciona a ação dos indivíduos nele inseridos. A metáfora de tecido ou rede foi inicialmente usada na sociologia, para associar o comportamento individual à estrutura a qual ele pertence e transformou-se em uma metodologia denominada sociometria, cujo instrumento de análise se apresenta na forma de um sociograma. (FERREIRA, 2011, p. 213)

Sendo assim, Ferreira conceitua as redes sociais como uma estrutura social composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades, designadas por participantes, que estão ligadas por um ou mais tipos de relações, podendo ser inclusive amizade, família, negócios, sexo, etc. E é justamente nessas relações que os atores sociais criam movimentos e fluxos por meio dos quais compartilham crenças, conhecimentos, poder, informações, prestígio, etc. (FERREIRA, 2011, p. 213)

A sociedade muda e junto com ela, as redes sociais, que continuamente recebem atualizações para melhor atender a esse público. Conforme Gomes:

(...) a informação é valiosa no sentido de que é a partir dela que um sujeito é capaz de se posicionar perante a sociedade. Quando esta é verdadeira e ancorada à realidade, manifesta-se a possibilidade, por parte de quem lê, de persuadir o outro, ver o corpo social de uma maneira mais crítica e construir um pensamento capaz de influir o mundo que o rodeia. Estar bem informado requer um exercício constante, ininterrupto e diário. (GOMES, 2017, p. 510)

Sendo assim, rede social se refere à forma como as pessoas ou organizações se conectam por meio de diferentes tipos de relações, que podem envolver interesses, valores, objetivos ou afetos comuns. Essas plataformas podem ser formadas tanto no âmbito presencial quanto no virtual, sendo este último o mais difundido na atualidade. Essas são espaços na internet onde os usuários podem interagir uns com os outros, compartilhar conteúdos, buscar informações e realizar diversas atividades. Alguns exemplos de redes sociais virtuais são *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *YouTube* e *WhatsApp*. Cada uma dessas redes possui um propósito e um público-alvo específico, além de diferentes formatos de conteúdo, como textos, imagens, vídeos e áudios. Raquel Recuero pontua que

(...) uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 15)

Essas plataformas virtuais podem trazer benefícios para seus usuários, como ampliar seus contatos pessoais e profissionais, facilitar a comunicação e o acesso à informação, estimular a criatividade e a participação social. No entanto, também podem apresentar desafios e riscos, como expor dados pessoais, disseminar informações falsas ou ofensivas, gerar dependência ou isolamento social. Por isso, é importante usar as redes sociais virtuais de forma consciente e responsável.

O conceito de rede social surgiu com a apropriação de conhecimentos da teoria dos grafos e de redes por estudiosos das Ciências Humanas como antropólogos, sociólogos e historiadores, que visavam compreender fenômenos sociais, analisando-os a partir de relações interpessoais. Seguindo o pensamento de Marteleto:

Desde os estudos clássicos de redes sociais até os mais recentes, há um consenso de que não existe uma ‘teoria de redes sociais’ podendo este conceito ser empregado em diversas teorias sociais, entretanto, necessitam de dados empíricos complementares, além da identificação dos elos e relações entre indivíduos. A análise de redes pode ser aplicada no estudo de diferentes situações e questões sociais. (MARTELETO, 2001, p. 72)

Utilizando-se da fala de Gomes (2012, p. 99): “vivemos um momento ímpar no campo do conhecimento. O debate sobre a diversidade epistemológica do mundo encontra maior espaço nas ciências humanas e sociais.” Diante desse pressuposto, a

História e seus profissionais têm muito o que ganhar e contribuir com a utilização de plataformas digitais como o Instagram.

A História, como disciplina, tem um estigma de estudar apenas o passado, como se não tivesse nenhuma relação com o presente. Mero engano, pois falta o entendimento do que essa área das Ciências Humanas estuda; essa compreensão é essencial para entender a própria atualidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que docentes e discentes devem desenvolver, ao longo da Educação Básica, a competência para:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2018, p. 61)

Então, como podemos ignorar a capacidade de impulsionar (ou como se fala nas redes, dar um *up*) a didática do professor de História ao utilizar o Instagram e até onde essa plataforma pode auxiliar o educador em seu dia-a-dia?

De modo algum esse trabalho pensa em criar mais uma plataforma paralela para sala de aula ou trazer ainda mais peso para os educadores que já se encontram, muitas vezes, estafados diante de tantas obrigações. Este capítulo pretende dar uma contribuição para que docentes possam enxergar no Instagram um espaço para produção de conteúdo histórico, podendo o docente ser o *influencer* ou utilizar-se dos trabalhos de outros profissionais para suas aulas.

3.1 O Instagram e outras redes sociais

O Instagram é uma das redes sociais mais populares do mundo, com cerca de 2 bilhões de usuários ativos mensalmente. Como já foi dito anteriormente, sua criação data de 2010 pelo americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, que inicialmente desenvolveram um aplicativo chamado Burbn, que permitia compartilhar fotos com filtros digitais. Após algumas mudanças, o app foi relançado como Instagram, uma junção entre os termos "*instant camera*" e "*telegram*".

Desde então, o Instagram passou por diversas transformações e inovações, como a introdução dos *stories*, inspirados no *Snapchat*, e do *reels*, uma resposta ao sucesso do TikTok¹⁰. Além disso, a plataforma foi adquirida pelo *Facebook* em 2012 por cerca de 1

¹⁰ Aplicativo de compartilhamento de vídeos com recursos e tendências de edição exclusivos. O aplicativo foi lançado em 2016 na China, onde é chamado de Douyin. Ele se tornou internacional em 2017 como

bilhão de dólares em dinheiro e ações.

O Instagram se destaca por ser uma rede social voltada para a expressão visual e criativa dos seus usuários, que podem compartilhar fotos e vídeos de diferentes formatos e estilos. Segundo Raquel Recuero, "o Instagram é uma rede social que se baseia na construção de narrativas visuais sobre o cotidiano dos usuários" (2015, p. 23).

Essas narrativas visuais podem ser influenciadas por diversos fatores, como o contexto social, cultural e histórico dos usuários, bem como pelos recursos disponíveis na plataforma. Nesse sentido, o Instagram pode ser visto como um espaço de interação, informação e entretenimento, mas também de disputa simbólica e construção de identidades.

Para compreender melhor o fenômeno do Instagram, é preciso analisar não apenas os aspectos técnicos e funcionais da plataforma, mas também as práticas sociais e culturais que emergem dela. Como afirma o sociólogo Manuel Castells, "as redes sociais são construídas pelos atores sociais a partir de seus valores e projetos" (2013, p. 17). Portanto, o Instagram é um reflexo das dinâmicas sociais contemporâneas, mas também um agente que as modifica.

No entanto, o uso de redes sociais no Ensino de História também apresenta alguns desafios que devem ser considerados pelos professores, não somente os de História. Um dos desafios é o de selecionar e analisar as plataformas mais adequadas para os objetivos pedagógicos pretendidos, levando em conta as características, as potencialidades e as limitações de cada uma delas. Outro, é o de orientar os alunos sobre os cuidados éticos e legais que devem ter ao usar as redes sociais, como respeitar os direitos autorais, citar as fontes corretamente, evitar o plágio, preservar a privacidade e combater as *fake news*.

As redes sociais digitais se tornaram um importante meio de comunicação, informação e aprendizagem na contemporaneidade, principalmente após a pandemia de covid-19 que impôs restrições ao contato presencial e à mobilidade. Nesse contexto, o uso de uma rede social digital no Ensino de História pode ser uma forma de aproximar os alunos da disciplina, despertar o interesse pelo passado e promover o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para a cidadania. Segundo Andreza Maynard (2021, p. 40), desenvolveu a prática "a aula de hoje será no Instagram" que consistia em uma proposta pedagógica visando "explorar as potencialidades do uso do Instagram como recurso didático no Ensino de História".

TikTok; o nome, aparentemente, é uma brincadeira com tick-tock, onomatopeia para relógios e um termo para contagens regressivas e ação minuto a minuto.

A autora relata que a experiência foi positiva, pois permitiu aos estudantes interagir com diferentes fontes históricas, produzir conteúdos relevantes e compartilhar suas reflexões com outros usuários da rede. Além disso, Maynard (2021) destaca que o uso do Instagram possibilitou a construção de uma identidade digital dos alunos, bem como o exercício da autonomia, da criatividade e da criticidade. Outra vantagem do uso de uma rede social digital no Ensino de História é que ela pode favorecer a integração entre o conhecimento escolar e o cotidiano dos alunos, tornando a aprendizagem mais marcante e contextualizada.

A autora relata ainda uma experiência de ensino de História utilizando o Instagram, com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Aracaju, Sergipe. Segundo ele, o objetivo era "proporcionar aos estudantes um contato com diferentes fontes históricas e estimular a reflexão crítica sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula" (MAYNARD, 2021, p.46).

Para isso, a professora criou um perfil no Instagram chamado @historia_codap¹¹, onde postava imagens relacionadas aos temas estudados em sala de aula, como a Revolução Francesa, a Independência do Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Incentivava os alunos a interagirem com as postagens, comentando, curtindo e compartilhando as imagens. Ela também utilizava o recurso dos *stories*, que são vídeos ou fotos que ficam disponíveis por 24 horas, para fazer perguntas aos alunos sobre os conteúdos trabalhados e para divulgar atividades complementares.

As redes sociais podem funcionar como um arquivo moderno, contendo grande quantidade de dados pessoais, interações sociais e eventos históricos. No entanto, a permanência, ou a impermanência, dessas plataformas levanta questões importantes sobre a preservação da memória histórica e a integridade da produção científica. A breve duração do conteúdo nas redes sociais, onde as publicações podem ser limitadas ou removidas, diferem da durabilidade tipicamente ligada aos registros históricos. Além disso, a seleção algorítmica dessas plataformas pode gerar um preconceito naquilo que é limitado em destaque, podendo distorcer a interpretação futura dos acontecimentos atuais.

No contexto da produção científica, as redes sociais oferecem tanto oportunidades quanto desafios. Por um lado, elas permitem a disseminação rápida de descobertas e a colaboração entre pesquisadores. Por outro lado, a rapidez com que as informações circulam pode levar à disseminação de dados não verificados ou à falta de rigor no processo de revisão por pares. Como aponta Silva em seu estudo sobre o

¹¹ Foi verificado que o referido perfil não está mais online no momento da escrita dessa dissertação.

impacto das redes sociais na comunicação científica, "a velocidade de compartilhamento de informações nas redes sociais pode tanto contribuir para o avanço do conhecimento quanto para a propagação de informações equivocadas" (SILVA, 2019, p. 112). Portanto, é crucial que a comunidade científica desenvolva estratégias para gerenciar a presença e o uso das redes sociais, assegurando que contribuam positivamente para a produção e preservação do conhecimento científico.

A experiência foi avaliada de forma positiva pela autora, que observou um aumento do interesse e da participação dos alunos nas aulas de História, bem como uma melhoria na compreensão dos conceitos históricos. Ela também destacou que o uso do Instagram permitiu uma aproximação entre a escola e o cotidiano dos alunos, que já utilizavam essa rede social para outros fins. Além disso, ela ressaltou que o uso do Instagram favoreceu o desenvolvimento de habilidades como a leitura crítica de imagens, a escrita reflexiva e a pesquisa histórica.

A experiência relatada pela Andreza Maynard é um exemplo de como as redes sociais digitais podem ser utilizadas no Ensino de História de forma criativa e inovadora, aproveitando as potencialidades dessas mídias para estimular o interesse e a aprendizagem dos alunos. No entanto, é preciso também estar atento aos desafios e às limitações que esse tipo de prática pedagógica pode apresentar, como a necessidade de planejamento prévio, a adequação dos conteúdos ao formato da rede social, a garantia do acesso dos alunos à internet e aos dispositivos móveis, a preservação da privacidade e da segurança dos dados dos envolvidos e o respeito aos direitos autorais das imagens utilizadas.

As redes sociais digitais são uma realidade na sociedade atual e não podem ser ignoradas pela escola. Pelo contrário, elas podem ser incorporadas ao Ensino de História como uma forma de dialogar com os interesses e as demandas dos alunos, bem como de promover uma educação histórica crítica e cidadã.

Todavia, nem só de coisas boas vivem os usuários de redes sociais. Essas plataformas digitais se tornaram um fenômeno global, conectando bilhões de pessoas e possibilitando a troca de informações, opiniões e experiências. No entanto, esses espaços virtuais também apresentam problemas e desafios, como a disseminação de ódio, preconceito, desinformação e notícias falsas.

Segundo Penachioni (2019), as redes sociais são ambientes propícios para a manifestação de discursos de ódio, que podem ser definidos como "qualquer forma de expressão que incite, promova ou justifique o ódio, a discriminação ou a hostilidade contra um grupo ou um indivíduo em razão de sua pertença a esse grupo" (p. 13). Esses

discursos podem gerar violência, intolerância e exclusão social, afetando os direitos humanos e a democracia.

Um dos fatores que contribuem para a proliferação de discursos de ódio nas redes sociais é o anonimato ou o uso de perfis falsos, que permitem aos usuários se esconderem atrás de uma identidade virtual e se sentirem impunes. Além disso, essas redes favorecem a formação de bolhas ideológicas, nas quais os usuários se expõem apenas a conteúdos que reforçam suas crenças e valores, ignorando ou rejeitando opiniões divergentes. Isso pode levar ao extremismo, ao fanatismo e à polarização política.

A desinformação e as notícias falsas podem afetar a credibilidade das fontes jornalísticas, a qualidade do debate público e a tomada de decisões dos cidadãos. Além disso, podem gerar pânico, medo, desconfiança e conflitos sociais. Um exemplo recente foi a pandemia da covid-19, na qual circularam no Instagram e em outras redes diversas informações falsas ou distorcidas sobre a origem, a transmissão, os sintomas, os tratamentos e as vacinas contra o vírus.

Diante desses problemas e desafios, é necessário que os usuários destas plataformas tenham uma postura crítica e responsável em relação às informações que consomem e compartilham. Prada (2020) sugere algumas estratégias para combater a desinformação e as notícias falsas nas redes sociais, como: verificar a fonte da informação, sua data, seu autor e sua credibilidade; comparar a informação com outras fontes confiáveis e independentes; analisar o contexto, o propósito e o público-alvo da informação; identificar possíveis vieses, distorções ou manipulações na informação; consultar especialistas ou instituições reconhecidas sobre o tema da informação; denunciar ou reportar as informações falsas ou enganosas às plataformas das redes sociais.

Além disso, é importante que os usuários das redes sociais respeitem a diversidade de opiniões e evitem disseminar ódio ou preconceito contra grupos ou indivíduos. Esses espaços podem ser de diálogo, aprendizagem e cidadania, desde que sejam usadas com ética e consciência.

Essas plataformas são uma realidade cada vez mais presente na vida das pessoas, especialmente dos jovens. Elas oferecem diversas possibilidades de comunicação, informação, entretenimento e participação social, mas também trazem alguns desafios e riscos que precisam ser considerados.

Uma das possibilidades das redes sociais é a de ampliar o acesso a diferentes fontes de conhecimento, opiniões e culturas. Por meio delas, podemos interagir com

pessoas de diferentes lugares, interesses e perfis, e aprender com as suas experiências e perspectivas. Além disso, as redes sociais podem ser usadas como uma possibilidade de educação, tanto formal quanto informal, pois permitem o compartilhamento de conteúdos educativos, a realização de cursos *online*, a formação de comunidades de aprendizagem e a troca de dúvidas e *feedbacks*.

No entanto, as redes sociais também apresentam alguns desafios que exigem cuidado e responsabilidade dos seus usuários. Um deles é o da qualidade e veracidade das informações que circulam nessas plataformas. Nem tudo o que é publicado nas redes sociais é confiável ou relevante, e muitas vezes somos expostos a notícias falsas, boatos, propaganda enganosa e discursos de ódio. Por isso, é preciso ter senso crítico e verificar as fontes e os dados antes de acreditar ou compartilhar qualquer informação.

Outro desafio das redes sociais é o da privacidade e segurança dos dados pessoais. Ao nos cadastrarmos nessas plataformas fornecemos uma série de informações sobre nós mesmos, como nome, idade, localização, preferências, hábitos etc. Esses dados podem ser usados pelas empresas que administram as redes sociais para fins comerciais ou políticos, ou podem ser acessados por terceiros mal-intencionados que podem nos roubar, extorquir ou chantagear. Por isso, é preciso ter cautela e configurar as opções de privacidade e segurança das nossas contas, além de evitar compartilhar dados sensíveis ou comprometedores.

Um terceiro desafio das redes sociais é o do equilíbrio entre o uso saudável e o abuso dessas mídias. As redes sociais podem ser viciantes e consumir muito do nosso tempo e atenção, prejudicando outras atividades importantes da nossa vida, como os estudos, o trabalho, o lazer e as relações interpessoais. Além disso, as redes sociais podem afetar a nossa saúde mental e emocional, pois podem gerar ansiedade, depressão, baixa autoestima, isolamento social e *cyberbullying*. Por isso, é preciso ter consciência e controle sobre o tempo e a forma que usamos essas plataformas, buscando um uso moderado e consciente.

Diante desses desafios e possibilidades das redes sociais, qual é o papel dos professores nesse cenário? Os educadores têm uma função fundamental na educação para o uso ético, crítico e responsável das redes sociais pelos seus alunos. Eles podem orientar os estudantes sobre os benefícios e os riscos dessas mídias, estimular o desenvolvimento de habilidades digitais e cidadãs, promover o diálogo e o respeito à diversidade e incentivar a participação social e política dos jovens.

Além disso, os docentes podem usar as redes sociais como aliadas no processo educativo, produzindo conteúdos relevantes e de qualidade para os seus alunos e para o

público em geral. Eles podem criar *blogs*, *podcasts*, vídeos ou páginas nas redes sociais para divulgar os seus conhecimentos, experiências e opiniões sobre temas educacionais ou de interesse social. Dessa forma, eles contribuem para a democratização do acesso à informação e à educação, além de se tornarem referências positivas para os seus alunos e para a sociedade.

O uso do Instagram no Ensino de História ainda está sendo explorado. Conforme escrito anteriormente, existem poucas fontes sobre a temática, todavia, isso não quer dizer que não possamos avançar ou usar referenciais do campo do Ensino da História, e até mesmo de outras áreas, como, por exemplo, a Comunicação, para construir esse trabalho.

Para começar, precisamos primeiramente entender a importância da cultura digital na sociedade atual e o papel desta no Ensino de História. De acordo com a BNCC, a “cultura digital perpassa todos os campos, fazendo surgir ou modificando gêneros e práticas.” (BRASIL, 2018, p. 85), sendo assim, se torna a linguagem contemporânea da cibercultura dos pensadores digitais. Ainda buscando compreender sobre essa Era Digital, Moraes defende que a:

Multiplicidades que o compõem juntamente com as inúmeras situações propostas pela práxis educativa e as demandas contemporâneas, faz-se necessária uma reflexão sobre a aprendizagem histórica na Era Digital e uma nova cultura de aprendizagem, ou seja, como a escola tem gerado espaço para dialogar com essas novas formas de aprender. (MORAES, 2018, p. 14)

As redes sociais no século XXI se tornaram um meio de múltiplas possibilidades, sendo utilizado não apenas para interação entre pessoas, que é sua função principal, mas também para expor trabalhos, busca de empregos, produção de conteúdos diversos e mais recentemente, sendo explorado no meio educacional.

No entanto, a gênese dessa necessidade de inovação, vem a partir dos anos 80, que foi a "fase de elaboração de reformulações curriculares, as críticas ao Ensino de História voltaram-se contra uma História Tradicional" (BITTENCOURT, 2008, p. 228). Esse tipo de metodologia foi predominante antes dos anos 70, onde essa disciplina estava voltada a aulas expositivas e a utilização de materiais pedagógicos como giz e lousa.

É preciso pensar ainda que apenas a utilização dessas apostas tecnológicas, precisam também ser acompanhadas de novos métodos, pois corremos o risco de repetir a ideia conceitual de que o aluno não possui nenhum saber e a História não passa de um conhecimento a ser transmitido sem criticidade alguma. Como afirma Bittencourt

Tais concepções de ensino de aprendizado explicam por que um método tradicional pode ser utilizado com a tecnologia avançada. Pode estar presente mesmo com o emprego de computadores, desde que a finalidade principal do uso de suporte tecnológico seja apenas facilitar a melhor transmissão do conhecimento, sem estabelecer as necessárias relações entre o conhecimento do aluno e o escolar. Renova-se o instrumento, mas fica mantido o método tradicional, ao consolidar a noção de que saber histórico significa apenas a absorção do que foi transmitido. (BITTENCOURT, 2008, p. 230)

Para fugir dessa armadilha de repetir esse método tradicional de Ensino de História o qual a autora se refere, é de extrema importância entender o que é esse conceito na contemporaneidade, bem como compreender também a sala de aula como reflexo da sociedade e, é claro, sem deixar de pautar o papel do aluno nesse processo articulador do conhecimento.

Partindo do entendimento da demanda da profissão do professor de História atualmente, Caimi afirma:

(...) Há a tarefa de problematizar algumas das principais demandas que se apresentam ao trabalho do professor de História, diante da pluralidade e complexidade das práticas sociais e culturais que adentram a escola na contemporaneidade. A escola brasileira, abrigando mais de 54 milhões de estudantes e cerca de dois milhões de professores na educação básica, tem se configurado como um lugar altamente desafiador para a docência. Isso porque a diversidade torna cada vez mais evidente a distância entre as culturas juvenis e a cultura escolar e amplifica a percepção da crise na educação escolar. Essa suposta crise se caracteriza, dentre outros aspectos, pela carência de sentido das propostas do sistema escolar perante os jovens, pela aparência obsoleta dos conteúdos, pela irrelevância de muitas das atividades que ali são desenvolvidas. (CAIMI, 2015, p. 106)

E é nessa perspectiva exposta pela autora, que é o distanciamento do conteúdo para com os alunos, que precisamos trabalhar para aproximar esses dois lados, sendo que as redes sociais podem ser um meio nesse processo de ensino, já que o uso dessas tecnologias estão cada vez mais presentes na vida das pessoas. Para complementar essa ideia de mudança de perspectiva do profissional de História, Moraes entende que é

Imperativo de ressignificar a nossa prática docente, muitas vezes questionada por nós diante os inúmeros problemas que se apresentam na vida cotidiana e que são recorrentes, como o desinteresse dos estudantes pela História como saber escolar e apatia durante as aulas, a falta de empatia pelo sujeitos históricos e a preferência pelas mídias e redes sociais digitais para aprender determinados conteúdos históricos. (MORAES, 2018, p. 14)

Moraes evoca essa apropriação do docente de História das redes sociais em 2018, no entanto, essa necessidade se torna ainda mais urgente durante a pandemia de Covid-19, que começou em 2020. Neste evento, as plataformas digitais como o

Instagram se tornaram um meio, quase que único, de socializar e se comunicar com outras pessoas.

O número de usuários não diminuiu com as reduções do distanciamento social. Para entender melhor a dimensão disso, a jornalista Cris Arcangeli escreveu que “estamos falando de 4,62 bilhões de usuários. Esse número vai crescer ainda mais nos próximos meses e deve chegar a 60% da população global num brevíssimo tempo.” (ARCANGELI, 2023)

Para entender esse processo do uso das redes sociais na História, Moraes usa o definição de aprendizagem histórica digital como proposta pedagógica, este é “um conceito estruturado a partir de: cibercultura (contexto), o homo zappiens ou infoexcluídos (sujeitos) e as demandas de aprendizagem histórica contemporâneas.” (Moraes, 2018, p. 87). Sendo assim, o Instagram, como uma dessas redes, pode se tornar um espaço público mediado pelo professor capaz de criar um local de protagonismo do aluno na construção dos saberes históricos, já que nesse ambiente pode-se comentar, interagir, curtir e até mesmo compartilhar postagens.

A criticidade, tão importante no Ensino de História, não pode cegar-se pelos métodos utilizados. Bittencourt alerta que

A opção da política educacional brasileira tem ocasionado questionamentos sobre a concepção de conhecimento escolar e sobre o papel dos professores no atual modelo pedagógico em que os métodos de ensino tendem a uma submissão tecnológica controlada pelas mídias eletrônicas. A BNCC aponta para uma “modernização” dos conteúdos e dos métodos escolares tendo como premissas as novas vivências da geração das mídias, do individualismo do jovem cidadão consumidor cujo sonho é se integrar ao sistema capitalista globalizado que o torna dependente da aquisição contínua das novas tecnologias. (BITTENCOURT, 2018, p. 143)

Sendo assim, é preciso entender também a própria lógica das redes sociais, como frutos capitalistas, ainda mais o próprio Instagram, que não foi criado para a educação, mas sim, para marketing e publicidade. O uso dessa plataforma para democratizar a educação, é por si só uma transgressão da mesma. É uma apropriação de um espaço concebido para impulsionar o consumo. Apoderar-se deste local como um espaço crítico de construção de saberes, mas, sem deixar de questioná-lo.

A partir disso, pensando no contexto da História nos meios digitais, voltemo-nos ao que Caimi diz: “para ensinar História a João é preciso entender de ensinar, de História e de João” (2015, p. 111). Sendo assim o professor de História precisa fazer alguns questionamentos como: Quem é João hoje? O que João procura na contemporaneidade? Como João aprende? O que João entende de História? Como João

conhece o passado? Certamente, esses são questionamentos amplos e difíceis de alcançarem respostas únicas, e não é esta a intenção. A proposta de usar o Instagram para o Ensino de História é, além de promover mais perguntas do que respostas e provocar o debate, procurar ampliar o olhar a partir do cenário contemporâneo, no qual se inserem vários “Joãos”, cuja aprendizagem já não é proporcionada apenas pelas escolas e pela instrução linear, oral e cronológica.

Ao refletir sobre nossas experiências como docentes de história, as demandas da disciplina que acompanham esse novo cenário tornam-se visíveis em nossas salas de aula. Diante dessa questão importante, Moraes afirma que é:

(...) certo que questionamentos nunca cessarão, assim como experiências pontuais e bem sucedidas também não. Entretanto, um dos maiores desafios para nós docentes desde sempre é repensar nossa prática, ou seja, investigar-nos a nós mesmos encarando nosso fazer diário como um laboratório de análise educacional. Partindo desse olhar crítico e reflexivo sobre nossa práxis, pretendemos pensar uma proposta de aprendizagem que vá além de simples experiências positivas e que incorpore de fato os conceitos e técnicas da Cibercultura, em especial o uso constante das redes sociais online, atuando neste panorama ao dialogar com estes novos sujeitos e as demandas que eles trazem consigo. (MORAES, 2018, p. 61)

Por fim, é preciso apoiar-se em teorias capazes de dialogar e questionar o uso das redes sociais, seja através de materiais já produzidos sobre o tema como o de Moraes, que afirma e explora os usos desses meios digitais; ou os que exortam a repensar o papel do professor de História na contemporaneidade, como afirma Caimi; ou aqueles, como Bittencourt que questionam o uso de tecnologias digitais, criados dentro de uma perspectiva de “elevar o capital humano ao status do capital financeiro” (2018, p. 144), e muitos outros que se voltam ao sentido de pensar o papel do docente diante do contexto atual, da sociedade que está a nossa volta, seja na escola ou em outros lugares.

3.2 Professor, *influencer* ou tudo junto?

Não é incomum escutar dentro do âmbito da escola a frase: “hoje em dia não é fácil dar aula” e, muitas vezes, nos incomodamos muito mais com essa afirmação do que com o porquê que cada dia se torna mais difícil o exercício da docência. Isso se deve em parte ao fato que os tempos mudaram e nossos alunos não são e nem eles mais se vêm como meros “tabulas rasas” à espera do educador para preencher suas mentes vazias. Muito pelo contrário. Com advento da internet e sua popularização nos aparelhos celulares, paulatinamente as informações se tornam mais rápidas e abundantes. A curiosidade sobre o mundo, incluindo a História, pode ser uma característica comum em

muitas pessoas e, com os meios digitais, essa informação pode estar facilmente acessível. O que antes estava restrito às bibliotecas, ao livro didático ou ao que o professor falava, agora está a um clique de distância, no entanto, qual o custo disso? O quão essas informações são corretas ou embasadas? Quem produz essas informações que muitos têm acesso facilmente?

Essa é a principal inquietação deste trabalho, pois se muitos podem produzir material e se muitos outros consomem conteúdo de forma cada vez mais fácil graças às redes sociais, por que alguns docente de História, com todo seu fundamento teórico, com seu conhecimento de fontes, causas e contextos, não leva seu conteúdo da sala de aula, ao qual naturalmente ele já produz dia-a-dia, para as redes sociais? É claro que esse questionamento está atrelado a tantos outros que podem surgir a partir da problemática, como e por que um professor de História utilizaria o Instagram como viés didático? Ou ainda, quais as vantagens de se utilizar o Instagram no Ensino de História?

Essas problemáticas e questionamentos nascem primeiramente de uma sala de aula ávida por um conteúdo fidedigno e embasado, bem como esperta para os meios digitais, mas também, de uma experiência empírica minha, de seis anos no Instagram produzindo conteúdo de forma divertida, lúdica e com embasamento teórico.

O uso do Instagram, bem como outras plataformas, no Ensino de História, não é simples e nem neutro. Ele envolve uma série de questões teóricas e metodológicas que precisam ser consideradas pelos educadores e pelos alunos. Por exemplo, como já trazido anteriormente: como selecionar e avaliar as informações disponíveis nas redes sociais? Como evitar a propagação de fake news, discursos de ódio e negacionistas históricos? Como respeitar os direitos autorais e as normas éticas na produção e no compartilhamento de conteúdo? Como promover o diálogo e o respeito à diversidade nas redes sociais? Como integrar as redes sociais ao currículo e ao projeto pedagógico da escola?

Fora do ambiente familiar, docentes podem ser os primeiros *influencers* da vida dos alunos, partindo da ideia que influenciadores são pessoas que inspiram com práticas, pensamentos, formadores de opinião e produção de conteúdos. Nos meios digitais, e principalmente no Instagram, chamamos estes de *creators*, que são os produtores de conteúdo ou simplesmente *influencers* digitais. Muitas vezes essas pessoas atuam no mercado para impulsionar vendas e suggestionar seus seguidores para comprar ou usar algo. Sem entrar no mérito da relevância desses profissionais, é notório a importância e o imenso papel deles nos meios digitais.

Diante dessa questão, surge outra indagação extremamente pertinente: se

educadores , que já são *creators* em sala de aula, podem levar essa prática para os meios digitais? Isso não o torna menos profissional e tampouco o professor precisa assumir uma postura cênica (bem como muitos poderiam afirmar que em sala de aula já somos, de certo modo, teatrais). De fato, alguns docentes já fazem esse trabalho nas plataformas digitais. E essa questão decorre de uma ocupação de espaço, e existe muito desse campo de atuação nas redes sociais, sendo que o Instagram, pela sua potencialidade, popularidade e recursos, se torna um ambiente extremamente propício e frutífero para docentes produzirem seu conteúdo.

Os *influencers* digitais são pessoas que utilizam as mídias sociais para produzir e compartilhar conteúdos sobre diversos temas, gerando engajamento, credibilidade e influência sobre seus seguidores. Segundo Pinheiro (2019), os *influencers* digitais podem ser classificados em quatro tipos: celebridades, especialistas, *microinfluencers* e *nanoinfluencers*. Cada um desses tipos possui características próprias, como o número de seguidores, o nicho de atuação, o estilo de comunicação e o nível de interação com o público.

Castells (2013) afirma que as mídias sociais são espaços de comunicação horizontal, onde os usuários podem criar e difundir suas próprias mensagens, sem a mediação de instituições ou autoridades tradicionais. Nesse sentido, os *influencers* digitais se destacam como produtores de informação e opinião, capazes de mobilizar redes de comunicação em torno de seus interesses e valores.

Já Hennessy (2018) destaca que os *influencers* digitais devem ter uma identidade bem definida, um conteúdo relevante e uma estratégia de divulgação eficiente para se consolidarem no mercado. Além disso, os *influencers* digitais devem estar atentos às tendências, às demandas e às preferências de seus seguidores, buscando sempre oferecer conteúdos originais, criativos e autênticos.

Ainda segundo Pinheiro:

(...) o termo ‘influenciador’ que hoje está associado ao consumo de bens e serviços, deve ser encarado não somente como uma nova profissão capaz de influenciar a conduta dos indivíduos na sociedade, mas igualmente ser capaz de divulgar o conhecimento. Nesse contexto, o professor, com sua expertise, está plenamente capacitado a abordar diferentes saberes e, através de sua organização, do planejamento científico e escolha da linguagem adequada, influenciar na forma como o conhecimento é divulgado e repassado. (PINHEIRO, 2019, p. 2)

Diante desse cenário, surge a questão: os docentes podem ser *influencers* digitais? A resposta é sim, ao compreenderem e refletirem sobre seu papel como educadores, podem descobrir seu imenso potencial como comunicadores. Os educadores podem usar

as mídias sociais para compartilhar seus conhecimentos, suas experiências e suas reflexões sobre temas relacionados à educação, à cultura, à ciência, à arte, entre outros. Assim, eles podem se tornar referências em suas áreas de atuação, atraindo e influenciando alunos, colegas e outros profissionais da educação.

No entanto, ser um professor *influencer* digital não é uma tarefa fácil. Há diversos desafios que devem ser enfrentados, como a falta de tempo, a falta de recursos, a falta de formação específica, a falta de reconhecimento e a falta de apoio institucional. Além disso, os profissionais da educação precisam ter cuidado com a qualidade, a veracidade e a ética dos conteúdos que produzem e compartilham nas mídias sociais, evitando cair em armadilhas como o sensacionalismo, o plágio, o preconceito e a desinformação.

Os educadores podem sim ser *influencers* digitais, desde que eles saibam aproveitar as oportunidades e superar as dificuldades que esse novo contexto tecnológico apresenta. Os professores *influencers* digitais podem contribuir para a democratização do conhecimento, para a valorização da profissão docente e para a transformação da educação.

Sabendo que *influencers* digitais são pessoas que utilizam as mídias sociais para produzir e compartilhar conteúdos sobre diversos assuntos, gerando engajamento, visibilidade e credibilidade junto ao seu público-alvo, para Pissarra (2018), os *influencers* digitais podem ser classificados em quatro tipos: celebridades, especialistas, ativistas e *microinfluencers*. Cada um desses tipos possui características próprias quanto ao alcance, à relevância, à autenticidade e à interação com os seus seguidores.

Nesse contexto, surge a questão: os educadores podem ser *influencers* digitais? De acordo com Saad e Andrade (2019), a resposta é sim, desde que os docentes sejam capazes de adaptar as suas práticas pedagógicas às novas demandas da sociedade da informação e da comunicação. Os autores afirmam que os professores podem se tornar *influencers* digitais a partir do perfil de autoridade nos temas que abordam, utilizando as mídias sociais como mecanismos para ampliar o seu alcance, divulgar o seu conhecimento, estimular o debate crítico e promover a educação.

No entanto, ser um influenciador digital não é uma tarefa fácil, especialmente para esses profissionais. Como aponta Andrade (2019), existem diversos desafios para a educação no atual contexto tecnológico, tais como: a necessidade de atualização constante dos docentes sobre as novas mídias e linguagens; a dificuldade de conciliar o tempo entre as atividades presenciais e virtuais; a resistência de alguns segmentos da sociedade e da própria instituição escolar à inovação; a falta de infraestrutura e de

recursos adequados para a produção e a distribuição de conteúdos digitais; e a exposição a críticas, ataques e *fake news* por parte de alguns usuários das redes sociais.

Diante desses desafios, é preciso que os educadores sejam conscientes dos benefícios e dos riscos de se tornarem *influencers* digitais, bem como das competências e das responsabilidades que essa função implica. Segundo Saad e Andrade (2019), os professores-*influencers* precisam ter domínio do conteúdo que ensinam, mas também saber como comunicá-lo de forma clara, criativa e atrativa para o seu público. Além disso, devem ter ética, transparência e respeito pelos seus seguidores, buscando sempre o diálogo, a colaboração e a construção coletiva do conhecimento.

As redes sociais são espaços de interação, comunicação e produção de conteúdos que envolvem milhões de pessoas no mundo todo. Nesse contexto, o papel do educador como difusor de saberes e culturas se torna cada vez mais relevante e desafiador, pois exige novas competências e habilidades para lidar com as demandas e as possibilidades da era digital.

Uma das competências que se destaca é o letramento histórico-digital, que já foi explicado no capítulo 1, que pode ser entendido como a capacidade de ler, interpretar, analisar e produzir conhecimentos históricos utilizando os recursos digitais disponíveis nas redes sociais. O letramento histórico-digital envolve não apenas o domínio técnico dos meios, mas também uma postura crítica, reflexiva e ética diante das informações e das narrativas que circulam na internet.

As redes sociais se tornaram um espaço de comunicação, interação e aprendizagem para milhões de pessoas no mundo todo. Nesse contexto, surge a figura do *influencer* digital, alguém que possui uma grande audiência e credibilidade nas plataformas digitais e que pode influenciar o comportamento, as opiniões e as escolhas de seus seguidores. Mas insistimos: qual é o papel do educador nesse cenário? Como ele pode utilizar as redes sociais para difundir saberes e culturas de forma ética, crítica e pedagógica?

Entende-se que o educador é um profissional que tem como objetivo promover a educação, entendida como um processo de formação humana integral, que envolve o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, cultural e político dos indivíduos. Nesse sentido, o educador não é um mero transmissor de informações, mas um mediador de conhecimentos, que dialoga com os educandos, respeita suas singularidades, estimula sua autonomia e criatividade e propõe situações de aprendizagem significativas e contextualizadas.

As redes sociais podem ser um mecanismo pedagógico valioso para o educador,

pois permitem ampliar o alcance de sua atuação, diversificar as estratégias de ensino e aprendizagem, aproximar-se das realidades e interesses dos educandos e criar redes de colaboração e troca de experiências. No entanto, para que isso seja possível, é preciso que o educador assuma uma postura reflexiva e crítica sobre o uso das redes sociais, considerando seus aspectos positivos e negativos, seus potenciais e limites, suas oportunidades e desafios.

Um dos desafios é justamente lidar com a presença dos *influencers* digitais nas redes sociais que nem sempre têm aprofundamento nos assuntos em pauta, podendo ser vistos como concorrentes ou aliados do educador. De acordo com Andrade (2019), os *influencers* digitais são agentes culturais que produzem conteúdos diversos nas redes sociais, desde entretenimento até informação, passando por moda, beleza, saúde, gastronomia, viagens, etc. Eles se caracterizam por terem uma linguagem informal, dinâmica e persuasiva, que atrai e envolve seus seguidores, gerando engajamento e fidelidade.

Os *influencers* digitais podem ser considerados concorrentes do educador quando disputam a atenção dos educandos nas redes sociais, oferecendo conteúdos superficiais, simplificados ou distorcidos sobre temas relevantes para a educação. Nesse caso, o educador precisa estar atento ao que os educandos consomem nas redes sociais e desenvolver uma postura crítica e questionadora sobre as fontes, as intenções e as consequências desses conteúdos. Além disso, o educador precisa oferecer conteúdos mais aprofundados, complexos e verídicos sobre os mesmos temas, utilizando-se de uma linguagem acessível, atrativa e dialógica.

Os *influencers* digitais podem ser considerados aliados do educador quando contribuem para a difusão de saberes e culturas nas redes sociais, oferecendo conteúdos relevantes, atualizados e confiáveis sobre temas de interesse para a educação. Nesse caso, o educador pode aproveitar os conteúdos dos *influencers* digitais como recursos pedagógicos complementares ou inspiradores para suas próprias produções. Além disso, o educador pode estabelecer parcerias com os *influencers* digitais para a realização de projetos educativos conjuntos ou para a divulgação de suas iniciativas nas redes sociais.

Portanto, o educador pode se tornar um *influencer* digital nas redes sociais, ao compreender sua responsabilidade ética, social e pedagógica na produção e na difusão de saberes e culturas. Para isso, como foi apontado, ele precisa ter domínio dos conteúdos que aborda nas redes sociais; conhecer as características das diferentes plataformas digitais; adaptar sua linguagem ao público-alvo; interagir com seus seguidores; atualizar-se constantemente; respeitar os direitos autorais; citar as fontes;

verificar as informações; valorizar a diversidade; promover o diálogo; incentivar a participação; estimular o pensamento crítico; e avaliar os resultados de sua atuação. Uma prática que de certo modo não se afasta do que os docentes já fazem em seu dia-a-dia em sala de aula.

Conforme discutido no capítulo anterior, os professores de História têm um papel fundamental na formação crítica e cidadã dos estudantes, mas também podem ampliar sua atuação para além da sala de aula, utilizando as redes sociais como maneira de divulgação e educação em História. Nesse sentido, o Instagram se destaca como uma das plataformas mais importantes, pois permite aos docentes de História se tornar um *influencer* digital com conteúdo histórico, alcançando um público mais amplo e diversificado.

No entanto, para se tornar um *influencer* digital com conteúdo histórico no Instagram, o professor de História precisa enfrentar alguns desafios e cuidados. Um deles é o de respeitar os direitos autorais das fontes que utiliza, citando-as de forma direta ou indireta, conforme as normas da ABNT. De acordo com Silva (2018), a citação direta é aquela em que se transcreve exatamente as palavras do autor consultado, entre aspas ou em destaque. Já a citação indireta é aquela em que se reproduz as ideias do autor consultado com as próprias palavras do citador. A autora explica que as citações são importantes para dar credibilidade, embasamento e ética ao trabalho acadêmico ou científico.

Outro desafio é o de manter a qualidade e a veracidade do conteúdo histórico, evitando simplificações, distorções ou erros conceituais. Para isso, o docente de História tem a necessidade realizar uma pesquisa rigorosa e atualizada sobre o tema abordado, consultando fontes confiáveis e reconhecidas pela comunidade acadêmica. Além disso, cabe dialogar com outros profissionais da área, buscando trocar experiências, conhecimentos e *feedbacks* sobre suas produções. Nesse sentido, Lima (2020) destaca a importância da interação e da colaboração entre os influenciadores digitais com conteúdo histórico, que podem formar redes de apoio e divulgação mútua.

Por fim, um desafio é o de adaptar o conteúdo histórico ao formato e ao público do Instagram, sem perder a profundidade e a complexidade da análise histórica. Para isso, o professor de História podem utilizar uma linguagem clara, objetiva e acessível, que seja capaz de comunicar as informações essenciais sem ser superficial ou simplista. Além disso, o esses educadores possibilitam utilizar recursos visuais, sonoros e narrativos que tornem o conteúdo histórico mais atrativo, envolvente e educativo. Nesse sentido, Pereira (2021) ressalta a importância da criatividade e da inovação na produção

de conteúdos históricos para as redes sociais, que devem ser pensados como produtos culturais que dialogam com as demandas e os interesses da sociedade contemporânea.

Portanto, pode-se concluir que os docentes de História têm uma grande importância, possibilidade e desafio nas redes sociais, especialmente no Instagram, que se apresenta como uma das plataformas mais importantes para a divulgação e a educação em História. Ao se tornarem influenciadores digitais com conteúdo histórico, esses profissionais podem contribuir para a democratização do conhecimento histórico, para a formação crítica e cidadã dos seguidores e para a valorização da profissão docente.

Ainda, é de se destacar a importância social do professor de História em ocupar o espaço de produtor de conteúdo nas redes sociais, que é cada vez maior na era digital, pois a informação circula de forma rápida e nem sempre confiável. Ele ainda pode contribuir para a formação crítica dos seus alunos e do público em geral, trazendo uma visão contextualizada e problematizada dos fatos históricos, bem como combatendo as notícias falsas e os discursos ideológicos que distorcem a realidade.

Além disso, estar preparado para lidar com as diferentes linguagens e demandas que as redes sociais exigem, como a interatividade, a multimodalidade e a atualização constante é também relevante. O professor necessita buscar se adaptar às novas formas de aprender dos alunos, que são mais autônomos, colaborativos e críticos nas redes sociais. É importante ainda considerar o aluno como gestor do seu processo de aprendizagem através da inserção das mídias sociais na sala de aula (DIAS BARBOSA, 2011).

Sendo assim, o educador, ao explorar seu papel social como produtor de conteúdo nas redes sociais, tem a oportunidade de contribuir para a construção de uma cidadania ativa e consciente. É preciso considerar utilizar as redes sociais como espaços de diálogo, reflexão e transformação social, promovendo uma educação que seja relevante para os alunos e para a sociedade.

Os docentes de História, têm um papel fundamental na produção e divulgação de conteúdo histórico no Instagram, uma rede social que alcança bilhões¹² de pessoas no mundo todo. Neste contexto, vamos explicar a importância dessa atividade para a valorização da docência, da ciência, do conhecimento científico e da própria História.

Em primeiro lugar, produzir conteúdo de História no Instagram é uma forma de valorizar a docência, ou seja, o trabalho destes que se dedicam a ensinar essa disciplina

¹² BELING, F. As 10 redes sociais mais usadas em 2024 . Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>>. Acesso em: 26 fev. 2024.

nas escolas e universidades. Ao compartilhar seus conhecimentos, experiências, metodologias e recursos didáticos com o público, eles mostram a relevância do seu ofício e contribuem para a formação de uma cultura histórica na sociedade. Além disso, ao interagir com outros profissionais e estudantes nas redes, podem ampliar seus horizontes, trocar ideias, atualizar-se e aperfeiçoar sua prática pedagógica.

Em segundo lugar, produzir conteúdo de História no Instagram é uma forma de valorizar a ciência, ou seja, o conjunto de conhecimentos produzidos pelo método científico. Ao divulgar os resultados de suas pesquisas, análises e reflexões sobre o passado, os historiadores demonstram como a História é uma ciência dinâmica, crítica e plural, que não se limita a reproduzir fatos e datas, mas que busca compreender as causas, as consequências e os significados dos acontecimentos históricos. Além disso, ao dialogar com outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia, a Economia e a Política, os historiadores mostram como a História é uma ciência interdisciplinar, que se relaciona com os problemas e desafios do presente.

Em terceiro lugar, produzir conteúdo de História no Instagram é uma forma de valorizar o conhecimento científico, ou seja, o saber fundamentado em evidências, fontes e argumentos. Ao expor as suas fontes, as suas hipóteses e as suas conclusões sobre o passado, os profissionais de História ensinam ao público como se faz História e como se pode distinguir entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre o que é científico e o que é ideológico. Além disso, ao apresentar diferentes perspectivas e interpretações sobre os mesmos fatos históricos, os profissionais de História estimulam o pensamento crítico, a diversidade de opiniões e o respeito às diferenças.

Em quarto lugar, produzir conteúdo de História no Instagram é uma forma de valorizar a própria História, ou seja, o patrimônio cultural da humanidade. Ao divulgar as suas descobertas, as suas curiosidades e as suas paixões sobre o passado, os profissionais dessa área despertam o interesse e a admiração do público pela História. Além disso, ao mostrar como ela está presente em todos os aspectos da vida cotidiana, como na arte, na música, na literatura, na moda e na gastronomia, os profissionais de História aproximam o público da sua própria identidade e memória.

Por fim, podemos concluir que produzir conteúdo para esse meio é uma atividade importante e necessária para os profissionais de História. Como afirma Paulo Freire (1996), "a educação é um ato político" e "não há neutralidade possível". Portanto, ao educar para a História no Instagram, os profissionais estão exercendo a sua cidadania e contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente, crítica e democrática.

Nesse sentido, o professor de História pode se inspirar em autores educadores ou

historiadores que defendem a importância dessa área para a educação e para a sociedade. Por exemplo, Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, afirmou que:

A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez seja ainda mais triste não compreender o passado por causa do presente. Sem dúvida é uma ilusão imaginar que se possa aprender alguma coisa sobre o passado sem recorrer aos testemunhos deixados pelos homens de outrora; mas é igualmente absurdo fechar os olhos à experiência viva dos homens de hoje. (BLOCH, 2001, p. 55)

É claro que essa atuação não é para todos os educadores, pois entende-se que existem fatores como acesso à internet, equipamentos e questões sociais e psicológicas envolvidos nessa questão. Além disso, cada profissional tem a sua própria identidade, estilo e metodologia, que podem ou não se adequar às redes sociais. Por isso, não se trata de uma imposição ou uma obrigação, mas de uma possibilidade e uma oportunidade.

O que se defende é que o entendimento da importância desse profissional nas redes sociais precisa ser entendido como necessário. Isso porque as redes sociais são um campo de disputa de narrativas históricas, onde muitas vezes prevalecem as visões simplistas, distorcidas ou ideológicas do passado. O professor de História pode atuar como um mediador, um orientador e um crítico dessas narrativas, oferecendo uma perspectiva mais complexa, contextualizada e fundamentada da História.

As narrativas históricas são formas de contar e interpretar os acontecimentos do passado, que podem variar de acordo com os interesses, as perspectivas e as fontes dos narradores. Nas redes sociais essas narrativas estão em constante disputa, pois cada grupo ou indivíduo busca afirmar a sua versão da História, muitas vezes em oposição à História acadêmica ou à História ensinada na escola (MENEZES, 2020). O Instagram é uma das plataformas mais utilizadas para essa disputa, pois permite a criação e a divulgação de conteúdos visuais que podem atrair e influenciar o público.

Um dos exemplos de disputa de narrativas históricas no Instagram é o caso do perfil @historiaemfatos, que se apresenta como "um canal de divulgação científica sobre História". Esse perfil publica imagens e vídeos sobre diversos temas históricos, como a escravidão, a ditadura militar, a Revolução Francesa, entre outros. Porém, muitas das postagens desse perfil são questionáveis do ponto de vista historiográfico, pois apresentam informações falsas, distorcidas ou parciais, que servem para defender uma visão ideológica conservadora. Por exemplo, em uma postagem sobre a escravidão no Brasil, o perfil afirma que "os negros foram os maiores escravocratas da História", ignorando o papel dos colonizadores europeus e dos senhores de engenho na exploração

e na violência contra os africanos e seus descendentes.

Em contrapartida, há também perfis no Instagram que buscam divulgar uma História crítica, baseada em fontes confiáveis e em diálogo com a academia e com os historiadores profissionais. Um desses perfis é o @historiaemquadrinhosoficial, que se define como "um projeto de extensão universitária que visa divulgar a História através das histórias em quadrinhos". Esse perfil publica quadrinhos sobre temas variados da história mundial e brasileira, como a colonização, a resistência indígena, a ditadura militar, o feminismo, entre outros. Os quadrinhos são produzidos por estudantes e professores de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e são acompanhados de referências bibliográficas e indicações de leitura.

Esses dois exemplos mostram como o Instagram pode ser um espaço de disputa de narrativas históricas, que envolve diferentes atores sociais e diferentes formas de produção e consumo de conteúdo. Os debates acadêmicos e políticos sobre as narrativas históricas são abundantes devido à complexidade de interpretação de eventos passados sob diversas perspectivas. Laville (1999) ressaltando a forma como as narrativas são elaboradas e os propósitos que podem atender. O texto indica que ao avaliar o ensino de História, é sugerido que as narrativas não são apenas relatos imparciais do passado, mas sim método de influência que podem manter visões dominantes ou questionar o estado atual das coisas. Dentro desse cenário, a educação histórica se transforma em um campo de identidade pela preservação da memória e da memória, nenhum grupo diferente tenta validar suas interpretações dos acontecimentos.

Nesse contexto, é importante que os usuários dessa rede social tenham uma postura crítica e reflexiva diante das informações que recebem, buscando verificar as fontes, os argumentos e as intenções dos narradores. Como afirma o historiador Roger Chartier:

A história não é um saber neutro nem indiferente; ela é sempre atravessada por questões que vêm do presente e por escolhas políticas ou ideológicas que orientam a seleção dos objetos estudados e a maneira de abordá-los. Mas isso não significa que tudo seja possível nem que todas as interpretações sejam equivalentes. (CHARTIER, 2009, p. 13)

Portanto, é preciso reconhecer que as narrativas históricas nas redes sociais não são apenas formas de entretenimento ou de educação informal; elas são também formas de intervenção política e social, que podem contribuir para a construção ou para a desconstrução da memória coletiva. Como alerta o educador Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra (...) A leitura crítica implica uma percepção das relações entre o texto e o contexto (...) A leitura do mundo implica sempre uma certa forma de reescrevê-lo ou de transformá-lo. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 11-12)

Portanto, o professor de História pode usar as redes sociais como um espaço de amor e de coragem, onde ele pode debater, analisar e discutir a realidade histórica com os seus seguidores. Assim, ele pode valorizar o seu trabalho e contribuir para a educação histórica e para a transformação social.

3.3 Possibilidades e desafios do docente no Instagram na Amazônia roraimense

Entende-se que as redes sociais podem ser utilizadas para o Ensino de História, mas também apresentam possibilidades e desafios para os docentes que atuam nessa área, especialmente na Amazônia brasileira, onde há uma diversidade cultural, ambiental e social, mas também dificuldades de infraestrutura, acesso e qualidade da educação. Neste contexto, pretendo discutir como os professores de História podem aproveitar as redes sociais para o Ensino de História na Amazônia, bem como os obstáculos e as potencialidades que esse mecanismo oferece. Também vamos destacar a importância do docente amazônido¹³, na divulgação e na valorização da História da região, que muitas vezes é marginalizada ou estereotipada no cenário nacional.

As redes sociais também apresentam desafios para o Ensino de História, especialmente no que se refere a Amazônia. Um dos principais é a questão da qualidade e da confiabilidade das informações que circulam nessas plataformas sobre essa região. Outro desafio é a questão da infraestrutura e do acesso às redes sociais na Amazônia. Apesar do avanço das tecnologias de informação e comunicação na região, ainda há uma grande desigualdade entre as áreas urbanas e rurais, entre os estados e entre as classes sociais. Segundo dados do IBGE (2018)¹⁴, apenas 69% dos domicílios da região Norte possuem acesso à internet, sendo que esse percentual cai para 40% nas áreas rurais. Além disso, há problemas de qualidade e de custo dos serviços de conexão, que muitas vezes são lentos, instáveis ou caros. Esses fatores limitam o uso das redes sociais pelos

¹³ Segundo o artigo "AMAZÔNIA, AMAZONIDADE E TRANSVERSALIDADE: EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO" de Lorena de Carvalho Penalva (2021), o termo "Amazônico" é associado a uma visão simplificada e homogênea da região amazônica, que muitas vezes ignora sua diversidade e complexidade. Por outro lado, "Amazonidade" é um conceito ligado à identidade, cuja aplicação tem sido desafiadora devido à vastidão e complexidade da região amazônica. Este conceito tem sido reivindicado em contraposição ao termo "amazônico", contribuindo para a desconstrução de visões estereotipadas, preconceituosas e exóticas da Amazônia, que historicamente têm marginalizado formas alternativas de pensar e produzir conhecimento.

¹⁴ IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

educadores e pelos alunos da Amazônia, especialmente de Roraima, estado que possui a pior qualidade de internet do Brasil¹⁵ e que nem sempre dispõem dos recursos necessários para acessar ou produzir conteúdos digitais.

Por outro lado, as redes sociais também oferecem possibilidades para o Ensino de História na Amazônia. Uma delas é a valorização da diversidade cultural e ambiental da região, que pode ser explorada pelos professores como um recurso pedagógico.

A presença de pessoas na Amazônia, especialmente em Roraima, demonstra uma complexa mistura de relações entre humanos e meio ambiente. As transformações físicas e geopolíticas da região se referem às mudanças no tecido social e cultural dos povos que lá vivem. Esses momentos de encontros e desencontros, entre pessoas e grupos com diferentes experiências culturais e históricas, são essenciais para a complexidade da região amazônica, onde cada cultura acrescenta sua singularidade e ponto de vista. Conforme afirma Carla Monteiro de Souza:

Na ocupação da Amazônia, e de Roraima em especial, além das redefinições espaciais, ocorreram e ocorrem encontros/desencontros de indivíduos e grupos dotados de temporalidades distintas e diferenciadas bagagens culturais, e é isso que desejamos pontuar. (SOUZA; NOGUEIRA, 2015, p. 126)

No entanto, as redes sociais surgem como instrumentos atuais que podem aumentar o ensino e a valorização dessa diversidade cultural e ambiental. Ressalta-se a possibilidade das redes sociais como possibilidade de uso para do ensino para abordar a História da Amazônia de forma inclusiva e representativa. Ao realizar essa ação, os educadores não apenas ensinam sobre o passado, mas também incentivam a consciência da importância da preservação das riquezas naturais e culturais locais para as próximas gerações.

Dessa forma, é possível notar que a História da Amazônia não é fixa, mas sim uma narrativa em constante construção, influenciada por diversas vozes e vivências. Quando utilizadas de maneira responsável e criativa, as redes sociais possuem a capacidade de amplificar essas vozes e unir as diversas vertentes da História Amazônica no ensino. Isso não só melhora a experiência de aprendizagem, como também promove uma discussão mais aprofundada e respeitosa sobre a identidade, a cultura e o ambiente local. Como afirma Souza, "as redes sociais podem contribuir para a construção de uma identidade amazônica plural e dinâmica, que reconheça a riqueza e a complexidade das

¹⁵ Na Mídia - Roraima tem a pior velocidade de conexão de Internet do país, aponta levantamento . Disponível em: <<https://www.nic.br/noticia/na-midia/roraima-tem-a-pior-velocidade-de-conexao-de-internet-do-pais-apon-ta-levantamento/>>. Acesso em: 26 fev. 2024.

diferentes expressões culturais da região" (2020, p. 47).

Uma das possibilidades é usar o Instagram para compartilhar conteúdos históricos relacionados à Amazônia roraimense, como fatos, datas, personagens, documentos, imagens, mapas, vídeos, etc. Esses conteúdos podem ser apresentados de forma criativa e atrativa, usando recursos como *stories*, *reels*, IGTV, *lives*, enquetes, *quizzes*, etc. O objetivo é despertar o interesse e a curiosidade dos seguidores pela História da região, bem como ampliar seus conhecimentos e sua visão crítica sobre o passado e o presente.

Outra possibilidade é usar o Instagram para promover o diálogo e a interação entre o professor de História e seus alunos e seguidores. Ele pode aproveitar o espaço para tirar dúvidas, dar dicas de estudo, indicar livros, filmes, *podcasts*, *sites*, etc. O profissional também pode estimular a participação dos alunos e seguidores em debates, comentários, sugestões, perguntas, etc. O objetivo é criar uma comunidade de aprendizagem colaborativa e engajada com a História da Amazônia roraimense.

Uma terceira possibilidade é usar o Instagram para divulgar e valorizar as produções literárias, artísticas e culturais da Amazônia roraimense, que é meu lugar de fala, bem como, dos participantes da oficina pedagógica, produto dessa pesquisa. O professor pode compartilhar obras de escritores, artistas, músicos, poetas, etc. que retratam ou se inspiram na História da região. Ele também pode incentivar os alunos e seguidores a produzirem seus próprios textos, desenhos, vídeos, músicas, etc. sobre temas históricos. O objetivo é reconhecer e fortalecer a diversidade e a riqueza cultural da região.

Outra possibilidade é a divulgação da História da Amazônia, que muitas vezes é ignorada ou marginalizada nos currículos escolares ou nos livros didáticos. As redes sociais podem ser usadas pelos educadores para difundir e debater temas relevantes para a compreensão da região, como a colonização, a exploração, os conflitos, as resistências, as migrações, as políticas públicas, o desenvolvimento, a sustentabilidade, entre outros. As redes sociais também podem ser usadas para valorizar as fontes históricas locais, como os documentos, as imagens, os depoimentos, as memórias, as tradições orais, que muitas vezes são desconhecidos ou desvalorizados pelos próprios amazônidas. Como afirma Silva, "as redes sociais podem ser um instrumento de empoderamento dos sujeitos históricos da Amazônia, que podem contar suas próprias Histórias, reivindicar seus direitos e participar da construção do conhecimento histórico" (2018, p. 32).

A etnotecnologia cultural, conforme já explicado no capítulo 2, é um recurso para analisar a interação entre tecnologia e cultura em diversos ambientes sociais. Diante

desta perspectiva ressalta-se que a tecnologia não aparece do nada, mas é originada da construção social e histórica, refletindo os valores, referências, conhecimentos e práticas dos indivíduos e da sociedade que a desenvolvem e utilizam. Na extensa e variada região da Amazônia, onde cada comunidade tem suas particularidades, a etnotecnologia cultural enfatiza então a importância de considerar as tecnologias locais e tradicionais, frequentemente ignoradas pela tecnologia dominante. Essas tecnologias, fundamentadas nas atividades do dia a dia e no conhecimento tradicional dos habitantes da Amazônia, fornecem perspectivas úteis para a promoção do desenvolvimento sustentável na região, equilibrando o avanço com a proteção do meio ambiente e da cultura.

Na região de Roraima, em especial, os professores de História podem desempenhar um papel importante em compartilhar o entendimento da etnotecnologia cultural por meio das redes sociais. Compartilhando Histórias e conhecimentos sobre a cultura e a História de Roraima, é possível destacar as contribuições tecnológicas especiais da região, que estão intimamente ligadas ao estilo de vida e à resiliência das comunidades locais. O compartilhamento de conhecimento não apenas ensina uma audiência maior sobre a diversidade cultural de Roraima, mas também promove a valorização e o uso de tecnologias sustentáveis que prezam pela biodiversidade e pelos ecossistemas amazônicos. Dessa forma, a atuação online destes profissionais pode contribuir para a importância e a proteção da História e cultura dessa região, garantindo que as contribuições e as novidades das comunidades amazônicas sejam reconhecidas e valorizadas em escala global.

No entanto, existem muitos desafios para o educador no contexto amazônico e um dos desafios é o uso das tecnologias digitais em uma perspectiva pedagógicas. Segundo Maria do Socorro Silva e Silva, as tecnologias digitais podem contribuir para a construção de uma História crítica, problematizadora e contextualizada, mas também podem reproduzir uma História tradicional, factual e descontextualizada (SILVA E SILVA, 2019, p. 3).

Para que as tecnologias digitais sejam usadas de forma crítica e criativa pelo professor de História, é preciso que ele tenha uma formação adequada, que o ensine a selecionar, analisar e produzir conteúdos digitais relevantes para o Ensino de História, desafio para muitos deles na Amazônia roraimense, que enfrentam situações únicas em sua prática educativa. A vastidão e a biodiversidade da região, embora sejam um rico campo de estudo, também impõem dificuldades logísticas significativas, como o acesso limitado a recursos didáticos e tecnológicos. Além disso, a necessidade de integrar a História local com o contexto nacional e global exige um planejamento cuidadoso do

currículo e métodos de ensino adaptativos, o que demanda uma dedicação extraordinária para inspirar os alunos a aprender e valorizar sua herança cultural e histórica da região.

Além disso, esse profissional precisa lidar com as especificidades da região, que apresenta uma História rica e complexa, marcada por conflitos, resistências e identidades plurais. A História da Amazônia roraimense não pode ser reduzida a uma visão homogênea e simplista, mas deve ser compreendida em sua diversidade e dinâmica, valorizando as vozes e as memórias dos sujeitos históricos que a construíram e a constroem.

Nesse sentido, o professor de História na Amazônia roraimense tem o desafio de utilizar as tecnologias digitais como instrumentos de pesquisa, comunicação e expressão, que possibilitem aos estudantes conhecerem e reconhecerem a sua própria história, bem como dialogarem com outras Histórias e culturas. As tecnologias digitais podem ser aliadas do docente de História na Amazônia roraimense, desde que sejam usadas com intencionalidade pedagógica, criticidade e criatividade (SILVA E SILVA, 2019).

A História é uma disciplina que contribui para a formação da identidade, da cidadania e da consciência crítica dos estudantes, e que pode ser enriquecida pelo uso das tecnologias digitais, que oferecem novas possibilidades de acesso, produção e difusão do conhecimento histórico. No entanto, as tecnologias digitais também apresentam desafios e limitações para a prática pedagógica dos docentes de História, especialmente na região amazônica, que enfrenta problemas de infraestrutura e conectividade por exemplo..

Como afirma Silva (2018, p. 45), "a Amazônia é um território complexo e contraditório, que exige dos educadores uma postura crítica e comprometida com a valorização das suas potencialidades e a superação dos seus problemas". Nesse sentido, é preciso integrar as tecnologias digitais ao currículo de História, buscando promover o diálogo entre os saberes locais e os saberes globais, e estimular a participação dos estudantes na preservação da memória, da cultura e do meio ambiente da região.

Um dos caminhos para enfrentar esses desafios, conforme dito, é a formação continuada dos professores de História nas tecnologias digitais, que deve ser baseada em uma perspectiva reflexiva, colaborativa e contextualizada. Como afirma Santos (2017, p. 67), "a formação continuada deve propiciar aos professores oportunidades de reflexão sobre a sua prática pedagógica, de troca de experiências com os seus pares e de adequação das tecnologias digitais às demandas e às realidades do seu contexto de atuação". Nesse sentido, é preciso valorizar o papel deles como sujeitos ativos na construção do seu conhecimento profissional, bem como o papel das tecnologias digitais

como mediadoras desse processo.

Em suma, a importância e a problematização na formação de professores de História nas tecnologias digitais dentro do contexto amazônico são questões que devem ser debatidas e enfrentadas pelos educadores que atuam nessa área. A História é uma disciplina que pode se beneficiar das potencialidades das tecnologias digitais, mas que também deve estar atenta aos seus desafios e limitações. A formação continuada é uma estratégia fundamental para promover o uso crítico e criativo das tecnologias digitais na sala de aula, respeitando as especificidades do contexto amazônico.

Diante do exposto, entende-se que as redes sociais são plataformas que podem ser utilizadas para o Ensino de História na Amazônia, mas que também exigem dos educadores uma postura crítica, reflexiva e criativa. Os professores de História têm um papel fundamental na orientação dos alunos sobre o uso das redes sociais como espaços de aprendizagem, mas também de divulgação e de valorização da História da região. Assim, eles podem contribuir para a formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos, que reconheçam e respeitem a diversidade e a singularidade da Amazônia.

4. OFICINA PEDAGÓGICA: OS USOS DO INSTAGRAM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Propus como caminho metodológico a realização de uma oficina pedagógica com professores da área de História do curso ProfHistória da Universidade Federal de Roraima que estiverem cursando a disciplina de História do Ensino de História. Essa importância, é exposto por Silva ao afirmar que:

(...) o desenvolvimento é conduzido procurando contemplar uma tríplice orientação: o que fazer, para que fazer e como fazer. É assim que surge o desenvolvimento da educação que pode transformar as ações em ideias e as ideias em ações, num processo dialógico onde professores e alunos podem contribuir com o processo de construção do conhecimento, segundo a concepção progressista. Esse processo dialógico contribui com os processos de formação, nos fornecendo subsídio para que possamos auxiliar o desenvolvimento das potencialidades humanas, promovendo a construção e consolidação do conhecimento. (SILVA, 2012, p. 3)

Intitulada **“Professor Influencer: as possibilidades do Instagram para o Ensino de História”**, a oficina pedagógica tem como objetivo principal aproveitar o potencial educativo do Instagram como um espaço de ensino de História. Procurou-se pensar e refletir com os educadores os usos dessa plataforma. Ainda, tinha também como objetivo mostrar como o Instagram pode ser útil na elaboração de histórias interessantes que complementam a educação, estimulando a pesquisa e a curiosidade Histórica dos alunos. Além disso, é importante debater maneiras de aprimorar habilidades críticas de avaliação de informações e materiais digitais, fundamentais para a compreensão da História na atualidade. Finalmente, a OP também buscou promover a partilha de experiências e métodos eficazes entre os educadores, aumentando a variedade de abordagens de ensino.

Como único critério para participar dessa OP, pensei principalmente na importância de serem docentes de História, atuando na educação básica no estado de Roraima. Diante dessa necessidade, surgiu através da minha orientadora Profa. Dra. Marcella Albaine, em fazer o convite para os alunos do Programa de Mestrado Profissional de Ensino de História – ProfHistória, na Universidade Federal de Roraima na turma de 2023. Diante disso, tivemos docentes das mais variadas idades e gêneros, mas que naquele momento, estavam exercendo a docência.

Na elaboração do produto desta dissertação, primeiro foi feito um roteiro com etapas de desenvolvimento. A oficina pedagógica proposta foi dividida em 2 (duas) etapas, uma de duração de 2 (duas) horas para discussão e exemplificação das possibilidades do uso do Instagram para o Ensino de História e outra exclusivamente

para a “mão na massa”, tendo durado também 2 (duas) horas.

A primeira etapa ocorreu no dia 19 de abril de 2023 com 10 pessoas e foi dividida em três momentos, foram: no primeiro a apresentação da pesquisa e do pesquisador; no segundo a apresentação das redes sociais, com ênfase no Instagram, como métodos utilizados para o Ensino de História, situando os ouvintes sobre as produções intelectuais sobre a temática, bem como as potencialidades, possibilidades e dificuldades do uso das mesmas pelos professores de História, além de uma roda de conversa sobre o que foi apresentado; por fim, no terceiro momento, foi mostrado como montar um perfil profissional de História no Instagram e apresentada as recursos dessa plataforma, conversando com os docentes sobre as várias possibilidades do uso das mesmas, utilizando-se como principal referência o perfil @profhudsonaraujo.

Já a segunda etapa da oficina pedagógica, que ocorreu no dia 29 de setembro de 2023 com 6 pessoas, dividido em 3 momentos, que também durou 2 horas, ficou exclusivamente para execução do que foi conversado e explorado na primeira etapa. Os professores foram convidados a produzir conteúdos para o Instagram utilizando de alguns dos recursos presentes nessa plataforma, produzindo conteúdo histórico. Após essa produção, eles dividiram com os colegas o que foi produzido a fim de haver uma construção conjunta de conhecimento, trocando facilidades, dificuldades e o que foi feito com os outros docentes.

Esse produto foi elaborado a partir de etapas como, exposição, discussão, execução e resultados, sendo pensado para trazer ao professor de História métodos que pudessem contribuir para sua prática didática, bem como mostrar para os participantes a necessidade de formadores de opinião e produtores de conteúdo nas redes sociais, buscando incentivar a ocupação dos mesmos neste espaço virtual. Para Andrade, “a oficina não é uma fábrica, na qual a automatização impera e na qual os trabalhadores e as trabalhadoras, às vezes, nem sabem para que servem os parafusos ou os botões que apertam” (ANDRADE, 2001, p. 7), sendo necessárias essas etapas para sensibilizar e conscientizar da importância e das vantagens de se trabalhar com o Instagram.

4.1 O que é uma oficina pedagógica

A formação de professores da educação básica é um desafio constante para o sistema educacional brasileiro, que precisa garantir a qualidade do ensino e a valorização dos profissionais da educação. Uma das estratégias que podemos usar é a realização de oficinas pedagógicas, que são espaços de reflexão, troca de experiências e

construção coletiva de saberes sobre a prática docente. A Oficina pedagógica pode ser uma metodologia potentes na formação destes profissionais, pois promovem situações de aprendizagens objetivas e diversificadas sobre a profissão.

A importância da formação pedagógica dos educadores está relacionada à necessidade de atualização constante dos conhecimentos e das competências docentes diante das mudanças sociais, culturais e tecnológicas que afetam o contexto educacional. Além disso, a formação pedagógica contribui para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem dos estudantes, pois possibilita refletirem sobre suas práticas, identificarem problemas e buscarem construir soluções potencialmente criativas e inovadoras. A formação pedagógica também favorece a valorização da profissão como profissionais autônomos, críticos e comprometidos com a educação.

De acordo com Ferreira (2001), a oficina pedagógica é lugar de inventar, produzir conhecimento coletivo, fazer consertos e criar. Assim, esse espaço torna-se fundamental para a construção do saber reflexivo e significativo para o professor em formação e para as crianças participantes.

No entanto, uma desvantagem das oficinas pedagógicas é que elas podem não ser suficientes por si só para garantir uma formação completa e abrangente dos educadores. É importante que elas sejam combinadas com outras estratégias e metodologias de formação.

As oficinas pedagógicas são, portanto, uma alternativa interessante para a formação continuada dos professores, desde que sejam planejadas e executadas com qualidade, coerência e compromisso com a educação. Para isso, é fundamental que haja uma articulação entre as instituições de ensino superior, as secretarias de educação, as escolas e os próprios, visando à construção coletiva de um projeto formativo que atenda às necessidades e aos interesses dos docentes.

Essa estratégia metodológica é importante para a formação inicial de docentes da Educação Básica, pois promove situações de aprendizagens objetivas e diversificadas sobre a profissão. Ainda de acordo com Guedes (2019), as oficinas pedagógicas são uma maneira importante de desenvolvimento profissional em formação. Elas permitem que estes intervenham em seu campo de atuação e desenvolvam habilidades importantes, como criticidade, criatividade e identidade profissional.

Oficinas pedagógicas são estratégias metodológicas importantes na formação de professores de História da educação básica. Elas promovem situações de aprendizagens objetivas e diversificadas sobre a profissão, permitindo que os que participam possam aprender por meio da mobilização dos saberes adquiridos na universidade e do

desenvolvimento das capacidades profissionais inseridos no contexto da escola.

De acordo com Lima (2019), durante a formação docente, eles precisam de oportunidades para refletir sobre sua prática profissional, além de se familiarizar com o seu futuro ambiente de trabalho. Assim, as oficinas pedagógicas são estratégias que possibilitam esse contato do profissional em formação com a realidade escolar.

Busquei portanto, através da oficina pedagógica e do exemplo da minha experiência no uso do Instagram para o Ensino de História poder não só inspirar, mas também formar educadores que possam ocupar esse espaço nas redes sociais, conforme afirma Maynard:

a importância de o historiador [e do professor de História] se aproximar das fontes eletrônicas, da necessidade dele adentrar e tomar posse do ciberespaço enquanto uma fonte e produtor de memórias. Ao defendermos os usos do ciberespaço para a investigação histórica [e para o ensino de História], procuramos afastar qualquer perspectiva fetichista, presenteísta, uma espécie de busca pela última moda. (MAYNARD, 2011, p.64-65)

Uma oficina pedagógica sobre utilização de plataformas digitais para professores de História pode abordar diversos aspectos, tais como: a seleção e a avaliação de fontes históricas disponíveis na internet; o uso de jogos, *podcasts*, vídeos e outras mídias digitais como recursos didáticos; a elaboração de atividades interativas e colaborativas com os alunos; a comunicação e o *feedback online*; a gestão do tempo e do espaço virtual, entre outros. O objetivo foi que eles e elas pudessem explorar as potencialidades e os limites das plataformas digitais, reconhecendo-as como meios e não como fins da aprendizagem histórica.

Para fundamentar teoricamente uma oficina pedagógica sobre utilização de plataformas digitais para professores de História, foi possível recorrer a autores que discutem as relações entre tecnologia, educação e História. Por exemplo, Almeida (2011) afirma que:

A tecnologia digital pode contribuir para ampliar as possibilidades de ensinar e aprender história, desde que seja utilizada de forma crítica e criativa, articulada aos objetivos pedagógicos e às necessidades dos alunos. Não se trata de substituir os livros e as aulas expositivas por computadores e internet, mas de integrar diferentes linguagens e recursos na construção do conhecimento histórico. (ALMEIDA, 2011, p. 23)

Essa citação evidencia a importância de uma abordagem pedagógica que valorize o uso das plataformas digitais como meios para desenvolver habilidades e competências históricas nos alunos, tais como: a compreensão do tempo, a análise de fontes, a

contextualização, a problematização, a argumentação, entre outras. Além disso, destaca o papel do professor como mediador e orientador do processo de ensino-aprendizagem, que deve planejar e avaliar as atividades com as plataformas digitais de acordo com os objetivos pedagógicos e as necessidades dos alunos.

Outra autora que pode subsidiar uma oficina pedagógica sobre utilização de plataformas digitais para docentes de História é Fonseca (2006), que defende que:

O ensino de história deve estar atento às transformações da sociedade contemporânea, marcada pela globalização, pela diversidade cultural e pela revolução tecnológica. Nesse sentido, as plataformas digitais podem ser aliadas na construção de uma educação histórica crítica e cidadã, que estimule os alunos a questionarem as versões oficiais da história, a reconhecerem-se como sujeitos históricos e a participarem ativamente da sociedade. (FONSECA, 2006, p. 45)

Essa citação ressalta a relevância de uma abordagem histórica que considere as mudanças sociais e culturais provocadas pelas tecnologias digitais, que afetam tanto a produção quanto o consumo da História. Nesse cenário, as plataformas digitais podem ser instrumentos para promover uma educação histórica crítica e cidadã, que incentive os alunos a refletirem sobre o passado e o presente, a valorizarem a diversidade cultural e a exercerem seus direitos e deveres na sociedade.

Portanto, uma oficina pedagógica sobre utilização de plataformas digitais para profissionais da História pode contribuir para ampliar as possibilidades de ensinar e aprender essa disciplina na educação básica, desde que seja fundamentada teoricamente e articulada aos objetivos pedagógicos. As plataformas digitais podem ser mecanismos para desenvolver habilidades e competências históricas nos alunos, bem como para estimular uma educação histórica crítica e cidadã.

Uma oficina pedagógica é uma atividade que envolve a participação ativa dos professores de História da educação básica, com o objetivo de promover a reflexão e a crítica sobre suas práticas pedagógicas, especialmente frente às novas necessidades digitais da atualidade. Nesse sentido, a OP pode ser um espaço de formação continuada, de troca de experiências, de construção coletiva de conhecimentos e de desenvolvimento de habilidades e competências para o uso das tecnologias digitais no ensino de História.

Segundo Andrade (2019), as oficinas pedagógicas podem ser organizadas em diferentes formatos e metodologias, dependendo dos objetivos, dos conteúdos, dos recursos e do tempo disponíveis. No entanto, o autor destaca alguns elementos que devem estar presentes em qualquer oficina pedagógica: a problematização, a contextualização, a interação, a experimentação e a avaliação. Esses elementos

permitem que os educadores sejam protagonistas do seu processo de aprendizagem, que relacionem os conteúdos com suas realidades, que dialoguem com seus pares e com os formadores, que vivenciem situações concretas de uso das tecnologias digitais e que reflitam sobre seus avanços e dificuldades.

Costa (2020) afirma que as oficinas pedagógicas são uma estratégia potente para a formação dos professores de História da educação básica, pois possibilitam que eles se apropriem das tecnologias digitais como elementos pedagógicos e não apenas como recursos técnicos. A autora defende que as oficinas pedagógicas devem estimular esses profissionais a explorarem as potencialidades das tecnologias digitais para o desenvolvimento de competências históricas nos alunos, tais como: a compreensão do tempo histórico, a análise de fontes diversas, a construção de narrativas históricas, a comparação de diferentes perspectivas e interpretações, a problematização de questões sociais relevantes e a participação cidadã.

Mediano (2021) complementa que as oficinas pedagógicas devem também sensibilizar os professores de História da educação básica para os desafios e as responsabilidades éticas do uso das tecnologias digitais no ensino de História. O autor alerta para os riscos de disseminação de informações falsas, distorcidas ou manipuladas sobre o passado, que podem comprometer a formação histórica dos alunos e influenciar negativamente suas visões de mundo. Por isso, Mediano (2021) propõe que as oficinas pedagógicas abordem temas como: a verificação das fontes, a análise crítica das informações, o respeito à diversidade cultural e à pluralidade de vozes e o combate às *fake news* e aos discursos de ódio.

Sendo uma oficina pedagógica uma estratégia didática que visa promover a aprendizagem empírica, isto é, por meio de atividades práticas, reflexivas e críticas, relacionadas ao conteúdo de História da educação básica, é necessário pensar cuidadosamente a sua elaboração. Para criar uma OP é necessário considerar alguns aspectos, tais como: o objetivo da oficina: qual é a finalidade da oficina, o que se pretende alcançar com ela, quais são as competências e habilidades que se espera desenvolver nos alunos; o público-alvo da oficina: quem são os alunos que participarão, qual é o seu nível de escolaridade, quais são os seus interesses, necessidades e dificuldade; a metodologia da oficina: como será a dinâmica, quais serão as etapas, os recursos e os materiais utilizados, como será a interação entre os alunos e o professor, como será a avaliação da oficina; a fundamentação teórica da oficina: quais são as referências bibliográficas que embasam a proposta, quais são os autores e as obras que dialogam com o tema e a metodologia da mesma.

Um dos autores que pode contribuir para a elaboração e a prática de uma oficina pedagógica é Ramon Nere de Lima, que defende a importância do ensino de História para a formação cidadã dos alunos. Segundo ele, "o ensino de História deve possibilitar ao aluno compreender o seu papel na sociedade em que vive, bem como as relações entre passado e presente, entre o local e o global" (2013, p. 15). Nesse sentido, uma OP pode ser um meio de estimular nos discentes uma postura crítica e reflexiva sobre a realidade histórica e social.

Sendo assim, as mídias digitais podem ser utilizadas como recursos didáticos para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos alunos, desde que sejam articuladas com os objetivos e os conteúdos curriculares. Lima ainda propõe uma abordagem crítica e reflexiva sobre o uso das tecnologias, que considere os aspectos históricos, sociais, culturais e políticos envolvidos na produção e na recepção das mídias. Além disso, ele sugere algumas estratégias para o trabalho com as mídias digitais na sala de aula, como a análise de fontes históricas, a produção de narrativas multimídia, a realização de projetos colaborativos e a avaliação formativa.

Outro autor que pode subsidiar a criação de uma oficina pedagógica é José Carlos Libâneo, que propõe uma abordagem didática baseada na problematização. De acordo com ele, "a problematização consiste em apresentar aos alunos situações-problema relacionadas aos conteúdos escolares e à realidade social, para que eles possam analisá-las, levantar hipóteses, buscar informações e soluções" (2011, p. 87). Dessa forma, uma OP pode ser um espaço de desafio e investigação para os envolvidos, que devem mobilizar seus conhecimentos prévios e construir novos saberes.

Essa temática vem da necessidade de formação docente de História, sendo que as tecnologias digitais é um tema relevante e desafiador para os educadores que buscam repensar suas práticas pedagógicas e estimular o interesse dos alunos pela disciplina.

José Manuel Moran, que em seu livro "Novas tecnologias e mediação pedagógica" (2000), apresenta uma visão ampla e atualizada sobre as transformações que as tecnologias provocam na educação e na sociedade. Moran defende que as novas tecnologias podem ser aliadas dos educadores para criar ambientes de aprendizagem mais dinâmicos, interativos, criativos e significativos para os alunos. Para isso, ele propõe uma mediação pedagógica que envolva o planejamento, a seleção, a organização, a orientação, a interação, a avaliação e a revisão das atividades mediadas pelas tecnologias. Moran também ressalta a importância da formação continuada para que eles possam se atualizar e se adaptar às mudanças tecnológicas.

Sendo assim, a formação docente de História e novas tecnologias é um campo

rico e complexo, que exige dos educadores uma postura crítica e reflexiva sobre o uso das mídias digitais na sala de aula. Também vale ressaltar que as tecnologias digitais podem ser usadas como metodologias pedagógicas potentes para o ensino de História, desde que sejam utilizadas com critérios e objetivos claros, respeitando-se as especificidades da disciplina e as necessidades dos alunos.

Portanto, uma oficina pedagógica é uma proposta formativa que visa qualificar os professores de História da educação básica que pode se usada como possibilidade para o uso das tecnologias digitais no ensino de História, considerando tanto as possibilidades quanto os desafios que elas apresentam. Uma OP precisa ser planejada e conduzida com base em princípios pedagógicos consistentes, que valorizem a reflexão, a crítica, a interação, a experimentação e a avaliação. Além disso, uma oficina pedagógica deve contemplar conteúdos relevantes para o ensino de História na atualidade, que favoreçam o desenvolvimento de competências históricas nos alunos e que promovam uma postura ética, no caso escolhido desta pesquisa, diante das tecnologias digitais.

4.2 - Construindo um Instablog

Para criação do produto final proposto foi pensado a importância dos professores de História ocuparem espaços nas redes sociais como o Instagram; isso foi bastante explorado no capítulo 2, no entanto, esse espaço na plataforma para a produção de conteúdo, o qual o docente ocupará, será chamado aqui de Instablog.

Um Instablog é uma espécie de *blog* dentro do Instagram. Nele, os criadores compartilham diversos tipos de conteúdo diretamente na plataforma, sem a necessidade de ter um *site* ou domínio próprio. Diferentemente dos *blogs* tradicionais, os instablogs são mais curtos e focados em imagens e vídeos. Abaixo, uma imagem do exemplo utilizado na pesquisa, o Instablog do Prof. Hudson Araujo.

Imagem 2 - Instablog de História do Prof. Hudson Araujo



Fonte: Instagram @profhudsonaraujo (29 fev. 2024)

Sendo assim, se faz necessário explicar primeiramente o que é um *blog*. Ele é um tipo de *site* que permite a publicação de conteúdos em formato de texto, imagem, áudio ou vídeo, geralmente organizados por data e categoria. O termo *blog* vem da junção das palavras *web* e *log*, que significa registro ou diário na internet. Os *blogs* surgiram no final dos anos 90, como uma forma de as pessoas compartilharem suas experiências, opiniões, interesses e *hobbies* na *web*. Com o tempo, os *blogs* foram se diversificando e se profissionalizando, tornando-se uma das principais formas de comunicação, informação e entretenimento *online*.

Existem diversos tipos de *blogs*, que podem ter um tema específico, como educação, culinária, viagem, moda, etc., ou abordar assuntos variados, de acordo com o interesse do autor ou dos leitores. Alguns *blogs* são pessoais, o autor escreve sobre sua vida, seus sentimentos, seus pensamentos, etc. Outros são coletivos, vários autores contribuem com conteúdos sobre um mesmo assunto ou área. Há também *blogs* corporativos, nos quais empresas, instituições ou organizações publicam conteúdos relacionados à sua área de atuação, seus produtos, seus serviços, seus valores, etc.

Os *blogs* podem ter diferentes formatos, dependendo do tipo de conteúdo que publicam. Alguns são mais focados em textos, que podem ser curtos ou longos, informativos ou opinativos, formais ou informais, etc. Outros são mais visuais, publicando fotos, ilustrações, infográficos, etc. Há também os que publicam conteúdos em áudio, como *podcasts*, ou em vídeo, como *vlogs*. Alguns *blogs* combinam vários

formatos, criando conteúdos multimídia e interativos.

Os *blogs* são importantes por vários motivos. Eles permitem que as pessoas se expressem, se comuniquem, se informem, se divirtam, se eduquem e se inspirem na internet. Eles também possibilitam que as mesmas criem redes de relacionamento, interagindo com outros autores e leitores, trocando ideias, informações, experiências, etc. Além disso, são mecanismos de *marketing* digital, que podem ajudar a divulgar uma marca, um produto ou um serviço, e gerar tráfego e *leads*¹⁶ para um *site*.

Para Doescher:

(...) a produção de conteúdo em blogs desempenha um papel significativo na disseminação do conhecimento e na construção de autoridade. Quando os blogueiros e criadores de conteúdo dedicam-se à pesquisa, não apenas garantem a precisão das informações compartilhadas, mas também demonstram um compromisso com a excelência. Essa dedicação constrói uma imagem de autoridade, o que pode aumentar significativamente a confiança e a lealdade dos leitores. (DROESCHER, p. 11, 2014)

Um *blog* dentro do Instagram é uma forma de usar a rede social para compartilhar conteúdos em formato de texto, imagem, áudio ou vídeo, sobre um tema específico ou variado, de acordo com o interesse do autor ou dos leitores. O Instagram possui várias recursos úteis para a criação desse conteúdo, como guias, que permite reunir uma curadoria de *posts* com dicas e recomendações no formato de um mini *blog*; IGTV, que permite publicar vídeos mais longos e com mais profundidade sobre um assunto; *stories*, que permite publicar conteúdos efêmeros e interativos, que podem ser salvos em destaques no perfil; *reels*, que permite publicar vídeos curtos e criativos, com efeitos e músicas que podem viralizar na plataforma e o *feed*, que permite publicar fotos e vídeos com legendas, *hashtags* e localização, que podem ser comentados e curtidos pelos seguidores.

Para criar um Instablog basta ter uma conta no Instagram e começar a postar. Não é necessário instalar temas ou escrever artigos longos. Os *posts* podem ser rápidos e informais, como histórias do dia a dia, fotos de viagens, eventos ou outros conteúdos mais sérios. A simplicidade e a facilidade de uso são atrativos para quem quer compartilhar conteúdo sem complicações.

O Instablog oferece uma maneira simples e direta de compartilhar conteúdo sem a necessidade de registrar um domínio ou configurar um *site*. Com o alto limite de 2.200

¹⁶ *Leads* são os contatos que geramos através das ações de *marketing*. Geralmente qualquer contato possua o nome e o número pode ser considerado um *lead*. Disponível em: <<https://www.organicadigital.com/blog/o-que-sao-leads/>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

caracteres por postagem. O Instagram ainda oferece métricas nativas para acompanhar o desempenho dos *posts*. Essa análise integrada permite que os blogueiros monitorem o alcance, o engajamento e outras métricas importantes diretamente na plataforma. Isso facilita a avaliação do sucesso das estratégias e a tomada de decisões informadas.

Muitos usuários do Instagram pesquisam produtos e serviços na plataforma, tornando-a ideal para divulgação. A audiência já está familiarizada com a interface e está disposta a explorar ofertas. Portanto, o Instablog oferece uma oportunidade valiosa para alcançar uma base de seguidores ativos e com interesses variados.

Os *posts* no Instagram são mais curtos e não permitem textos longos. O formato padrão de imagem quadrada e a ênfase na estética inibem a produção de conteúdos com muito texto. Isso pode ser uma desvantagem para quem deseja compartilhar informações detalhadas ou textos mais extensos.

O sucesso no Instagram está atrelado à própria plataforma, que pode mudar suas regras a qualquer momento. Isso significa que os usuários dependem das políticas e algoritmos do Instagram para alcançar seu público-alvo. Essa dependência pode ser arriscada, especialmente para marcas e influenciadores que investem tempo e recursos na construção de sua presença na rede social.

O Instablog é uma alternativa prática e eficiente para quem deseja compartilhar conteúdo visual e alcançar uma audiência engajada no Instagram. No entanto, é importante estar ciente das limitações e depender de outras estratégias de divulgação além dessa plataforma.

O Instagram é uma das redes sociais mais populares do mundo, com mais de um bilhão de usuários ativos. Além de ser uma plataforma para compartilhar fotos e vídeos, o Instagram também oferece uma série de recursos que podem ser usados para produzir conteúdo histórico. Vamos explicar alguns desses recursos e como eles podem ser aproveitados para divulgar e preservar a História.

Um dos recursos mais básicos do Instagram é a edição de imagem, que permite ajustar o brilho, o contraste, a saturação, o recorte e outros aspectos das fotos antes de publicá-las. Esse recurso pode ser útil para melhorar a qualidade e a visibilidade das imagens históricas, como documentos, mapas, pinturas, fotografias antigas e outros. Além disso, o Instagram também oferece uma variedade de filtros que podem alterar o estilo e o clima das imagens, criando efeitos interessantes e artísticos.

Outro recurso importante do Instagram é a possibilidade de interagir com outros usuários por meio de curtidas, comentários, seguir, compartilhar e explorar. Essas ações permitem criar uma rede de contatos e seguidores interessados em História, além de

ampliar o alcance e a visibilidade do conteúdo histórico. Por meio das curtidas e dos comentários, é possível receber *feedbacks*, elogios, críticas e sugestões sobre as publicações, bem como estimular debates e discussões sobre os temas abordados. Seguir outros perfis relacionados à História permite acompanhar as novidades e as tendências do campo, além de estabelecer parcerias e colaborações. Compartilhar o conteúdo histórico em outras redes sociais ou por meio de mensagens diretas (*directs*) ajuda a divulgar o trabalho e a atrair mais público. Explorar permite descobrir novos conteúdos e perfis de interesse, usando *hashtags*, palavras-chave ou localizações.

A localização é outro recurso que pode ser usado para produzir conteúdo histórico no Instagram. Ao marcar a localização nas publicações, é possível vincular o conteúdo a um lugar específico, como um museu, um monumento, um sítio arqueológico ou uma cidade histórica. Isso ajuda a contextualizar as imagens e a despertar o interesse dos usuários pela história local. Além disso, ao marcar outras pessoas nas publicações, é possível criar uma rede de colaboradores e fontes que podem contribuir com informações, depoimentos ou imagens sobre o tema.

O Instagram também oferece diferentes formatos de conteúdo que podem ser usados para produzir conteúdo histórico. Um deles é o *stories*, que são publicações efêmeras que ficam disponíveis por 24 horas. Os *stories* podem ser usados para compartilhar momentos do cotidiano, curiosidades, dicas, enquetes ou perguntas sobre História. Eles também permitem adicionar *stickers*, *gifs*, músicas e outros elementos interativos que tornam o conteúdo mais dinâmico e divertido. Os *stories* podem ser salvos nos destaques do perfil, que são coleções temáticas que ficam visíveis permanentemente.

Outro formato de conteúdo é o *reels*, que são vídeos curtos de até 90 segundos que podem ter efeitos sonoros, musicais ou visuais. Os *reels* podem ser usados para criar conteúdos criativos e originais sobre História, como paródias, memes, resumos, comparações ou explicações. Eles também podem ser compartilhados no *feed* ou nos *stories*.

Um terceiro formato de conteúdo é o IGTV (Instagram TV), que são vídeos mais longos de até 60 minutos que poderiam ser acessados por um ícone no perfil ou por um aplicativo separado, no entanto, em 2023, a plataforma reformulou e colocou *reels* e IGTV's em uma mesma aba de vídeos. O IGTV pode ser usado para produzir conteúdos mais aprofundados e detalhados sobre História, como documentários, entrevistas, palestras ou análises. Eles também podem ter legendas ou descrições para facilitar o entendimento.

Por fim, outro recurso que pode ser usado para produzir conteúdo histórico no Instagram é o ‘ao vivo’ (*live*), que são transmissões em tempo real que podem durar até quatro horas, podemos até mesmo convidar mais 3 outros usuários para essa transmissão. O ‘ao vivo’ permite interagir com os espectadores por meio de comentários ou convidar outros usuários para participar da transmissão. O ‘ao vivo’ pode ser usado para realizar eventos, debates, *workshops* ou aulas sobre História, além de mostrar bastidores, processos ou experiências relacionadas ao tema.

Os usos desses recursos podem ainda ser otimizados com o uso de perfis profissionais, pois o Instagram oferece diversos recursos para quem deseja usar a plataforma de forma profissional. Uma delas é o painel profissional, que reúne recursos exclusivos para perfis comerciais e criadores de conteúdo. Vamos conhecer os principais recursos do painel profissional, especialmente os *Insights*, que permitem analisar o desempenho e o engajamento dos seus *posts* e *stories*.

Os *Insights* são dados estatísticos que mostram informações sobre o seu público, o alcance, as impressões, as interações e as ações realizadas pelos usuários que visualizam o seu conteúdo. Eles são essenciais para entender o perfil dos seus seguidores, os horários de maior audiência, os tipos de conteúdo que geram mais interesse e as estratégias que funcionam melhor para o seu objetivo.

Para acessar os *Insights*, basta tocar no ícone de três linhas no canto superior direito do perfil e selecionar a opção painel profissional. Nesse recurso, encontra-se três abas: visão geral, conteúdo e público. Na aba visão geral pode-se ver um resumo dos seus dados nos últimos 7 ou 30 dias, como o número de contas alcançadas, o crescimento dos seguidores, as interações recebidas e as ações realizadas no seu perfil.

Na aba conteúdo, pode-se ver os detalhes de cada *post* ou *story* publicado nos últimos 2 anos, como o número de curtidas, comentários, compartilhamentos, salvamentos, visualizações e cliques no *link*. Também pode-se filtrar os seus *posts* por tipo (foto, vídeo ou carrossel), período (7 dias, 30 dias, 3 meses, 6 meses, 1 ano ou 2 anos) e métrica (alcance, impressões, interações ou ações no perfil).

Na aba público, pode-se ver as características dos seus seguidores, como a faixa etária, o gênero, a localização (país e cidade) e os horários e dias da semana em que eles estão mais ativos no Instagram. Essas informações são importantes para conhecer melhor o público-alvo e adaptar o conteúdo às preferências e necessidades.

Os *Insights* são um recurso muito útil para quem usa o Instagram de forma profissional, pois permitem avaliar o impacto e a eficiência das suas publicações e *stories*. Eles também ajudam a planejar e otimizar o seu conteúdo de acordo com os

interesses e comportamentos dos seguidores.

Por meio dos *Insights* os professores podem saber quais são os temas históricos mais procurados e comentados pelos usuários, quais são os formatos de conteúdo mais adequados para cada assunto (foto, vídeo ou carrossel), quais são os melhores horários e dias para postar e quais são as métricas que indicam o sucesso das suas publicações.

Assim, os educadores podem criar conteúdos históricos mais relevantes, atrativos e educativos para o seu público no Instagram, aumentando o seu reconhecimento e autoridade na área.

Como já foi abordado, o Instagram é uma rede social que pode ser usada por docentes de História para divulgar seus trabalhos, compartilhar conteúdos e interagir com seus alunos e seguidores. Para criar um perfil profissional no Instagram, pensando que será utilizado como *blog* para produção histórica digital, é preciso seguir alguns passos:

1. Escolha um nome de usuário simples e original, que tenha a ver com o nicho de atuação. Por exemplo: @professordehistoria, @historiando, @historiaroraimense, @historiaemfoco, etc.

2. Use uma foto de perfil profissional, que mostre o rosto com boa iluminação e qualidade. Evite usar filtros ou efeitos que possam distorcer a imagem.

3. Coloque o segmento de atuação junto ao nome para que as pessoas saibam o que é um perfil de um profissional. Por exemplo: "Professor de História", "Historiador", "Pesquisador em História", etc.

4. Elabore a descrição do perfil usando palavras-chave que definam o trabalho, o público-alvo e o objetivo. Por exemplo: "Sou professor de História e crio conteúdos sobre temas variados da História mundial e brasileira. Meu objetivo é ensinar, informar e inspirar pessoas que gostam de História. Siga-me e acompanhe as minhas postagens."

5. Inclua o seu link na bio, que pode ser o *site*, o canal do *YouTube*, o *podcast*, o portfólio ou qualquer outra plataforma que use para divulgar o trabalho. Pode-se usar um recurso como o *Linktree*¹⁷, *site* prático para organizar e compartilhar os *links* importantes em um só lugar, especialmente quando se trata de redes sociais como o Instagram.

6. O usuário pode usar os destaques para organizar os *stories* por temas, como "Dicas de História", "Curiosidades Históricas", "Livros de História", etc.

Após criar o perfil profissional no Instagram, o docente de História poderá produzir conteúdos relevantes e estratégicos para o seu público, usando diferentes formatos, como fotos, vídeos, carrosséis, *reels* e IGTV. Pensando nessa perspectiva, Napolitano explica que

¹⁷ Disponível em: <<https://linktr.ee/>> Acesso em: 29 fev. 2024.

As mídias digitais não são apenas ferramentas ou suportes para a produção historiográfica; elas são também linguagens expressivas que demandam novas formas de pensar a escrita da história e sua relação com as fontes históricas. [...] As mídias digitais não são apenas meios de comunicação; elas são também meios de produção do conhecimento histórico. (NAPOLITANO, 2020, p. 17)

Napolitano mostra como as mídias digitais podem ser vistas como oportunidades e desafios para os professores na era digital. Por um lado, elas oferecem novos recursos e possibilidades para a pesquisa, a divulgação e o ensino da História, ampliando o acesso às fontes históricas, aos públicos interessados e às formas de expressão historiográfica. Por outro lado, elas exigem novas competências e habilidades dos docentes, que precisam se adaptar às novas linguagens digitais, aos novos critérios de qualidade e credibilidade e aos novos debates e conflitos que surgem no ambiente digital.

Como vimos, o Instagram é uma plataforma rica e versátil que oferece diversos recursos que podem ser usados para produzir conteúdo histórico. Ao usar esses recursos de forma criativa e estratégica, é possível divulgar e preservar a História de forma acessível para o público.

4.3 O produto: a oficina pedagógica “Professor Influencer: as possibilidades do Instagram para o Ensino de História”

Como produto final, foi planejada uma oficina pedagógica visando contribuir para formação de professores de História a partir da minha experiência à frente do perfil do Instagram @profhudsonaraujo. "A educação continuada dos professores tem sido, nestes últimos tempos, uma preocupação, seja por parte do poder público, seja entre as universidades e centros de pesquisa" (MEDIANO, 1997, p. 91), sendo assim, esta oficina produzida foi pensada para ser ofertada em qualquer formação de docentes, exatamente por essa necessidade exposta pela autora.

Nesta oficina abordei alguns conceitos e metodologias que poderiam contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem dos alunos. Um dos conceitos que exploramos é o de competências, que são definidas como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem ao indivíduo resolver problemas e realizar tarefas em diferentes contextos. Segundo Perrenoud (1999), as competências são construídas ao longo da vida, em situações reais e complexas, e envolvem a mobilização de saberes teóricos e práticos, bem como a capacidade de julgar, decidir e agir de forma ética e responsável.

Outro conceito que discutimos é o de avaliação formativa, que é um processo contínuo e sistemático de coleta e análise de informações sobre o desempenho dos alunos, com o objetivo de fornecer *feedbacks* e orientações para a melhoria da aprendizagem. Segundo Zabala (1998), a avaliação formativa deve ser integrada ao planejamento e à prática pedagógica, considerando os objetivos, os conteúdos, as estratégias e os critérios de avaliação previamente estabelecidos.

Nesta oficina pedagógica fui, junto com os docentes, descobrir e utilizar as potencialidades do Instagram, empregando suas funções para a prática do ensino de História, da mesma maneira que discutimos o papel dos docentes nessa dinâmica que está em expansão na atualidade das redes sociais e dos influenciadores digitais.

Para participar da oficina pedagógica, designei que os participantes teriam que estar matriculados no Mestrado Profissional de Ensino de História – ProfHistória, na Universidade Federal de Roraima na turma de 2023. Esse foi um critério de seleção e recrutamento estabelecido por mim, pois o programa exige que todos os matriculados sejam educadores em exercício da educação básica, questão que era importante para participar, uma vez que precisariam estar atuando e vivenciando a sala de aula. Além disso, esse critério facilitou os encontros para participação na referida atividade, uma vez que ocorriam na própria UFRR, diminuindo os gastos, bem como, facilitando o acesso do pesquisador a um número expressivo de 10 (dez) professores de História para execução da pesquisa, propiciando um espaço e também um tempo para essa atividade.

Para construção dessa oficina foi pensado algo dialogado entre os educadores, construindo-a coletivamente a partir de suas vivências e pensamentos sobre o Instagram, além disso, também foram abordadas temáticas como possibilidades e desafios para se produzir conteúdo histórico nas redes sociais.

No entanto, a atividade/produto também buscou ajudar os docentes a enxergar o Instagram como uma possibilidade, pois foi explorado também cada recurso dessa plataforma. Foi notado, no entanto, que as conversas se estenderam mais do que o programado inicialmente, o que não foi um problema, pois esse assunto é de interesse de muitos dos que ali estavam, pois viam diariamente a necessidade de entender melhor essa plataforma, que já é extremamente explorada e consumida pelos alunos.

Diante do tempo consumido pelas conversas entre os docentes e o pesquisador, foi repensado e decidido fazer uma segunda etapa da oficina pedagógica, mais pautada na ação, mas sem deixar de lado os diálogos e reflexões nessas produções. A nova data foi acertada com a turma ainda *in loco*.

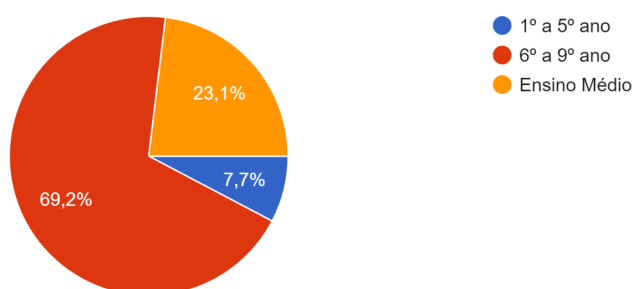
Nas duas etapas foram construídos o roteiro da OP, pensado para ser reproduzido

por outros profissionais, conforme Apêndice 1, e também um conjunto de *slides* utilizados, conforme Apêndice 2; por fim, foi feito de forma *on-line*, pelo *Google Forms*, um formulário ao qual os docentes informaram suas opiniões sobre a oficina.

Antes da atividade foi aplicada para a gama de professores, alunos do ProfHistória, uma pesquisa, com as seguintes perguntas e resultados:

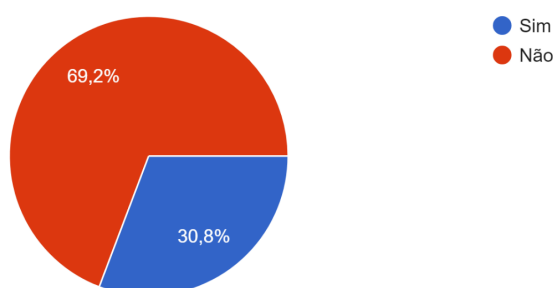
Para quais anos/séries da Educação Básica você leciona atualmente?

13 respostas



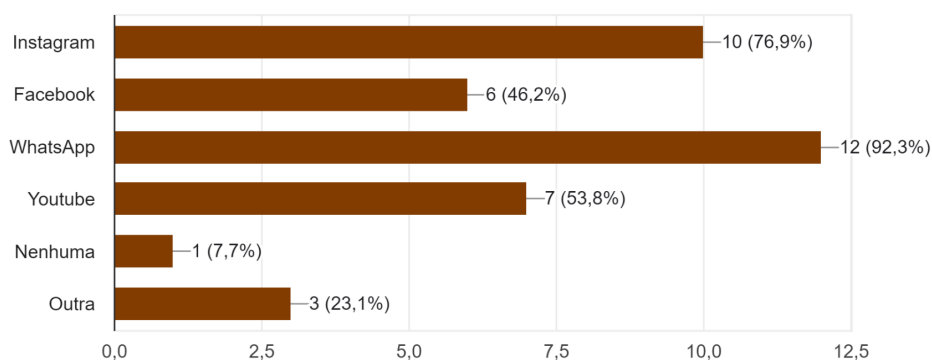
Você conhece o Instagram do Prof. Hudson Araujo? (@profhudsonaraujo)

13 respostas



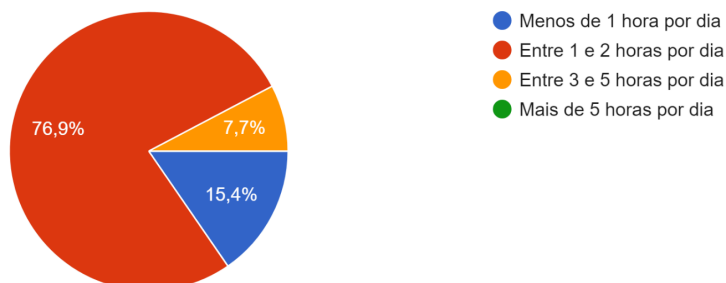
Você usa alguma rede social? Qual?

13 respostas



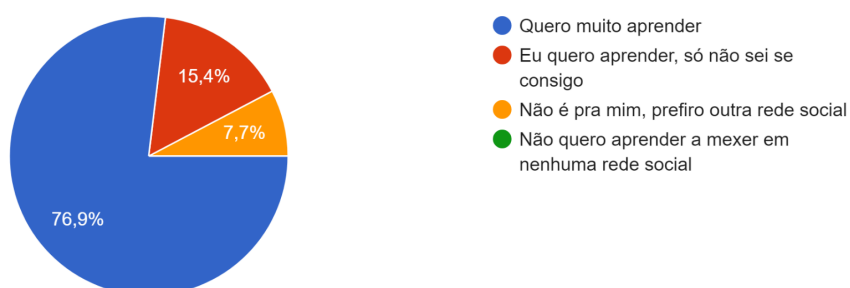
Quanto tempo você costuma passar em redes sociais?

13 respostas



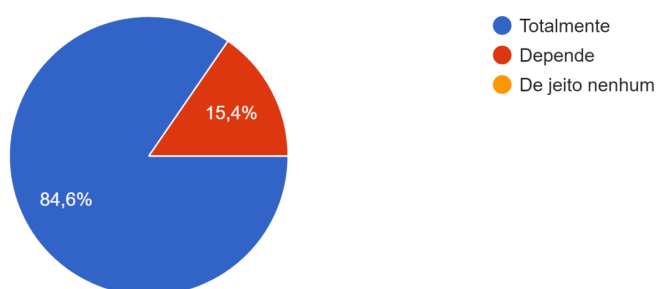
Qual seu grau de abertura para aprender a usar o Instagram?

13 respostas



Você acredita ser possível usar o Instagram para fins educacionais?

13 respostas



Por fim, foi perguntado: “quais são suas expectativas ou desafios que você acredita que terá nessa oficina?”. Essa pergunta revelou alguns pontos interessantes e desafiadores. Em primeiro lugar, percebe-se que há uma grande motivação para aprender a utilizar essa rede social como meio didático-pedagógico, tanto para produzir quanto para divulgar e monetizar conteúdos relacionados à disciplina. Em segundo lugar, observa-se que há uma necessidade de adaptação dos docentes à linguagem e às possibilidades do Instagram, que é uma plataforma dinâmica, visual e interativa. Em terceiro lugar, nota-se que há uma curiosidade sobre como o Instagram pode contribuir

para o processo de ensino-aprendizagem de História, levando em conta os aspectos históricos, culturais e sociais presentes nessa mídia. Por fim, destaca-se que há uma resistência ou aversão de alguns deles em relação ao uso das redes sociais, que pode ser superada com o conhecimento e a experimentação das mesmas. Diante desses resultados, a oficina se propôs a oferecer um espaço de reflexão e prática sobre o uso do Instagram para o ensino de História, buscando atender às expectativas e às demandas dos participantes, bem como estimular a criatividade e a inovação na educação.

No dia 19 de abril de 2023 ocorreu a primeira parte da oficina pedagógica com os professores de História, que são alunos do ProfHistória, na Universidade Federal de Roraima, no período noturno que melhor facilitava para todos; confirmaram presença 13 (treze) que é o total dessa turma, no entanto, compareceram 10 (dez), estando dentro do que já tinha sido estabelecido por mim na construção dessa oficina.

A oficina foi conduzida por mim, pesquisador/professor Hudson Araújo, onde compartilhei minha pesquisa e experiência à frente do perfil @profhudsonaraujo. A oficina foi dividida em três momentos, com duração total de 80 minutos.

Imagem 3: Pesquisador/Professor Hudson Araújo na Oficina Pedagógica.



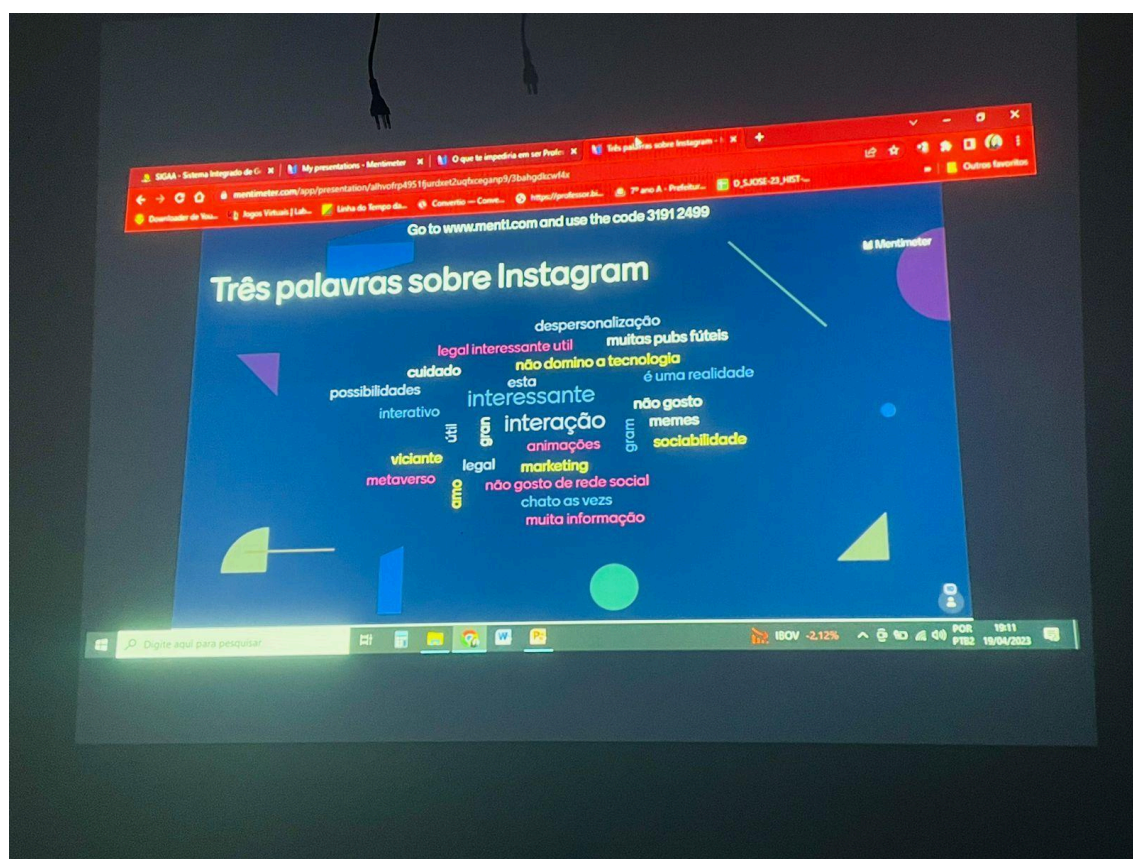
Fonte: acervo pessoal do pesquisador/professor Hudson Araujo

No primeiro momento, que durou 10 minutos, me apresentei como pesquisador/professor e situei minha pesquisa e experiência que desenvolveu com o uso do Instagram para o ensino de História. Foi explicado os objetivos, a metodologia e os resultados da pesquisa, até então incompletos, bem como os desafios e as oportunidades

que encontrei ao usar essa rede social como um meio pedagógica.

No segunda momento, que durou 40 minutos, apresentei as redes sociais como métodos utilizados para o ensino na área disciplinar da História, situando os participantes a respeito das produções intelectuais da temática em questão, bem como as potencialidades, possibilidades e dificuldades do uso das mesmas pelos docentes. Nessa etapa, foi utilizado o site *Mentimeter*¹⁸ para verificar e levantar quais redes sociais eles usavam e quais palavras-chave vinham na mente deles quando pensavam em Instagram. A partir das palavras expostas anonimamente pelos participantes, através da nuvem de palavras, foi conversado sobre o uso do Instagram e outras redes sociais, na sala de aula e fora dela, entendendo-as a partir do pensamento dos próprios e suas experiências.

Imagem 4: Palavras sobre o Instagram apresentadas pelos professores de História, alunos do ProfHistória da Universidade Federal de Roraima.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador/professor Hudson Araujo.

No terceiro momento, que durou 30 minutos, apresentei ideias de como montar um perfil profissional de professor de História no Instagram e aponte alguns recursos dessa plataforma, conversando com os docentes sobre as várias possibilidades do uso das mesmas, utilizando-se como principal referência o perfil @profhudsonaraujo. Indiquei não apenas o Instagram, mas também outros aplicativos que poderiam auxiliar

¹⁸ Disponível em: <<https://www.mentimeter.com/pt-BR>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

na produção de conteúdo para essa rede, tais como *CapCut*¹⁹, *Pinterest*²⁰, X (Antigo *Twitter*)²¹, *Canva*²², etc. Finalizei a oficina com agradecimentos e me disponibilizei através dos meus contatos para eventuais dúvidas ou sugestões.

Imagem 5: pesquisador/professor Hudson Araujo explicando os recursos do Instagram.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador/professor Hudson Araujo.

Após essa primeira etapa, ficou acertado no final da oficina, que iríamos posteriormente ter uma segunda etapa, focada na construção, essa questão ficou bem nítida que era de interesse dos participantes que tivesse essa prática, essa opinião foi expressada também pelos docentes na pesquisa aplicado posteriormente pelo *Google*

¹⁹ Disponível em: <<https://www.capcut.com/pt-br/>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

²⁰ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

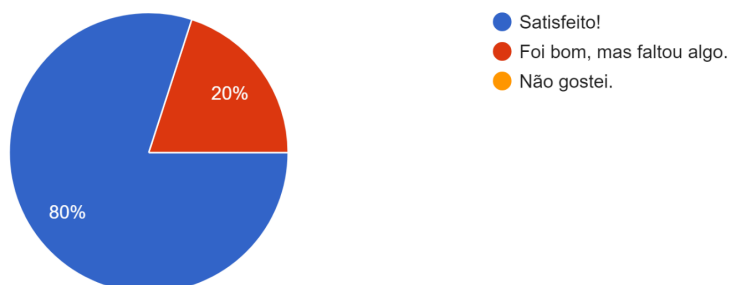
²¹ Disponível em: <<https://twitter.com/?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

²² Disponível em: <https://www.canva.com/pt_br/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

*Forms*²³ conforme os resultados abaixo:

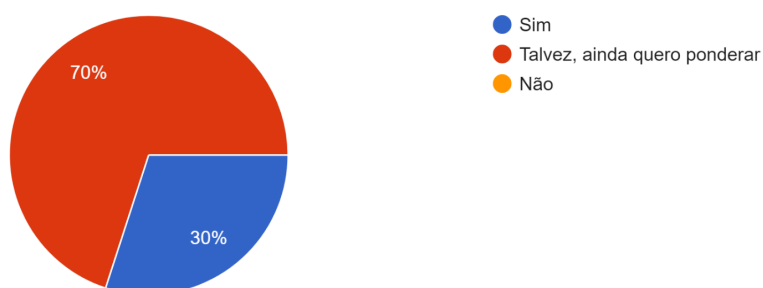
Qual seu nível de satisfação quanto ao conteúdo da Oficina Pedagógica?

10 respostas



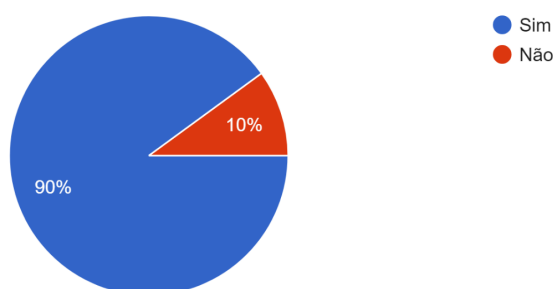
Depois do que lhe foi proposto, você pretende em produzir conteúdo no Instagram

10 respostas



Gostaria de outra Oficina Pedagógica para aprofundamento do tema?

10 respostas



A segunda parte da oficina pedagógica, agora voltada para materialização e reflexão, ocorreu no dia 29 de setembro de 2023. No entanto, foi notado, nessa segunda etapa, que apenas 60% dos professores que tinham comparecido na primeira compareceram na continuação, no total de 6 (seis) docentes. No entanto, foi verificado

²³

Disponível em: <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

através de conversas pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, que não foi por falta de interesse, mas por compromissos conflitantes adversos.

Imagem 6: Pesquisador/professor Hudson Araujo na frente do *slide* usado na oficina pedagógica.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador/professor Hudson Araujo.

No primeiro momento, relembramos o que foi visto na primeira parte da oficina, revendo conceitos relacionados ao Ensino de História nas redes sociais e o Instagram, e também como essa plataforma pode ser utilizada como divulgação de conhecimento histórico. Esse momento foi importante para situar os participantes no contexto da oficina e reforçar os objetivos e as potencialidades do uso do Instagram como um espaço para construção histórica, bem como, para o letramento histórico digital. Também foi uma oportunidade para esclarecer dúvidas e compartilhar experiências prévias dos professores com essa rede social.

Ainda, foi pontuado nesse primeiro momento os vários recursos do Instagram que podem ser utilizados pelo professor de História para produzir conteúdo histórico, bem como dicas de como criar um perfil e aplicativos que podem ajudá-los a criar conteúdo. Essa etapa foi essencial para apresentar aos participantes as possibilidades criativas e didáticas do Instagram, mostrando como eles podem explorar diferentes formatos, linguagens e recursos para transmitir informações e conhecimentos históricos

de forma atrativa e interativa. Também foi uma forma de orientar eles sobre como planejar, produzir e gerenciar um perfil profissional no Instagram, levando em conta aspectos como identidade visual, público-alvo, periodicidade, qualidade e ética.

No segundo momento, mão na massa, os professores foram convidados a criar um *Instablog* de História e a produzir algum conteúdo histórico utilizando-se dos recursos do Instagram. Foi incentivado que se apoiassem na construção dessas postagens. Essa etapa foi a mais desafiadora e divertida da oficina, pois colocou os participantes em contato direto com a prática de criar conteúdo histórico no Instagram. Foi uma forma de estimular a criatividade, a autonomia e a colaboração dos mesmos, que puderam experimentar diferentes formas de expressar seus saberes e interesses históricos na rede social. Também foi uma forma de avaliar o aprendizado dos participantes e identificar as dificuldades e as facilidades que eles encontraram ao longo do processo.

Ainda sobre o segundo momento, foi conversado sobre o que os docentes estavam abordando naquele momento em sala de aula e se seria importante produzir um material de apoio para eles através do uso do Instagram que pudesse, posteriormente, ser curtido e comentado por eles. Também foi conversado a importância de expor e exaltar a História da Amazônia e de Roraima, pois ainda é uma temática excluída e ignorada por boa parte de livros e material didático, e o Instagram seria um espaço para essa divulgação e construção de etnotecnologia, conforme abordado anteriormente.

No terceiro momento, conversamos sobre como foi a experiência e também quais as expectativas dos professores de História sobre esses perfis profissionais criados (ou não) por eles. Também fiz agradecimentos. Essa etapa foi importante para fechar a oficina com uma reflexão coletiva sobre o que foi vivenciado e aprendido, bem como sobre os desafios e as possibilidades do ensino de História nas redes sociais. Foi um momento de troca de impressões, *feedbacks* e sugestões entre os participantes e o facilitador da oficina. Também foi um momento de reconhecimento do trabalho realizado e de incentivo à continuidade dos projetos iniciados na oficina.

Na conversa, foi pontuado que 4 (quatro) professores conseguiram criar o perfil profissional e produzir conteúdos, os outros 2 (dois) disseram que não queriam produzir, mas foram pesquisar no Instagram quais *instablogs* estão na plataforma produzindo material e como utilizá-los em sala de aula. É importante notar que mesmo os que não quiseram criar o perfil, mudaram sua visão sobre as redes sociais e pontuaram a importância dessas plataformas para divulgação do conteúdo histórico, bem como, do letramento histórico digital.

Diante do exposto, acredito que a principal função da oficina pedagógica foi alcançada, pois os professores de História perceberam a importância de ocupar espaços nas redes sociais, com ênfase no Instagram, produzindo conteúdo histórico bem como as estratégias e os critérios para elaborar postagens de qualidade; mesmo os que não quiseram estar nesse espaço percebem que é importante a valorização de profissionais produzindo esses conteúdos e que podem ser usados e explorados de diversas formas pelos profissionais da História.

A oficina pedagógica construída junto aos professores de História teve como principal objetivo estimular a reflexão sobre o uso do Instagram como canal de produção e divulgação de conteúdo histórico, pois como afirmam Silva e Santos (2020, p. 35), "o Instagram é uma plataforma que possibilita a criação de narrativas visuais, sonoras e textuais, que podem contribuir para a construção do conhecimento histórico, desde que sejam utilizadas de forma crítica e reflexiva". Nesse sentido, a oficina buscou orientar os educadores sobre como selecionar fontes, imagens, hashtags, legendas e recursos interativos, de acordo com os objetivos pedagógicos e o público-alvo.

Além disso, a oficina também promoveu a troca de experiências e a interação entre os professores, que puderam compartilhar suas dúvidas, dificuldades, sugestões e expectativas em relação ao uso do Instagram. Essa dinâmica favoreceu a construção coletiva de saberes e a formação continuada dos docentes, que se sentiram mais motivados e confiantes para explorar essa rede social em suas práticas pedagógicas.

Por fim, ressalto que a oficina não teve a pretensão de esgotar o tema, mas sim de abrir possibilidades e incentivar os professores a ocuparem espaços nas redes sociais, produzindo conteúdo histórico de forma criativa, ética e responsável. Mesmo aqueles que não quiseram estar nesse espaço, reconheceram a importância de valorizar os profissionais que produzem esses conteúdos, que podem ser usados e aproveitados de diversas formas por eles.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei este trabalho considerei todas as dúvidas, incertezas e reflexões levantadas pelos professores de História da educação básica durante a oficina pedagógica, bem como, as minhas próprias reflexões, construídas não só através da experiência no uso do Instagram por 6 anos, mas também, da minha prática docente de 10 anos. Diversas situações, discussões e controvérsias impactaram o desenvolvimento das aulas e o aprendizado dos alunos. Com as diversas questões levantadas nos últimos anos e as reflexões feitas em sala de aula, foi evidenciado o uso em grande quantidade do celular na vida não apenas dos alunos, mas de boa parte da sociedade. De que forma esta tecnologia conseguiu causar impactos tão significativos na comunicação, informação e educação? Essa foi a primeira inquietação que tive.

Diante dessas inquietações e também de uma necessidade de continuar minha formação, o Mestrado Profissional em Ensino de História pela UFRR foi uma oportunidade importante na busca de entender esse processo, mas também de pensá-lo como uma possibilidade para outros profissionais sobre o uso do Instagram, vendo assim, a necessidade de ocupar e transgredir esse espaço digital para a aprendizagem histórica digital, contribuindo, assim, para letramento histórico em meio a tantos outros que promovem desinformação nessa rede.

O desenvolvimento desta pesquisa foi profundamente marcado, pensado e construído em cada aula do mestrado; pode-se perceber isso no referencial bibliográfico que está repleto de autoras/es lidos durante o curso. Aprofundar-se na área do Ensino de História foi desafiador, mas extremamente recompensador, uma vez que é um campo em crescimento extremamente importante para pensar a prática didática, valorizando e respeitando principalmente os professores de História que estão atuando na educação básica, ao qual me incluo.

A reflexão sobre o campo do Ensino de História na era digital foi de suma importância, pois ela abre caminhos para uma compreensão mais ampla e integrada do passado com as possibilidades do presente. Ao abordar conceitos como o letramento histórico-digital, por exemplo, que transcende a simples leitura de eventos históricos; envolvendo a habilidade de interpretar e analisar criticamente o conteúdo histórico em formatos digitais, promovendo uma interação mais dinâmica e engajada com a História.

A História Pública Digital, por sua vez, expandiu o alcance da disciplina, permitindo que o conhecimento histórico fosse compartilhado e acessado por um público mais amplo através da internet. Isso democratizou o acesso à informação e estimulou uma participação mais ativa da sociedade na construção e no entendimento da

História. O conteúdo histórico digital foi adaptado para ser mais interativo e envolvente, aproveitando os recursos multimídia para contar histórias do passado de maneira mais vívida e acessível.

A aprendizagem histórica também pode ser repensada pela digitalização. Recursos como simulações, jogos educativos e visitas virtuais a museus e sítios históricos enriquecem a experiência de aprendizado, tornando-a potencialmente mais dinâmica e atraente para os estudantes. Essas tecnologias proporcionam novas perspectivas sobre eventos históricos e figuras, permitindo uma imersão que antes era limitada aos textos e imagens estáticas.

A mobilização do digital no ensino de História busca não “modernizar” a educação em História em um sentido mercadológico, mas torná-la mais relevante para as novas gerações. Os alunos e educadores são incentivados a desenvolver habilidades digitais juntamente com o pensamento histórico, preparando-os melhor para o mundo contemporâneo, no qual a tecnologia e a História estão cada vez mais entrelaçadas.

Em retrospecto, a integração do digital no campo do Ensino de História foi um passo significativo para a revisão da disciplina. Ela permitiu que os educadores pudessem repensar e reestruturar o currículo histórico, alinhando-o com as necessidades e os interesses dos alunos do século XXI, e estabelecendo um novo padrão para a educação no futuro. Refletir sobre o Ensino de História na era digital é crucial, já que possibilita uma visão abrangente e integrada do passado com o auxílio das tecnologias atuais. Sendo assim, requer a capacidade de interpretar e analisar criticamente conteúdos históricos em formas digitais.

O acesso ao conteúdo histórico digital em diversas plataformas e formatos proporciona novas oportunidades para aprender. Ele possibilita que os estudantes não apenas absorvam informações, mas também sejam produtores de conteúdo, envolvendo-se na análise e na construção da narrativa histórica.

Finalmente, o uso do digital no Ensino de História é uma possibilidade que fornece aos alunos e educadores as habilidades possíveis para lidar com a grande quantidade de informações disponíveis, e também nos convida a pensar criticamente como cidadãos conscientes, aptos a compreender e impactar o futuro com base no conhecimento do passado.

A análise do uso do Instagram por docentes de História evidenciou uma possibilidade relevante na educação atual. A rede, muitas vezes ligada ao lazer e às relações sociais, surge como um local fértil para a criação e divulgação do conhecimento histórico. Quando utiliza esse meio digital, o professor pode ultrapassar os limites da

sala de aula, atingindo uma audiência maior e mais variada, o que democratiza o acesso ao conhecimento histórico e promove o interesse pela disciplina.

Produzir conteúdo histórico no Instagram oferece aos educadores a oportunidade de usar diversas linguagens e formatos, desde textos sucintos e informativos até imagens e vídeos que podem representar de forma mais tangível períodos, eventos ou figuras históricas. Essa capacidade de se adaptar ajuda a desenvolver narrativas históricas mais cativantes e acessíveis, tornando mais fácil para o público compreender e se envolver com o conhecimento histórico.

Além disso, o Instagram atua como um registro em constante construção, possibilitando a revisitação e reinterpretação das postagens, saciado como um mecanismo histórico suplementar. Educadores e alunos podem aproveitar esse acervo digital, utilizando-o como ponto de partida para discussões mais aprofundadas ou como complemento aos materiais didáticos mais comumente utilizados. A plataforma interativa também estimula a conversa constante, encorajando a revisão e atualização do conhecimento.

A partir do professor em uma perspectiva de *influencer digital*, o Instagram oferece uma chance de valorização profissional através dessa produção histórica. Ao criar conteúdo histórico para a plataforma, o educador está sempre pesquisando, aprendendo e se esforçando para apresentar o conhecimento de forma responsável com metodologias empreendidas nesse campo do conhecimento. Isso não só melhora o seu próprio entendimento do assunto, mas também demonstra uma atitude de aprendizado constante para os alunos e outros seguidores.

Usar o Instagram como estratégia pedagógica no ensino demonstra uma mudança essencial diante da presença constante da tecnologia e das redes sociais na sociedade atual, incorporando recursos tecnológicos na prática docente, mas também enriquecendo a experiência de aprendizagem dos alunos.

Pesquisar sobre como os professores de História utilizam o Instagram mostrou-se importante, já que possibilitou entender o potencial desta rede social como um mecanismo potente na educação. Este estudo enfatizou a capacidade do Instagram de ir além das barreiras tradicionais da sala de aula, promovendo uma experiência de aprendizagem mais colaborativa e adaptada à mídia, que é intrínseca à vida de muitos dos estudantes contemporâneos.

A realização da oficina pedagógica foi um marco significativo na compreensão das complexidades enfrentadas pelos professores de História ao integrar o Instagram como método educacional. Foi interessante notar que, apesar da resistência inicial

baseada em medos, incertezas e timidez frente à tecnologia digital, a discussão em grupo foi crucial para desmistificar tais sentimentos. Por meio desse compartilhamento de vivências, foi viável reconhecer o Instagram não apenas como um canal de comunicação, mas como um recurso potencialmente enriquecedor para o ensino de História.

Além disso, a oficina apresentou uma defesa enérgica da relevância do conteúdo histórico criado por professores-pesquisadores, destacando a necessidade de preservação e compartilhamento por meio das atuais plataformas digitais. A adaptação do Instagram, um espaço tradicionalmente não pedagógico, para um ambiente de aprendizado, possibilitando uma maior interação com os alunos e permitindo aos educadores utilizarem o espaço de forma pedagógica: isso mostra como estes profissionais são capazes de se adaptar e como o Instagram pode ser flexível como uma possibilidade educacional adicional.

A disposição do professor-pesquisador em explorar novas áreas e formas de comunicação é essencial na atualidade educacional. Quando este decide explorar novas formas de comunicação e disseminação do conhecimento, ele não apenas melhora sua prática pedagógica, mas também colabora com o avanço do ensino. Ter uma postura de pesquisa e criatividade é essencial para garantir que a educação faça sentido diante das constantes transformações tecnológicas e culturais, preparando os estudantes para os desafios atuais e futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, EP. Aprendizagem histórica: diálogos para uma aproximação com a teoria. **História & Ensino**, v. 26, n. 2, pág. 51 de 2020.

ALMEIDA, F. J. Redes sociais e ensino de história: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 11, n. 21, p. 19-34, 2019.

ALMEIDA, M. E. B. O professor de história na era digital: competências para ensinar e aprender. In: ALMEIDA, M. E. B.; SILVA, M. R. (orgs.). **Currículo, docência e cultura digital: cenários para o ensino de história**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 19-38.

_____. Tecnologia digital na educação histórica: possibilidades e desafios. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, p. 17-36, 2011.

ANDRADE, Diogo de Calasans Melo. Influencers digitais: agentes culturais na contemporaneidade. **Revista GEMInIS**, São Carlos, v. 10, n. 1, p. 164-179, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/431>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ANDRADE, M; LUCINDA, M. C. Oficinas pedagógicas em Direitos Humanos: uma aposta de formação política com grupos populares. In V. M. Candau, S. Sacavino (Orgs.). **Educar em Tempos Difíceis: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 253 - 272, 2001.

ANDRADE, Marcelo. Oficinas pedagógicas: conceitos e metodologias para a formação docente em tecnologias digitais. **Revista Brasileira de Educação em Tecnologia Digital**, v. 4, n. 1, p. 25-40, 2019.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. A formação do professor-pesquisador de História. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, no. 2, p. 108-126, nov. 2012.

BACHUR, J. P. Desinformação política, mídias digitais e democracia: Como e por que

as fake news funcionam?. **Direito Público**, [S. l.], v. 18, n. 99, 2021. DOI: 10.11117/rdp.v18i99.5939. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/5939>. Acesso em: 3 fev. 2024.

BARBOSA, Juliana da Silva Dias;; BATISTA, Danilo Lemos. **As Mídias Sociais na Educação**. Ufs.br. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10374/3/25.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BARCA, Isabel. Consciência histórica – teoria e práticas:as mensagens nucleares das narrativas dos jovens portugueses. **Revista de Estudos Curriculares**, Braga, v.4, n. 2, p. 195-208, 2007.

BESSA FREIRE, José Ribamar. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. “Reflexões sobre o ensino de História”. In: **Estudos Avançados**, 32 (93), p. 127-149, 2018.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? **História & Ensino, Londrina**, v.21, n.2, p.105-124, jul./dez. 2015.

CALAZANS, J. H. C.; LIMA, C. A. R. Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online. Encontro Nacional da História da mídia. Ouro Preto. Jun. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiada->

midia-digital/sociabilidades-virtuaisdo-nascimento-da-internet-a-popularizaçãodos-sites-de-redes-sociais-online>. Acesso em: 11 de agosto de 2022.

CARRETERO, Mario. Ensino de história e memória coletiva. Porto Alegre: Aitmed, 2007.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; MULLET, Nilton. A aprendizagem em história e os conteúdos históricos (Artigo) In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/aprendizagem-em-historia-e-os-conteudos-historicos/>. Acesso em 28 de Abril de 2023.

CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Edna. Etnotecnologia: um campo em construção. In: CASTRO, Edna; PINTO, Lúcio Flávio (Orgs.). **Amazônia: a fronteira agrícola 40 anos depois**. Belém: UFPA, p. 17-36, 2010.

CERRI, L. F. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.15i2.264278. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2380>. Acesso em: 20 abril. 2023.

_____. Ensino de História e consciência histórica. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.

CHARTIER, R. A história ou a leitura do tempo. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COELHO, Fabiano; LEITE, Eudes. História: O que é, quanto vale, para que serve?. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. Ensino de História e historiografia escolar digital. Curitiba: CRV, 2021.

_____. Tecnologias digitais no ensino de História: competências históricas e formação docente. *Revista História Hoje*, v. 9, n. 18, p. 247-264, 2015.

CORDEIRO, L. Z.; COSTA, R. P. DA. Problematizações das tecnologias digitais na formação do professor de história no contexto amazônico. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 27, n. 45, p. 228–248, 19 jun. 2020.

DE SOUZA, Carla Monteiro; NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. Notas sobre a presença nordestina em Roraima. **Muiraquitã - UFAC**, v. 3, n. 1, pág. 121 - 141, 2015.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.; MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017.

DROESCHER, F. D.; SILVA, E. L. O pesquisador e a produção científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 1, p. 11, 2014.

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21 n. 65 abr.-jun, p. 281-298, 2016.

FERNANDES, A. T. de C. Uma obra didática e suas diferentes versões. **Revista de História São Paulo (online)**, n.176, 2010.

_____. Ensino de História e seus conteúdos. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 32, n. 93, p. 151-173, 2018. DOI: 10.5935/0103-4014.20180036. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152566>. Acesso em: 5 de maio de 2023.

FERREIRA, João Batista. Etnotecnologia na educação escolar indígena: um estudo de caso na aldeia Tiracambu dos Wapixana. 2015. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

FERREIRA, N. S. C. Oficinas pedagógicas: lugar de inventar, produzir conhecimento coletivo, fazer consertos, criar. In: FERREIRA, N. S. C. (Org.). *Supervisão educacional*

para uma escola de qualidade: da formação à ação. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de história e as novas tecnologias: desafios e perspectivas. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, p. 39-54, 2006.

_____. Fazer e ensinar história. - Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

_____. Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2017.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos. Ensinar história no século XXI: em busca do tempo perdido. Campinas, SP: Papirus, 2019.

FREIRE, P.; MACEDO, D. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, R. R. Aprendizagem histórica e cultura histórica: Contributos para investigações sobre o lugar da intersubjetividade na formação histórica. **História & Ensino**, v. 22, n. 2, p. 247, 2016.

GOMEZ, Margarita Victoria. Cibercultura, formação e atuação docente em rede: guia para professores. Brasília: Liberlivros, 2010.

_____. Abordagens Históricas Sobre a História Escolar . Disponível _____ em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/15136/11519>>. Acesso em: 23 abril. 2023.

_____. “Reflexões sobre o ensino de História”. In: **Estudos**

Avançados, 32 (93), pp. 127-149, 2018.

GRILLO, M. C. et al. Ensino e pesquisa com pesquisa em sala de aula. Disponível em: <<https://faculadearretos.com.br/wp-content/uploads/2015/11/pesquisa-sala-de-aula2.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

GUEDES, P. G. O. Formação de professores: oficinas pedagógicas como estratégia didática na educação infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 6., 2019, João Pessoa. Anais. João Pessoa: Realize Editora, 2019.

HENNESSY, B. Influencer: building your personal brand in the age of social media. New York: Citadel Press Books/Kensington Publishing Corp., 2018.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LAVILLE, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. **Revista brasileira de história**, v. 38, pág. 125–138, 1999.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, D. L. S. Prática docente e a formação do professor de história: contribuições e experiências de uma pesquisa em ensino de história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (SNH), 30., 2019, Recife. Anais... Recife: ANPUH, 2019.

LIMA, F. A influência dos influenciadores digitais com conteúdo histórico. **Revista História & Cultura**, v. 9, n. 2, p. 123-140, 2020.

LIMA, Ramon Nere de. O ensino de História na educação básica: desafios e perspectivas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 51, p. 13-25, set. 2013.

_____. História e tecnologia: reflexões sobre o uso das mídias

digitais na sala de aula. Curitiba: CRV, 2014.

LUCCHESI, A. Por um debate sobre história e historiografia digital. *Boletim Historiar*, n. 2, p. 45-57, 2014. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2127> >. Acesso em: 18 jan. 2024.

MACHADO, Clayton. Práticas teatrais no ensino de História: contribuições de Augusto Boal e Paulo Freire. Florianópolis: UFSC, 2017.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre public history. **História da Historiografia**, n. 15, p. 27-50, ago. 2014.

MAUAD, Ana Maria. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. **História Educação [Online]**. Porto Alegre, v.19, n.47, set./dez, p.81-108, 2015.

MATOZZI, Ivo. Ensinar a escrever sobre história. **História & Ensino**. Londrina, v. 14, p. 07-28, ago. 2008.

MAYNARD, A. S. C. ; MAYNARD, Dilton C. S. (Org.) . Textos sobre ensino de história. 1. ed. Recife: Edupe,. v. 1. 202p, , 2021.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Escritos sobre História e Internet. 1st ed. Rio de Janeiro: FAPITEC/MULTIFOCO, 2011.

MEDIANO, Zélia. A formação em serviço de professores através de oficinas pedagógicas, in: CANDAU, V.M. (org.) *Magistério: construção cotidiana*, Petrópolis: Vozes, pág. 91-99, 1997.

_____. Ética e tecnologias digitais no ensino de História: desafios e responsabilidades para os professores da educação básica. **Revista História e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 45-60, 2021.

MENEZES, J. DE A. et al. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO INSTAGRAM COMO A TECNOLOGIA LEVE EM TEMPOS PESADOS DE PANDEMIA. **Psicologia &**

sociedade, v. 32, 2020.

MONTEIRO, A. M. F. D. A. C. Professores: entre saberes e práticas. **Educação & sociedade**, v. 22, n. 74, p. 121–142, 2001.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.

MOURA, Ricardo Damasceno. Etnotecnologia, Amazônia e culturas digitais. *Margens*, v. 7, n. 8, p. 295-303, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2763>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MOTA, M. F.; FERREIRA DE MELO, L. J.; MELO ANDRADE, D. de C. SERIA O EDUCADOR UM DIGITAL INFLUENCER PARA A DIFUSÃO DE SABERES NA CULTURA CIBER?. **II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber**, [S. l.], n. 1, 2020. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/abciber/article/view/12611>. Acesso em: 3 mar. 2024.

NAPOLITANO, Marcos. História na era digital: fundamentos e práticas. São Paulo: Contexto, 2020.

OLIVEIRA, Priscila Patrícia Moura. Manual interativo de utilização do Instagram como ferramenta pedagógica. Rio Pomba: IF Sudeste MG, 2020.

PAGÈS, J. Aprender a enseñar Historia y Ciencias Sociales: el currículo y la Didáctica de las Ciencias Sociales *Pensamiento Educativo*, 30, p. 255-269, 2002.

PENACHIONI, J. Discurso de ódio nas redes sociais: uma análise da página "Orgulho de ser hetero". **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 23, n. 45, p. 11-34, jan./jun. 2019.

PENALVA, G.; PENALVA, L. de C. AMAZÔNIA, AMAZONIDADE E TRANSVERSALIDADE: EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO. **Organon**, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1–13, 2021.

PEREIRA, Bernadete Terezinha. O Uso de Tecnologias da Informação e Comunicação na prática pedagógica da escola. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf>>. Acesso em: 29 fev. 2024.

PINHEIRO, J. M. S. Influenciadores digitais: quem são? Como se classificam? Como se relacionam com as marcas? **Revista GEMInIS - Grupo de Estudos sobre Mídias Interativas em Imagem e Som - USP São Carlos** - v. 10 - nº 1 - jan./jun., 2019.

PISSARA, F. Influenciadores digitais: quem são? O que fazem? Como se relacionam com os públicos? In: Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. São Paulo: Intercom. 2018.

RECUERO, R. Narrativas visuais no Instagram: uma análise das selfies dos usuários brasileiros. In: Anais do XXIII Encontro Anual da Compós. São Paulo: Compós, 2015.

_____. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

REIS, José Carlos. O que é História. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 7-15, 2004.

RICON, Leandro Couto Carreira. Ensino, Pesquisa e Escrita da História: Reflexões sobre Impasse e Diálogos Possíveis. In: Textos sobre Ensino de História. Recife: EDUPE, 2021.

RÜSEN, J. OS PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM: A FILOSOFIA DA HISTÓRIA NA DIDÁTICA DA HISTÓRIA. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18579.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2023.

_____. Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora, 2001.

SAAD, E.; ANDRADE, L. Professores-influencers: novos desafios para a educação na era digital. In: Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília: SBPJor, 2019.

SANTOS, E. M. Formação continuada de professores de história na era digital: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de História & Ensino**, v. 13, n. 2, p. 63-82, 2017.

SANTOS, E. M.; SILVA, M. C. Redes sociais e educação: uma análise das potencialidades pedagógicas do Facebook. **Educação & Tecnologia**, v. 22, n. 1, p. 63-76, 2017.

SANTOS, Gilson Pedroso dos. A educação na Amazônia: formação do educador amazônico em perspectiva histórica (1970-2010). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFAM/FAED/UFAM/Manaus/AM/Brasil/2013.

SANTOS, J. O Instagram como ferramenta de comunicação digital. **Revista Comunicação & Inovação**, v. 20, n. 43, p. 25-40, 2019.

SANTOS, M. L. Instagram e a educação: algumas considerações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. 33-48, 2022.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos S. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772004_f804ec348a80e26077f7f99f639e4ba4.pdf>. Acesso em: 22 de Abril. 2023.

_____. A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE ALUNOS E PROFESSORES EO COTIDIANO EM AULAS DE HISTÓRIA. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/bnBSVjTpFS7wbs9W659NMGC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 9 maio. 2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos S.; URBAN, Ana Claudia. O que é Educação Histórica. Curitiba: W.A. Editores, 2018.

SEIXAS, P. A. History/Memory Matrix for History Education: Eine Geschichts/Gedächtnis-Matrix für den Geschichtsunterricht. Canadá, 2016.

SILVA, A. C.; SANTOS, M. L. O Instagram como recurso didático para o ensino de história. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Matemática**, v. 10, n. 1, p. 29-46, 2020.

SILVA, D. G. da; ALONSO, K. M. Formação on-line e praticantes culturais: elementos sócio-históricos em contextos de formação na cultura digital. *Momento - Diálogos em Educação*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 108–127, 2018. DOI: 10.14295/momento.v27i1.7794. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/7794>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

SILVA, J. A. Instagram e a Matemática: um desafio para os alunos. **Revista de Educação Matemática**, v. 15, p. 25-40, 2021.

SILVA, M. Citações diretas e indiretas nas normas da ABNT: como fazer? Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/RCI/article/view/10417>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SILVA, M. R. História e tecnologias digitais na Amazônia: desafios e perspectivas para a educação. In: ALMEIDA, M. E. B.; SILVA, M. R. (orgs.). *Currículo, docência e cultura digital: cenários para o ensino de história*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 39-60, 2018.

SILVA, M. Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. *Boletim Técnico do Senac*, v. 27, n. 2, p. 42-49, 30 maio 2001.

_____. Redes sociais e comunicação científica: um olhar crítico. **Revista Brasileira de Comunicação Científica**, 12(3), 108-123, 2019.

SILVA, Marcos. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, R. M. Redes sociais e história local: uma experiência pedagógica na Amazônia Paraense. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 25-40, 2018.

SOUZA, J. C. Redes sociais e diversidade cultural na Amazônia: um estudo de caso sobre o projeto Rios de Encontro. **Revista Brasileira de Educação em Cultura e Meio Ambiente**, v. 15, n. 44, p. 41-58, 2020.

TECNOBLOG. Instagram: o que é, história e como funciona a rede social. Disponível em:

<https://tecnoblog.net/responde/instagram-o-que-e-historia-e-como-funciona-a-rede-social/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

ULIANA BARBOZA, E. F. Desafios e oportunidades educacionais e comunicacionais na sociedade da visualização. *Paradoxos*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1–13, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/paradoxos/article/view/68780>. Acesso em: 3 fev. 2024.

VICTOR ARAÚJO, R. O USO DE REDES SOCIAIS COMO PRÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA. *Jamaxi*, [S. l.], v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/1721>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

VILLA, M. A. . A revolução de 1932: Constituição e cidadania. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, v. 1. 104p, 2010.

WANDERLEY, Sonia Maria Ignatiuk. Ensino de história: uma prática pública? In: WANDERLEY, Sonia Maria Ignatiuk; SPINOSA, Vanessa (orgs.). **Ensino de história: práticas públicas em debate**. Rio de Janeiro: FGV Editora, p. 13-34, 2020.

_____. Um repositório digital para ensinar e aprender história: o BaObAH como lugar de formação. **Revista Historiar**, v. 14, n. 26, p. 1-18, jan./jun. 2022.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO DE HISTÓRIA

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão

Atividade para realização do Produto de Mestrado – orientação: Profa. Dra. Marcella

Albaine

DOI: 10.5281/zenodo.12049162

Oficina

“Professor Influencer? As Possibilidades do Instagram para o Ensino de História” –

autoria: Hudson Araújo - Etapa 1

Público alvo

Docentes de História da Educação Básica.

Realização

Oficina realizada durante o mês de Abril de 2023 com mestrandos ingressantes no ProfHistória da Universidade Federal de Roraima.

Objetivo

Explorar possibilidades didáticas, através do Instagram, que possam contribuir para o Professor de História, tornando essa rede um meio de interação e construção de conhecimento histórico escolar.

Etapas de desenvolvimento

Primeira momento (10 min.):

1º parte (5 min.): Apresentação do pesquisador/professor, situando a pesquisa e a experiência a frente do @profhudsonaraujo.

2º parte (5 min.): Apresentação da Pesquisa

Segundo momento (40 min.):

1º parte (10 min.): Apresentar as Redes Sociais, com ênfase no Instagram, como métodos utilizados para o Ensino de História, situando os ouvintes sobre as produções intelectuais sobre a temática, bem como, as potencialidades, possibilidades e dificuldades do uso das mesmas pelos Professores de História.

2º parte (5 min.): Nesse momento, utilizando-se de recursos como o site MentiMeter, será verificado e levantado sobre quais Redes Sociais que os professores usam e quais as palavras-chave vêm na mente deles quando pensam em Instagram.

3º parte (25 min.): A partir das palavras expostas anonimamente pelos professores, através da Nuvem de Palavras, será conversado sobre o uso do Instagram e outras Redes Sociais, na sala de aula e fora dela, entendendo-as a partir do pensamento dos próprios professores e suas experiências.

Terceiro momento (30 min.):

1º parte (10 min.): Será mostrado como montar um perfil profissional de Professor de História no Instagram e apresentar os recursos dessa plataforma, conversando com os docentes sobre as várias possibilidades do uso das mesmas, utilizando-se como principal referência o perfil @profhudsonaraujo. Serão apresentados não apenas o Instagram, mas também outros aplicativos que podem auxiliar na produção de conteúdo para essa Rede, tais como CapCut, Pinterest, Twitter, Canva, etc.

2º parte (5 min.) Finalização da Oficina, com agradecimentos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO DE HISTÓRIA

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão

Atividade para realização do Produto de Mestrado – orientação: Profa. Dra. Marcella

Albaine

Oficina

“Professor Influencer? As Possibilidades do Instagram para o Ensino de História” –

autoria: Hudson Araújo - Etapa 2

Público alvo

Docentes de História da Educação Básica.

Realização

Oficina realizada durante o mês de Setembro de 2023 com mestrandos ingressantes no ProfHistória da Universidade Federal de Roraima.

Objetivo

Explorar possibilidades didáticas, através do Instagram, que possam contribuir para o Professor de História, tornando essa rede um meio de interação e construção de conhecimento histórico escolar.

Etapas de desenvolvimento

Primeiro momento (20 min.):

1º parte (2 min.): Apresentação do pesquisador/professor, situando a pesquisa e a experiência a frente do @profhudsonaraujo.

2º parte (8 min): Relembrar o que foi visto na primeira parte da oficina pedagógica, revendo conceitos como Ensino de História no Instagram e como essa plataforma de divulgação de conhecimento histórico.

3º parte (10 min.): Apresentar e pontuar as várias recursos do Instagram que emospodem ser utilizados pelo professor de história para produzir conteúdo histórico, bem como dicas de como criar um perfil e aplicativos que podem ajudá-los a criar conteúdo.

Segundo momento (40 hora.):

1º etapa (40 minutos): Nesta etapa, os professores ficarão livres para pensar e produzir conteúdos para o Instagram de acordo com o que foi conversado, colocando a mão na massa. Sendo incentivado a pensar sobre o que seus alunos estão vendo em sala de aula naquele momento, ou o que é importante para a sociedade. Foi pontuado que eles poderiam conversar e construir juntos a postagem.

Terceiro momento (45 minutos.):

1º etapa (30 min.): Neste momento, iremos conhecer os conteúdos criados e produzidos pelos próprios professores, trocando conhecimento e ouvindo as dificuldades e facilidades encontradas pelos docentes que se dispuseram à Oficina.

2º etapa (15 min): Finalização da Oficina, com ponderamentos sobre o que foi produzido e agradecimentos.

APÊNDICE 2 - SLIDES UTILIZADOS NAS OFICINAS PEDAGÓGICAS





Tem pesquisa?



Há poucos estudos com essa perspectiva, e, menos ainda, enfocando a realidade brasileira. Compreender como esses grupos são expressos na Internet é um ponto importante para se entender também como a comunicação mediada pelo computador está modificando a sociabilidade contemporânea. Não se trata de um lugar comum, afinal de contas, o uso da Internet tem crescido de forma constante no mundo inteiro, e, de uma forma especial, esse uso para a comunicação. **(RECUERO, 2009, p. 164)**



635 MINUTOS

O brasileiro passa por semana nas Redes Sociais
segundo pesquisa feita pela NordVPN



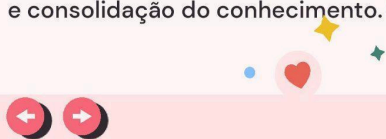
E o Ensino de História?

Imperativo de ressignificar a nossa prática docente, muitas vezes questionada por nós diante os inúmeros problemas que se apresentam na vida cotidiana e que são recorrentes, como o desinteresse dos estudantes pela História como saber escolar e apatia durante as aulas, a falta de empatia pelo sujeitos históricos e a preferência pelas mídias e redes sociais digitais para aprender determinados conteúdos históricos. **(Moraes, 2018, p. 14)**



Como fazer?

O desenvolvimento é conduzido procurando contemplar uma tríplice orientação: o que fazer, para que fazer e como fazer. É assim que surge o desenvolvimento da educação que pode transformar as ações em ideias e as ideias em ações, num processo dialógico onde professores e alunos podem contribuir com o processo de construção do conhecimento, segundo a concepção progressista. Esse processo dialógico contribui com os processos de formação, nos fornecendo subsídio para que possamos auxiliar o desenvolvimento das potencialidades humanas, promovendo a construção e consolidação do conhecimento. **(SILVA, 2012, p. 3)**



E ESSE INSTAGRAM?



#SACASÓnessaHistória



O Instagram é uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos que foi criada em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger. O aplicativo se destacou por permitir que os usuários aplicassem filtros artísticos às suas imagens e as publicassem em formato quadrado. O Instagram também se tornou popular por integrar elementos sociais, como curtidas, comentários e seguidores. Em 2012, o Facebook comprou o Instagram por US\$ 1 bilhão e expandiu o aplicativo para outras plataformas, como o Android. Desde então, o Instagram adicionou novos recursos, como os Stories, os Reels e as transmissões ao vivo. Hoje, o Instagram é uma das maiores redes sociais do mundo, com mais de 2 bilhões de usuários ativos por mês, no Brasil em 2023, com 113,5 milhões de usuários.



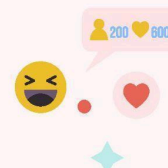
O que te impediria em ser Professor também no Instagram?

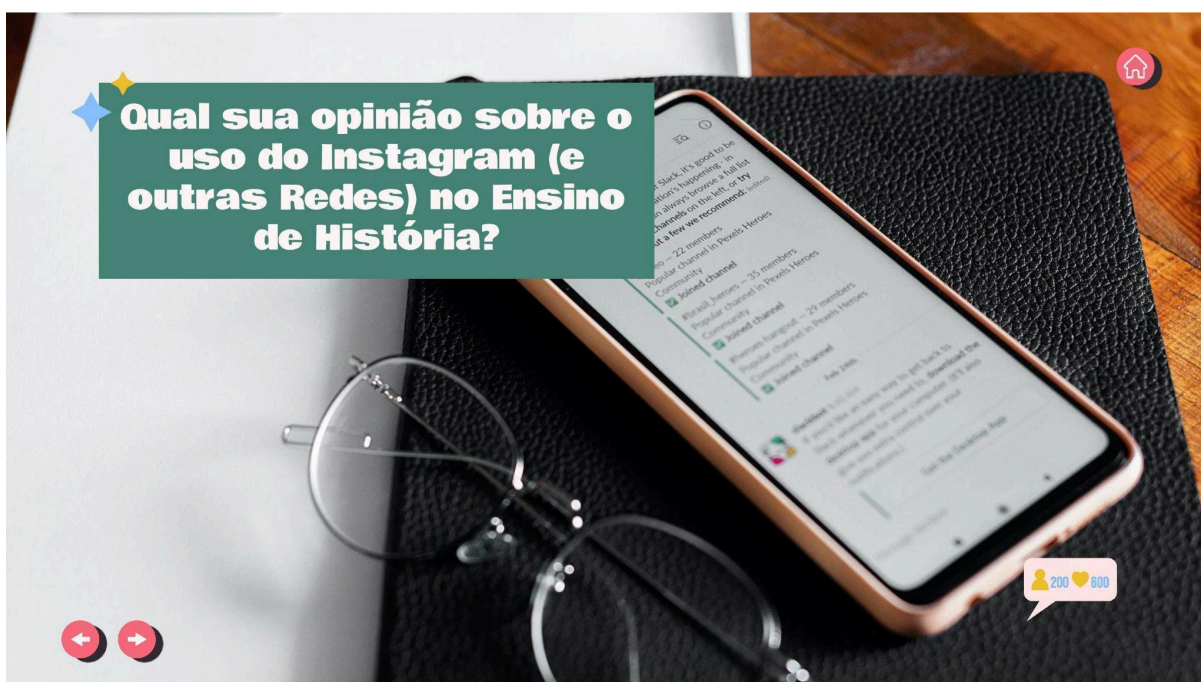


Use o QR Code



Dê sua opinião





COMO MONTAR UM PERFIL DE PROFISSIONAL DE DOCENTE.

01

CRIAR PERFIL

Clique em "Adicionar Conta" e depois "Criar nova conta". Escolha uma Conta Profissional.

02

NOME

Escolha um nome direto e fácil, esse será seu endereço.

03

BIO

Sua Biografia tem que estar claro que quem administra esse perfil é um/a Professor/a de História.

04

CORES

Escolha uma paleta de cores que te goste para usar em seu perfil.

05

FOTO DE PERFIL

Escolha uma foto de busto, bem iluminado com fundo monocromático.

06

LINK DA BIO

Aqui você pode colocar links de outras Redes Sociais ou de algum blog ou site que você indicar.

Ferramentas do Instagram



FEED

Grade de Fotos e Vídeos que aparece no seu Perfil



STORIES

São publicações de fotos ou vídeos que duram 24hs no perfil.



REELS

Vídeos de 90 segundos com vários efeitos.



IGTV

Gravações entre 90 segundos e 15 minutos, sem efeitos.



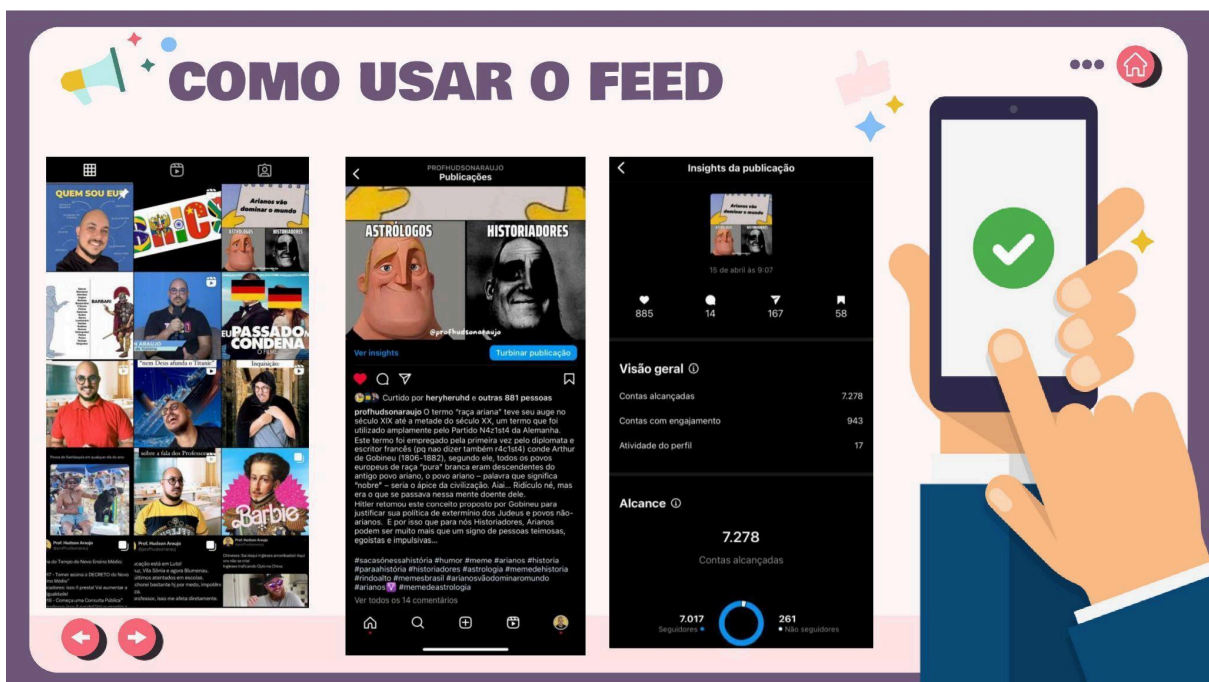
AO VIVO

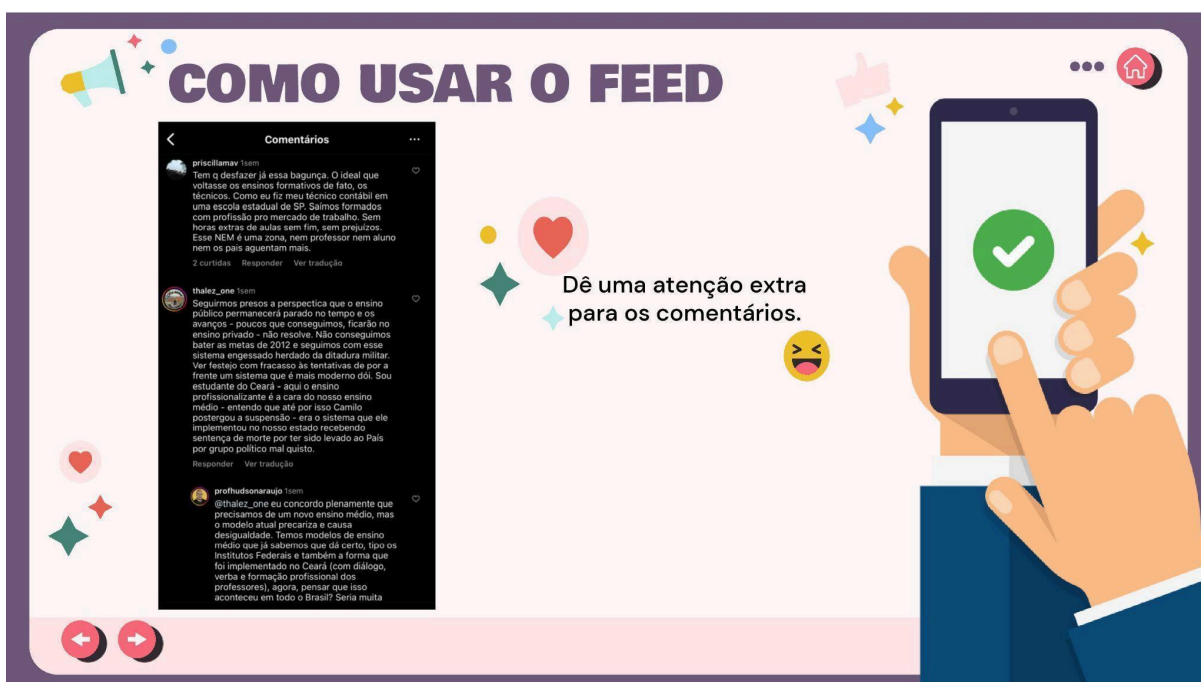
Transmissão ao vivo por até 90 minutos.

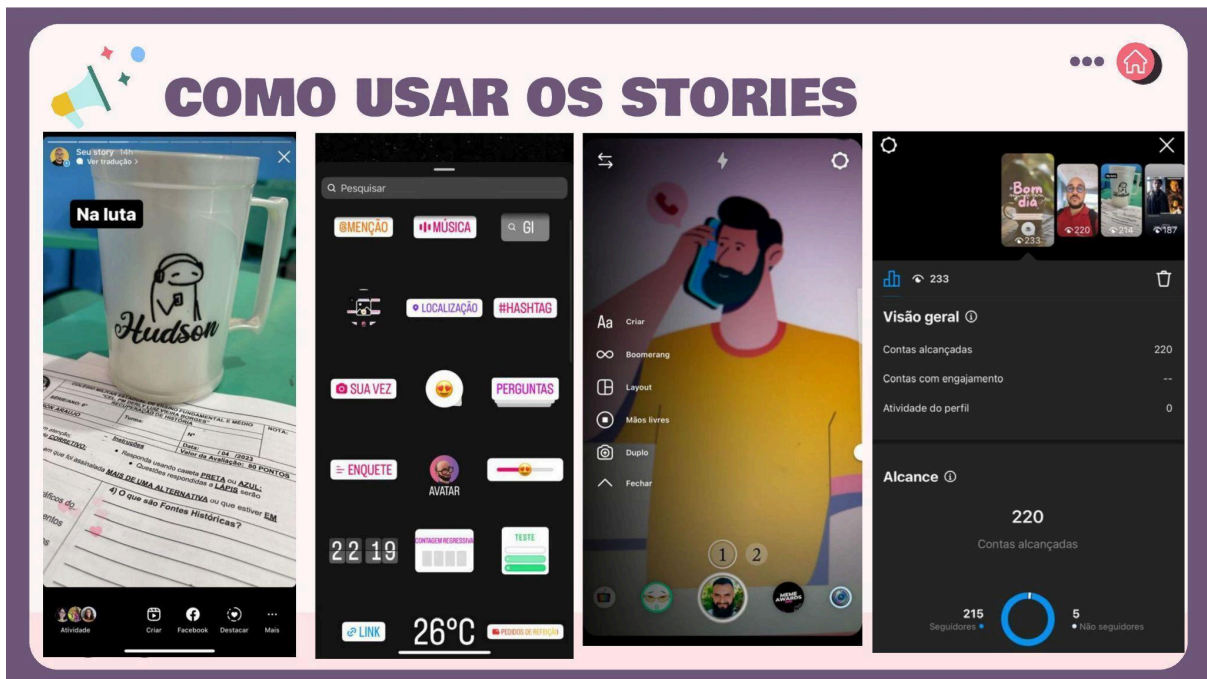


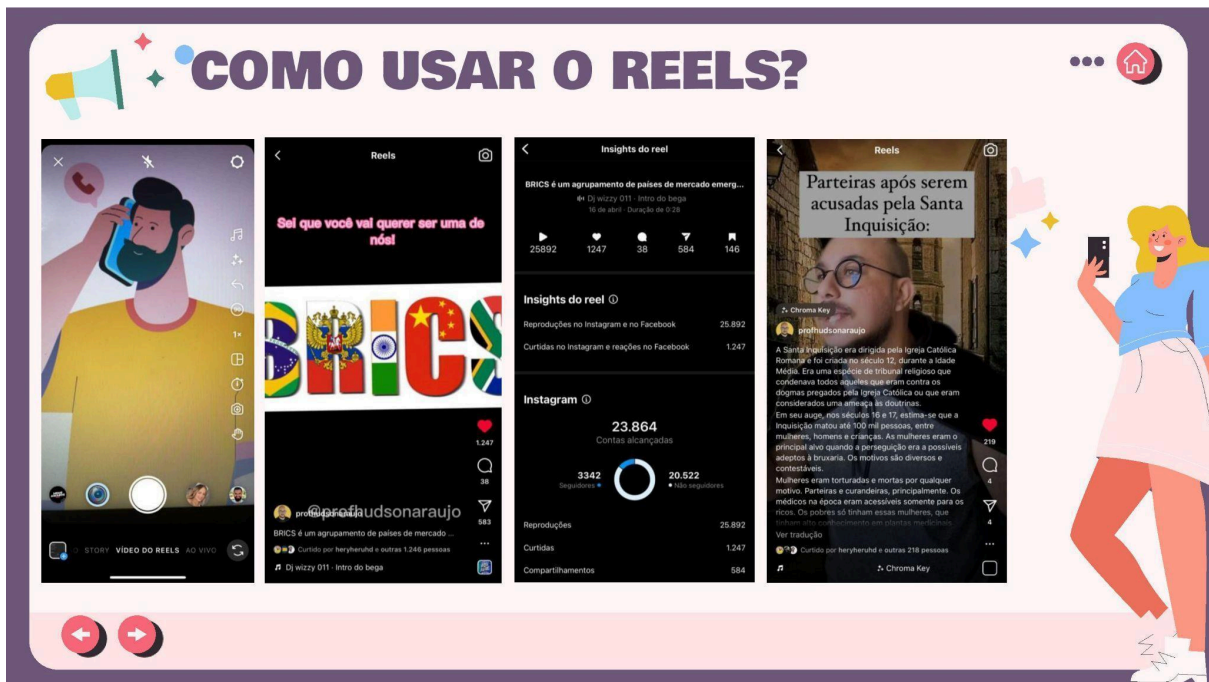
Destaques

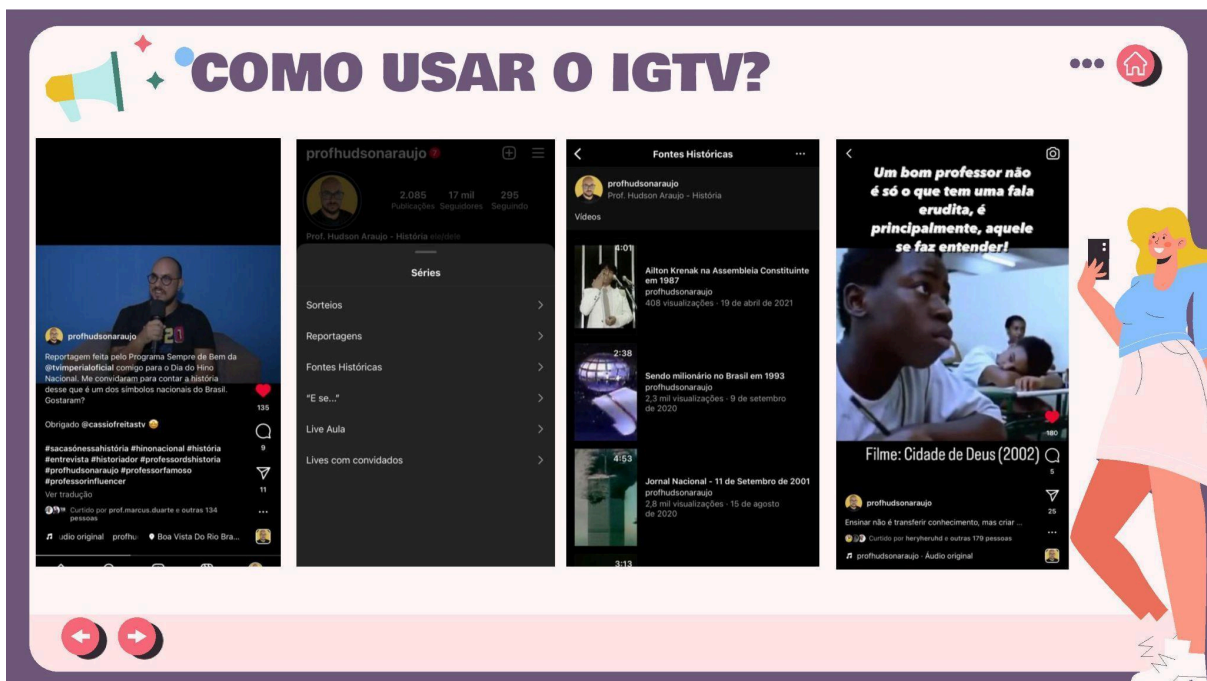
Maneira de enviar e receber mensagens privadas para outras pessoas.















FIQUE DE OLHO NAS MÉTRICAS

Uma das formas de melhorar sua presença nas redes sociais é usar a métrica do Instagram para aumentar seu alcance. A métrica do Instagram é um conjunto de dados que mostra como seu conteúdo está se saindo na plataforma, como número de curtidas, comentários, compartilhamentos, visualizações e seguidores. Esses dados podem ajudá-lo a entender o que seu público gosta, qual é o melhor horário para postar, quais são as hashtags mais populares e como otimizar sua estratégia de marketing. Usando a métrica do Instagram, você pode criar conteúdos mais relevantes e engajantes para sua audiência e ampliar sua visibilidade online.

Para ver as informações do desempenho da sua conta, basta clicar em "Ver painel profissional" no canto superior do seu perfil e depois em "Ver todos os insights". Lá você pode acompanhar quantas contas seu perfil alcançou, interações com seu conteúdo e até mesmo informações sobre seu público.

Ficou pensando no porquê saber tudo isso? Essa pode ser a sua base na hora de produzir conteúdo e saber o que vai dar certo ou não. Se a maioria do seu público tem entre 25 a 34 anos, você pode verificar o que o pessoal dessa idade mais procura em seu segmento.

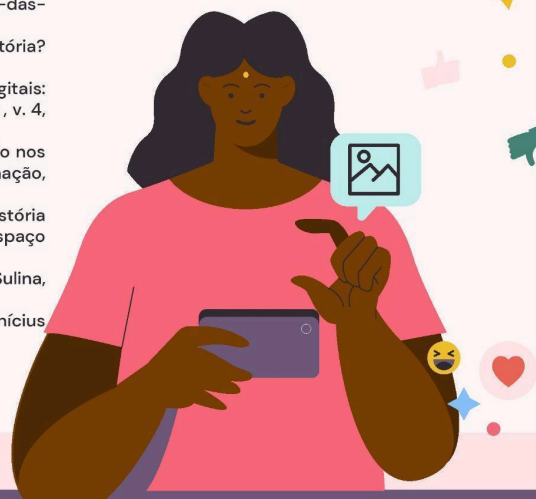


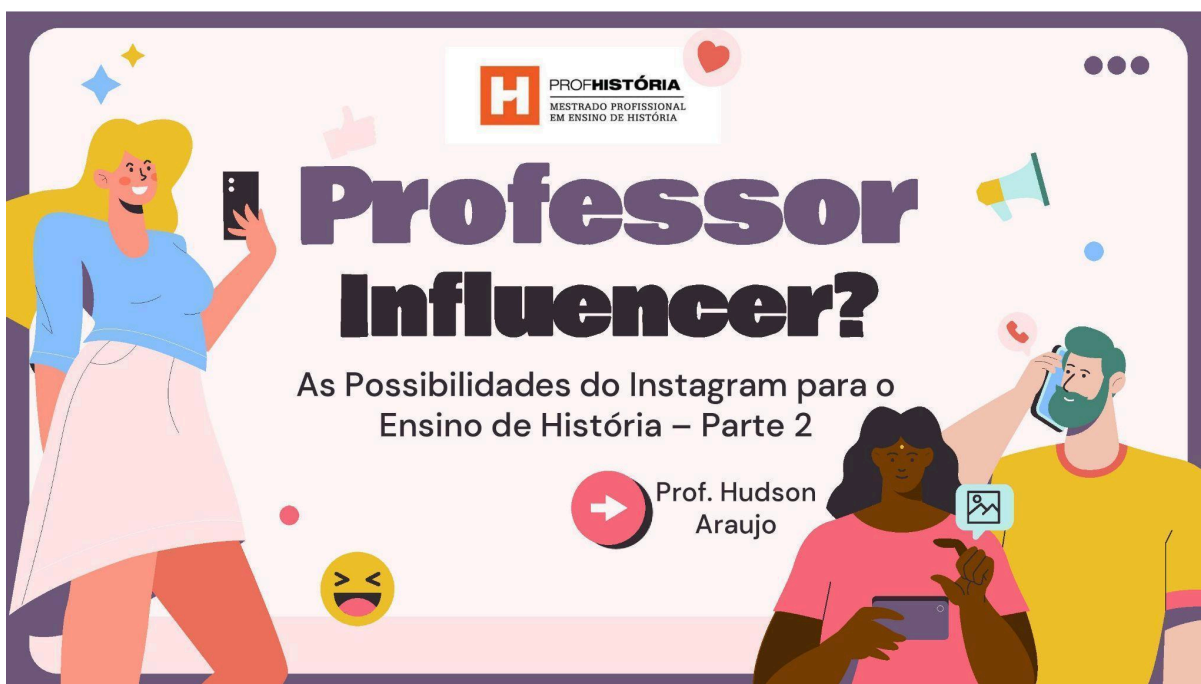
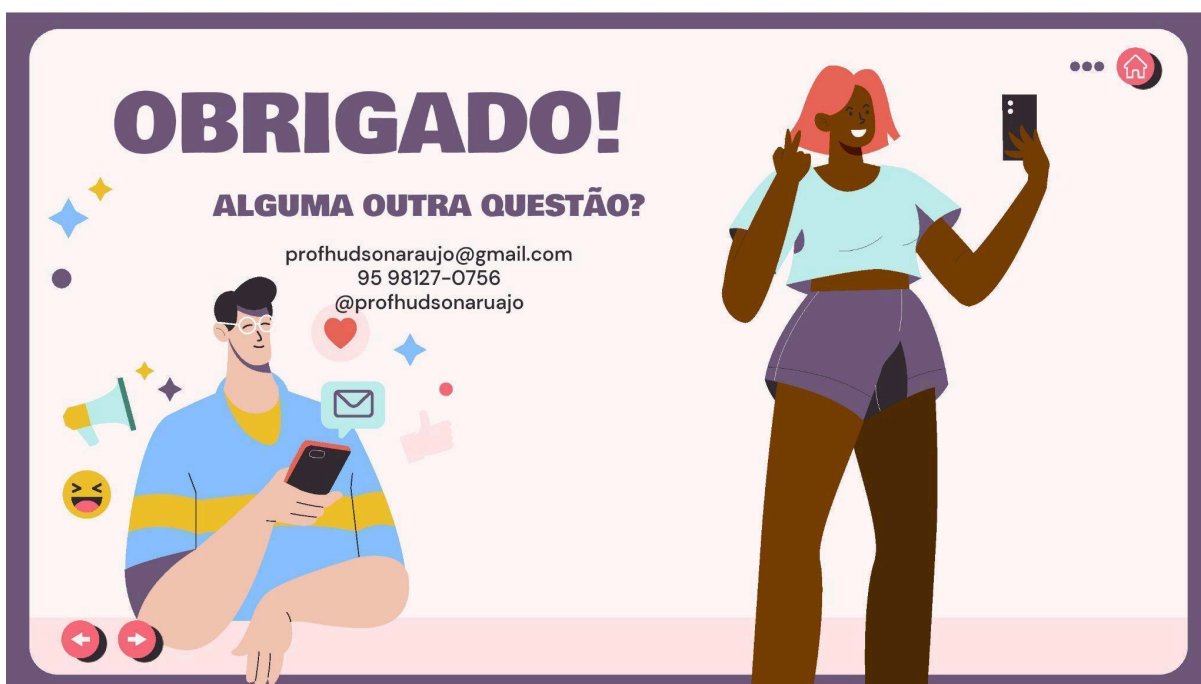


**O que você achou
dessa
experiência?**

Quer ler mais sobre o assunto?

- AROS; GOMES. A influência das redes sociais na comunicação humana. Disponível em: <<http://cortezze.com.br/ainfluencia-das-redes-sociais-na-comunicacao-humana/>>.
- CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? História & Ensino, Londrina, v.21, n.2, p.105-124, jul./dez. 2015.
- COSTA, MAF DA. Ensino de História e tecnologias digitais: trabalhando com oficinas pedagógicas. Revista História Hoje, v. 4, n. 8, pág. 247, 2016.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MORAES, Daniela Martins de Menezes. Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar. Recife: ProfHistória, 2018.
- RECUERO, R. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009. 191 p.
- VEEN, Wim. Homo Zappiens: educando na era digital. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.







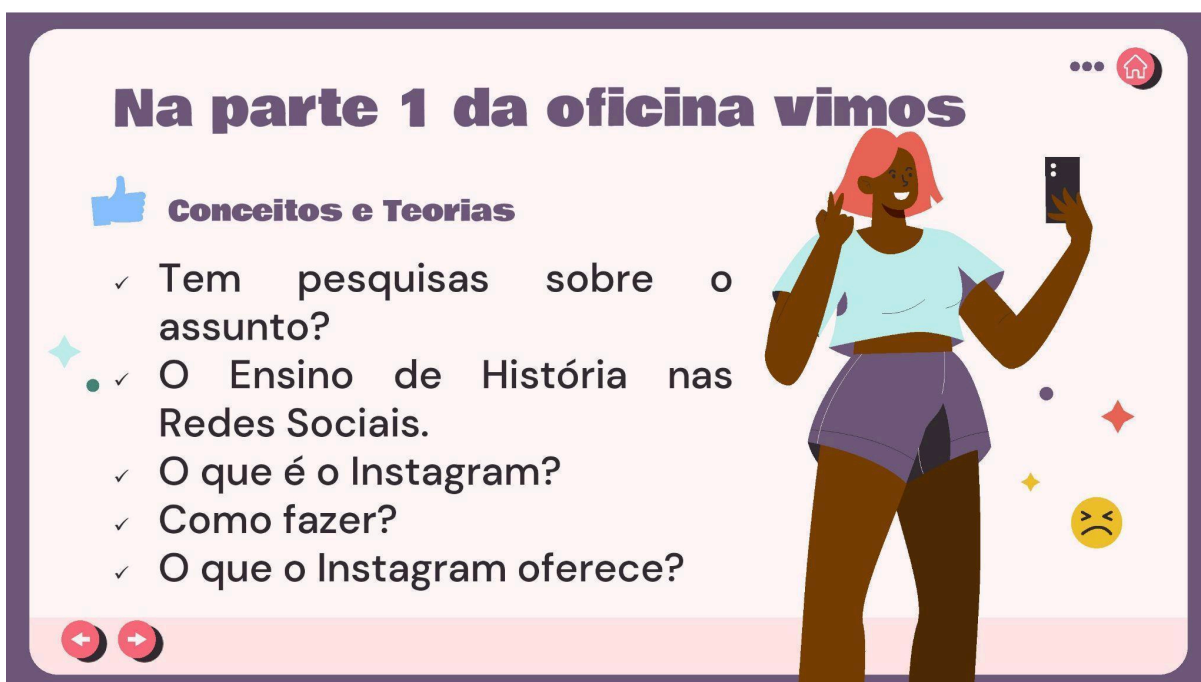

A Pesquisa

Título: #SACASÓNESSAHISTÓRIA – As Possibilidades do Instagram para o Ensino de História

Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/ PROFHISTÓRIA da Universidade Federal de Roraima.

Orientadora: Marcella Albaine Farias da Costa

Linha de Pesquisa: Narrativas Históricas: Produção e Difusão





COMO MONTAR UM PERFIL DE PROFISSIONAL DE DOCENTE.

01
CRIAR PERFIL

Clique em "Adicionar Conta" e depois "Criar nova conta". Escolha uma Conta Profissional.

02
NOME

Escolha um nome direto e fácil, esse será seu endereço.

03
BIO

Sua Biografia tem que estar claro que quem administra esse perfil é um/a Professor/a de História.

04
CORES

Escolha uma paleta de cores que te goste para usar em seu perfil.

05
FOTO DE PERFIL

Escolha uma foto de busto, bem iluminado com fundo monocromático.

06
LINK DA BIO

Aqui você pode colocar links de outras Redes Sociais ou de algum blog ou site que você indicar.

Ferramentas do Instagram



APPS QUE PODEM TE AUXILIAR



Calma, antes...

Para criar um conteúdo histórico para o Instagram, um professor de história pode considerar os seguintes pontos:

- **1. Definir o público-alvo:** Pense em quem você deseja alcançar com seu conteúdo. Isso ajudará a adaptar sua linguagem e estilo de comunicação para atender às necessidades e interesses do seu público.
- **2. Escolher um tema relevante:** Selecione tópicos históricos que sejam interessantes e relevantes para o seu público. Considere eventos históricos importantes, figuras históricas influentes ou até mesmo curiosidades históricas menos conhecidas.
- **3. Pesquisar e verificar fatos:** Antes de compartilhar informações históricas, verifique a precisão dos fatos. Consulte fontes confiáveis e verifique se as informações estão corretas antes de compartilhá-las com seu público.



4. Criar conteúdo visualmente atraente: O Instagram é uma plataforma visual, portanto, certifique-se de criar conteúdo que seja atraente visualmente. Use imagens, gráficos ou até mesmo vídeos curtos para ilustrar seus pontos e tornar seu conteúdo mais envolvente.

5. Contar histórias: Aproveite a oportunidade para contar histórias interessantes relacionadas ao tema que você está abordando. As pessoas adoram ouvir histórias, então use narrativas envolventes para capturar a atenção do seu público.

6. Incentivar a interação: Faça perguntas aos seus seguidores e incentive-os a compartilhar suas próprias histórias ou opiniões sobre o tema que você está discutindo. Isso ajudará a criar uma comunidade engajada em torno do seu conteúdo.

7. Adaptar o formato ao Instagram: Considere as limitações e recursos do Instagram ao criar seu conteúdo. Use legendas curtas e concisas, hashtags relevantes e explore recursos como carrosséis de imagens ou vídeos curtos para maximizar o impacto do seu conteúdo.

Lembre-se de que essas são apenas algumas sugestões iniciais para ajudá-lo a começar. A criatividade é fundamental ao criar conteúdo para o Instagram, então sinta-se à vontade para experimentar diferentes abordagens e descobrir o que funciona melhor para você e seu público.





